



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ROGÉRIO SOARES FRAGOSO

EDUCANDO COMO DONO DE VOZ NA GESTÃO DE ESPAÇOS E CURRÍCULO
DO PROGRAMA PROJOVEM URBANO

CURITIBA

2018

ROGÉRIO SOARES FRAGOSO

EDUCANDO COMO DONO DE VOZ NA GESTÃO DE ESPAÇOS E CURRÍCULO
DO PROGRAMA PROJOVEM URBANO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação: Teoria e Prática de Ensino, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, como requisito à obtenção de título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dra. Sônia Maria Chaves Haracemiv

CURITIBA

2018

Catálogo na Fonte: Sistema de
Bibliotecas, UFPR Biblioteca de Ciência
e Tecnologia

F811e Fragoso, Rogério Soares

Educando como dono da voz na gestão de espaços e currículos no Programa Projovem Urbano [recurso eletrônico] / Rogério Soares Fragoso – Curitiba, 2018.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Educação: Teoria e Prática de Ensino, Setor de Educação.

Orientadora: Prof.^a Dra. Sônia Maria Chaves Haracemiv

1. Práticas pedagógicas. 2. Educação do adolescente. I. Universidade Federal do Paraná. II. Haracemiv, Sônia Maria Chaves. III. Título.

CDD 331.334

Bibliotecária: Vilma Machado CRB9/1563



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR SETOR DE EDUCACAO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO: TEORIA E
PRÁTICA DE ENSINO


TERMO DE APROVAÇÃO


Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO: TEORIA E PRÁTICA DE ENSINO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado Profissional de **ROGERIO SOARES FRAGOSO**, intitulada: **EDUCANDO COMO DONO DA VOZ NA GESTÃO DE ESPAÇOS E CURRÍCULO DO PROGRAMA PROJovem URBANO**, após terem inquirido o aluno e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua Aprovação no rito de defesa.

A outorga do título de Mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 17 de Dezembro de 2018.


SONIA MARIA CHAVES HARACEMIV
Presidente da Banca Examinadora


ARACI ASINELLI DA LUZ
Avaliador Interno (UFPR)


MARIA HERMINIA LAGE FERNANDES LAFFIN
Avaliador Externo (UFSC)

AGRADECIMENTOS

Do percurso de 11 anos lecionando no Programa Projovem Urbano, a lista de pessoas que quero agradecer é imensa. Portanto, com temor e tremor que deixo aqui registrado minha gratidão às pessoas que tiveram influência mais direta no meu processo. Peço perdão aos que porventura deixar de citar, pois seria impossível nominar a todos e todas.

Início agradecendo a Deus, pelas belas oportunidades concedidas e pela graça de concretizar sonhos!

À minha orientadora Prof.^a PhD. Sonia Maria Chaves Haracemiv, pelo privilégio de ter sido escolhido como seu orientando, pela amizade, “carinho de mãe” em todos os momentos das orientações e contribuições. Fui presenteado com tamanha generosidade, competência, incentivo, cuidado, rigor e zelo. Foi um prazer ser seu orientando, sou grato pela sua parceria e pela presença motivadora. Deixo aqui registrado, do fundo do meu coração, meu muito obrigado!

Pela leitura profunda e criteriosa que a banca fez no momento da qualificação da presente pesquisa e pelas valiosíssimas contribuições recebidas, que deram um contorno mais definido para o trabalho final; foi muito importante ouvir cada apontamento. Muito obrigado pelo respeito, cuidado e pelas precisas contribuições no redirecionamento da escrita do texto!

Aos professores do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional: Teoria e Prática de Ensino, turma 2015/2017, pelas contribuições teóricas nos nossos encontros quando das disciplinas ministradas e por fazerem parte da minha formação como pesquisador.

À minha família, por torcerem por mim, em especial, à minha mãe e ao meu pai, por estarem sempre ao meu lado me apoiando e principalmente, por terem me mostrado o valor do cabo de uma enxada.

Aos meus colegas de mestrado, agradeço pelo companheirismo e pelos muitos e intensos momentos de estudos quando dos nossos encontros nas disciplinas, pelas conversas de apoio, pelas risadas nos cafés da cantina da Universidade, pelas angústias e alívios vividos durante esse período em que estivemos juntos. Foi o respeito mútuo que nos fortaleceu!

Às secretárias Darci e Lúcia, do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional: Teoria e Prática de Ensino, pela disponibilidade e gentileza sempre dispensadas. Muito obrigado!

Agradeço à Secretaria Municipal de Educação de Curitiba, com a qual tenho uma dívida social com a educação pública de qualidade junto aos jovens desse município, especialmente ao Programa ProJovem Urbano, pelo processo desencadeador de transformar e deixar minha prática mais significativa.

Aos estudantes do Programa Projovem Urbano da Cidade de Curitiba pela garra e esforço na busca constante pelo aprendizado e melhores condições de vida.

Aos meus colegas de trabalho, que junto comigo sonharam e batalharam pelo sucesso do programa.

EPÍGRAFE

O educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando, que ao ser educado, também educa. Ambos assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas. Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. Mediatizados pelos objetos cognoscíveis, que na prática bancária são possuídos pelo educador que os descreve ou os deposita nos educandos passíveis (FREIRE, 1967, p. 68).

RESUMO

O presente trabalho de pesquisa intitulado “Educando como Dono de Voz na Gestão das Práticas Pedagógicas em Diferentes Espaços do Programa Projovem Urbano”, buscou investigar a gestão do referido programa quanto aos espaços e o currículo, identificando as interferências na aprendizagem dos educandos frente às diferentes práticas pedagógicas, individual e coletiva, tendo como problema a seguinte questão: quais as diferenças entre as práticas pedagógicas do Programa Projovem Urbano no atendimento as demandas da comunidade, nos espaços escolares: ônibus itinerante e escola, em atendimento ao mesmo currículo? A investigação buscou compreender as visões sobre o Projovem Urbano, com fundamentação teórica em Arroyo (2007); Bourdieu (2008); Burnier e Cunha (2005); Charlot (2005); Freire (1996); Gadotti (2008); Larrosa (1996); Nascimento (1994); Salgado (2008) e Trivinões (2006). Foi realizado um breve histórico da implantação do programa em nível nacional e na Rede Municipal de Ensino de Curitiba. O Projovem Urbano com seus três eixos fundamentais da Política Nacional (Ensino Fundamental, Qualificação Profissional Inicial e Participação Cidadã) representa o compromisso para com os jovens brasileiros que mais sofrem com as consequências de um processo de exclusão dos bens sociais, entre os quais, a educação e o trabalho. O desafio da pesquisa consistiu em pretender ampliar e sistematizar os saberes de práticas que possam transformar a realidade da Educação de Jovens e Adultos. O espaço de investigação da pesquisa é uma escola da Rede Municipal de Ensino, da Secretaria Municipal de Educação, da cidade de Curitiba, Paraná, na qual foi desenvolvido o Programa Projovem Urbano. A pesquisa é de natureza qualitativa, exploratória e descritiva, sendo que também para esse estudo, frente à observação e diagnóstico do pesquisador que atuou onze anos atuando como docente no referido programa, possibilitou rever a partir das experiências vividas, as diferenças no desenvolvimento das práticas pedagógicas, individuais e coletivas, no atendimento ao mesmo currículo, relatando as experiências e vivências dos educandos. O percurso metodológico foi dividido em quatro momentos: o primeiro mediante uma revisão bibliográfica a fim de dialogar com as produções escritas que versam sobre o tema, segundo com estudo das análises documentais dos registros dos campos pedagógicos (ônibus e escola) objetivando compreender os princípios teórico-metodológicos e as práticas que fundamentam o programa. O momento foi a elaboração e aplicação de um questionário aos educandos visando verificar como o educando fez/faz a gestão da sua aprendizagem frente às práticas individuais e/ou coletivas ofertadas no Projovem Urbano. O quarto momento foi ouvir a voz dos educandos nos significados da prática pedagógica coletiva como significativa para a aprendizagem de todos. Os resultados obtidos permitiram identificar as diferenças entre as práticas pedagógicas do programa no atendimento às demandas da comunidade na voz dos donos das aprendizagens como possibilidades de intervenção.

Palavras-chave: Gestão dos Espaços (ônibus e escola). Currículo do Projovem Urbano. Práticas Pedagógicas.

ABSTRACT

The present study, entitled "Educating as a Voice Owner in the Management of Pedagogical Practices in Different Spaces of the Projovem Urbano Program", sought to investigate the management of this program in terms of spaces and curriculum, identifying the interferences in the students' learning in relation to the different pedagogical practices, individual and collective, having as a problem the following question: what are the differences between the pedagogical practices of the Projovem Urban Program in meeting the demands of the community in the school spaces: traveling bus and school, in accordance with the same curriculum? The research sought to understand the views on the Projovem Urbano, with theoretical foundation in Arroyo (2007); Bourdieu (2008); Burnier and Cunha (2005); Charlot (2005); Freire (1996); Gadotti (2008); Larrosa (1996); Birth (1994); Salgado (2008) and Trivinões (2006). A brief history of the implementation of the program was carried out at the national level and in the Municipal Education Network of Curitiba. Projovem Urbano, with its three fundamental axes of National Policy (Elementary Education, Initial Professional Qualification and Citizen Participation) represents the commitment to the Brazilian young people who suffer most from the consequences of a process of exclusion of social goods, among them, the education and work. The challenge of the research consisted in trying to broaden and systematize the knowledge of practices that could transform the reality of Youth and Adult Education. The research area of the research is a school of the Municipal Education Network of the Municipal Education Department of the city of Curitiba, Paraná, in which the Projovem Urbano Program was developed. The research is qualitative, exploratory and descriptive, and also for this study, in view of the observation and diagnosis of the researcher who acted for eleven years as a teacher in said program, allowed to review from the experiences lived, differences in the development of practices pedagogical, individual and collective, in attending to the same curriculum, reporting the experiences and experiences of learners. The methodological course was divided in four moments: the first one by means of a bibliographical revision in order to dialogue with the written productions that deal with the subject, secondly with a study of the documentary analyzes of the records of the pedagogical fields (bus and school) aiming to understand the theoretical principles and practices that underpin the program. The moment was the elaboration and application of a questionnaire to the students to verify how the learner did / does the management of their learning in front of the individual and / or collective practices offered in Projovem Urbano. The fourth moment was to listen to the voice of learners in the meanings of collective pedagogical practice as meaningful for the learning of all. The results obtained allowed to identify the differences between the pedagogical practices of the program in attending to the demands of the community in the voice of the owners of the learning as possibilities of intervention.

Keywords: Management of Spaces (buses and school). Curriculum of Urban Projovem. Pedagogical Practices.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 - Estrutura organizacional do Programa Projovem Urbano.....	35
FIGURA 02 - Dimensões do currículo do Programa Projovem Urbano.....	52
FIGURA 03 - Proposta Curricular do Programa Projovem Urbano.....	55
FIGURA 04 - Eixos Estruturantes do Programa Projovem Urbano.....	58
FIGURA 05 - Dimensão Participação Cidadã Programa Projovem Urbano.....	61
FIGURA 06 - Dimensão Qualificação Profissional Programa Projovem Urbano..	63
FIGURA 07 - Espaços pedagógicos do município de Curitiba.....	68

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CEB	- Câmara de Educação Básica
CEEBJA	- Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos
CNE	- Conselho Nacional de Educação
CEREJA	- Centros Regionais de Educação de Jovens e Adultos
EJA	- Educação de Jovens e Adultos
ENEM	- Exame Nacional do Ensino Médio
FTG	- Formação Técnica Geral
LDBEN	- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LE	- Língua Estrangeira
MEC	- Ministério da Educação e Cultura
MEOG	- Manual do Educador ProJovem Urbano: Orientações Gerais
PCNs	- Parâmetros Curriculares Nacionais
PJU	- Projovem Urbano
POP	- Projeto de Orientação Profissional
PROJOVEM	- Programa Nacional de Inclusão de Jovens
PPI	- Projeto Pedagógico Integrado
RME	- Rede Municipal de Educação
SECADI	- Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão
SMA	- Sistema de Monitoramento e Avaliação
SME	- Secretaria Municipal da Educação
SNJ	- Secretaria Nacional da Juventude
UF	- Unidade Formativa
UFPR	- Universidade Federal do Paraná

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1.1 JUSTIFICATIVA.....	14
1.1.1 Trajetória docente do pesquisador no Programa Projovem Urbano	15
1.2 PROBLEMA DE PESQUISA.....	21
1.2.1 Perguntas norteadoras.....	21
1.3 OBJETIVOS.....	22
1.3.1 Objetivo Geral.....	22
1.3.2 Objetivos Específicos.....	22
1.4 ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO.....	22
CAMINHOS METODOLÓGICOS PERCORRIDOS NA PESQUISA...	25
2.1 MÉTODO DA PESQUISA.....	27
2.2 CRITÉRIOS DE SELEÇÃO.....	29
2.3 PARTICIPANTES.....	30
2.4 CONTEXTO.....	30
2.5 INSTRUMENTO DE PESQUISA.....	31
2.6 PROCEDIMENTOS DE PESQUISA.....	32
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E ANÁLISE DOCUMENTAL	35
3.1 HISTÓRICO DA IMPLANTAÇÃO DO PROGRAMA PROJOVEM URBANO EM NÍVEL NACIONAL E NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE CURITIBA.....	35
3.2 A COMPREENSÃO SOBRE JOVENS NO PROGRAMA PROJOVEM URBANO.....	42
3.3 CURRÍCULO E O PROGRAMA PROJOVEM URBANO: ALGUMAS REFLEXÕES.....	46

3.3.1 PROJETO PEDAGÓGICO INTEGRADO (PPI) - PROJovem URBANO.....	52
3.3.1.1 Eixo Estruturante: Formação Básica.....	56
3.3.1.2 Eixo Estruturante: Participação Cidadã.....	59
3.3.1.3 Eixo Estruturante: Qualificação Profissional.....	62
3.4 A SALA DE ACOLHIMENTO: DIFERENCIAL NO APOIO AOS ESTUDOS.....	65
3.5 ESPAÇOS E TEMPOS VIVIDOS NO PROGRAMA PROJovem URBANO.....	66
3.5.1 ESPAÇO ESCOLA.....	70
3.5.2 ESPAÇO ÔNIBUS.....	70
3.6 AS PRÁTICAS DO PROGRAMA PROJovem URBANO.....	73
4 PROGRAMA PROJovem URBANO: ANÁLISE DO VIVENCIADO NAS VOZES DOS EDUCANDOS.....	75
4.1 PERFIL DO EDUCANDO DO PROGRAMA PROJovem URBANO ATENDIDO NO SISTEMA INDIVIDUAL (ÔNIBUS ITINERANTE) NO PERÍODO DE 2006 A 2009 E COLETIVO (ESCOLA) – 2016.....	77
4.1.1 Perfil dos educandos egressos do Programa Projovem Urbano que foram atendidos no sistema individual (ônibus itinerante) no período de 2006 a 2009	78
4.1.2 Perfil dos educandos que hoje frequentam o Programa Projovem Urbano no sistema coletivo (2016)	79
4.2 ACOMPANHAMENTO DO PROFESSOR FRENTE ÀS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DO EDUCANDO NO ATENDIMENTO INDIVIDUAL (ÔNIBUS ITINERANTE) E COLETIVO (ESCOLA).....	81

4.2.1 Acompanhamento do professor frente às dificuldades de aprendizagem do educando no espaço individual (ônibus itinerante)	82
4.2.2. Acompanhamento do professor frente as dificuldades de aprendizagem do educando no espaço coletivo (escola) – 2016.....	83
4.3 APRENDIZAGEM COM O GUIA DE ESTUDO DO PROGRAMA PROJovem URBANO NOS ESPAÇOS: INDIVIDUAL (ÔNIBUS ITINERANTE) - 2006 À 2009 E COLETIVO (ESCOLA) – 2016.....	85
4.3.1 Aprendizagem com o Guia de Estudo no espaço de atendimento: individual (ônibus itinerante) – período de 2006 a 2009.....	86
4.3.2 Aprendizagem com o Guia de Estudo no espaço coletivo (escola)..	88
4.4 HORÁRIOS DA ESCOLA E DO ÔNIBUS ITINERANTE E CONCILIAÇÃO TRABALHO E ESCOLA.....	90
4.4.1 Horários e conciliação trabalho e escola no espaço individual (ônibus itinerante) – período de 2006 a 2009.....	90
4.4.2 Horários e conciliação trabalho e escola no espaço coletivo - 2016	93
4.5 AVALIAÇÃO FINAL DA UNIDADE FORMATIVA E O ESTUDO INDIVIDUAL NOS DOIS ESPAÇOS.....	95
4.5.1 Avaliação final da Unidade Formativa e o estudo individual (ônibus itinerante) – período de 2006 a 2009.....	96
4.5.2 Avaliação final da Unidade Formativa e o estudo no coletivo (escola) – período de 2006 a 2016.....	98
5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES: O PERCURSO DO PROGRAMA PROJovem URBANO POR UMA DÉCADA: 2006 – 2016.....	100
REFERÊNCIAS.....	105
APENDICE A.....	108
APENDICE B.....	109

INTRODUÇÃO

O desafio e ao mesmo tempo desejo deste Profissional do Magistério da Rede Municipal de Educação de Curitiba, enquanto pesquisador, residiu em investigar, na voz do educando, as vivências no Programa Projovem Urbano (PJU), particularmente no período de 2006 a 2009¹, com uma concepção de investigação de práticas que possam revelar a transformação da realidade. A proposta deste trabalho de pesquisa intitulado: “Educando como Dono de Voz na Gestão das Práticas Pedagógicas em Diferentes Espaços do Programa Projovem Urbano”, sob um olhar mais atento quanto à compreensão epistemológica, foi a de assumir uma postura de enfrentamento em busca de alternativas às dificuldades que se apresentam na prática, que impedem a inclusão dos jovens no programa. A partir da experiência pedagógica surgiram algumas reflexões que desafiaram os sentimentos deste pesquisador em sua prática educativa.

O Programa Nacional de Inclusão de Jovens na modalidade urbana - Projovem Urbano – vinha buscando formar educadores para responder aos desafios que se apresentavam durante sua execução, o que demandava a competência para planejar e agir cooperativamente e a capacidade de considerar as diferentes facetas do educando como ser humano. O programa recomendava que o professor, além da condição de especialista em uma disciplina devia atuar como educador, no sentido amplo da palavra, desempenhando dois papéis distintos, mas inseparáveis: todo educador é especialista em sua área de conhecimento, mas é também orientador da aprendizagem, vista como elemento de construção da autonomia intelectual do educando e de uma visão ampla do processo educacional.

A investigação desenvolvida no transcurso da pesquisa, exposta ao longo da dissertação, buscou explicitar as visões diversificadas sobre os aspectos referentes ao programa, pelos depoimentos de educandos que vivenciaram as práticas pedagógicas. Para direcionar a investigação, questionou-se: Qual o perfil do educando egresso do Programa Projovem Urbano que foi atendido no ônibus

¹ Projeto piloto ocorrido no município de Curitiba, no ano de 2008, para evitar que os jovens perdessem o ano letivo pelo motivo de trabalhar no horário escolar. Nesse sentido o ônibus itinerante assegurava a continuidade dos conteúdos escolares aos educandos, possibilitando um retorno destes sem prejuízo à escola.

itinerante e/ou escola no período de 2006 a 2009? Qual o perfil dos educandos do Programa Projovem Urbano do período de 2016? Como o educando fez/faz a gestão da sua aprendizagem frente as práticas pedagógicas individuais (ônibus itinerante) e coletivas (escola)? Quais as práticas pedagógicas desenvolvidas individual e coletivamente mais significativas na voz do educando do Programa Projovem Urbano? Para tanto, foi necessário historiar a implantação do programa na Rede Municipal de Ensino (RME), Secretaria Municipal de Educação (SME), buscando traçar o perfil do educando egresso, o qual foi atendido no ônibus itinerante e na escola no período de 2006 a 2009, buscando ouvir, na voz dos estudantes², quanto à significação da aprendizagem. Assim, é possível comparar, a partir das experiências vividas, as diferenças no desenvolvimento das práticas pedagógicas, individuais e coletivas e o atendimento ao mesmo currículo, relatando as experiências e vivências dos educandos do referido programa.

A opção metodológica é de natureza qualitativa, exploratória e descritiva, a qual serviu como ferramenta utilizada para descrição e interpretação dos dados a serem coletados sempre retornando às questões norteadoras, pois foram elas que orientaram o processo de análise da pesquisa. Os instrumentos metodológicos foram a partir da aplicação de um questionário para coleta de dados com educandos matriculados no PJU, que responderam perguntas e permitiram aos participantes relatarem sobre suas experiências significativas nos dois espaços de atendimento: ônibus itinerante e escola. O espaço escolhido para esta investigação foi uma escola, da Rede Municipal de Ensino (RME), a qual desenvolvia o Programa Projovem Urbano com educandos de ambos os sexos, na faixa etária de 18 a 29 anos, que terminaram o quinto ano, mas não concluíram o nono ano do Ensino Fundamental, com ou sem vínculos formais de trabalho. Foi consultado o cadastro dos egressos de 2006 a 2009, na Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI/MEC) (BRASIL, 2008), e do período de 2016 na Secretaria Municipal de Educação (SME).

² Para que este pesquisador chegasse até os educandos algumas medidas precisaram ser tomadas. Uma delas foi a intermediação junto à coordenação do PJU solicitando a anuência para localizar os contatos nas fichas de matrículas desses educandos. De posse das fichas de matrículas foram realizadas as ligações. A abordagem aconteceu de tal modo que não interferiu na autonomia da decisão do participante quanto à participação ou não nesta pesquisa.

1.1 JUSTIFICATIVA

A proposta deste trabalho de pesquisa intitulado: “Educando como Dono de Voz na Gestão das Práticas Pedagógicas em Diferentes Espaços do Programa Projovem Urbano”, teve como objetivo relatar as experiências e vivências dos educandos do Programa Nacional de Inclusão de Jovens – ProJovem Urbano – por meio de uma leitura crítica e reflexiva sobre a luta pelo direito à educação para jovens de ambos os sexos, apresentando os pressupostos de uma fundamentação teórica sobre o que é o programa com conceitos da teoria, para, em seguida, apontar os objetivos e as características, buscando, concomitantemente, discutir as implicações pedagógicas deste na educação municipal da cidade de Curitiba. Por meio de depoimentos dos educandos que vivenciaram as práticas pedagógicas, a investigação desta pesquisa visou o estudo de visões diversificadas sobre os aspectos referentes ao programa. Nesse sentido, buscou constituir importante contribuição, na medida em que resultou de pesquisa criteriosa embasada na análise de registros e dados, no minucioso estudo dos documentos norteadores pesquisados e nos princípios e conceitos fundamentais com a produção bibliográfica do programa em estudo.

O Projovem Urbano (PJU) se justificou como um programa com grande potencial, por permitir aos educandos visualizarem sua formação escolar na perspectiva da conclusão do Ensino Fundamental com sua formação profissional e cidadã. Teve importância fundamental também na medida em que a conclusão dos estudos da educação básica com a formação profissional e atividades de ação comunitária ampliaram para o educando as condições de inserção produtiva na sociedade e no mundo do trabalho, permanecendo como possibilidade a continuidade dos estudos de nível médio e superior. Neste sentido, o desenvolvimento do programa,

[...] era voltado especificamente para o segmento mais vulnerável e menos contemplado por políticas públicas vigentes: jovens de ambos os sexos, na faixa etária de 18 a 29 anos, que terminaram o quinto ano, mas não concluíram o nono ano do Ensino Fundamental, sendo que muitos não têm vínculos formais de trabalho. Caracterizou-se como emergencial, atendendo um segmento que tinha necessidade de chegar ao Ensino Médio e experimental, baseando sua proposta curricular em novos paradigmas de ensino e aprendizagem (BRASIL, 2008, p. 20).

Os núcleos que atendiam³ o PJU estavam inseridos em escolas da Rede Municipal de Ensino (RME), Secretaria Municipal de Educação (SME), da cidade de Curitiba, Paraná, trabalhando com gestão compartilhada. O programa veio ao encontro das necessidades do município, visto que o mesmo oferecia,

[...] oportunidade para a inserção na sociedade de muitos jovens que se encontram em situação de vulnerabilidade social. Caracterizou-se por apresentar: propostas inovadoras; Projeto Pedagógico Integrado (PPI), articulando conclusão do Ensino Fundamental, Qualificação Profissional inicial e experiências de Participação Cidadã, materiais pedagógicos especialmente produzidos para atender a essas características, constando de guias, manuais e vídeos destinados a educandos, educadores, gestores e instituições de formação de educadores (BRASIL, 2008, p. 22).

Segundo relatório do Sistema de Monitoramento e Avaliação (SMA), o reposicionamento dos jovens atendidos, a partir do perfil construído pelos dados levantados pela Coordenação Nacional do Programa Projovem Urbano em 2006, sugeriu que,

A maioria dos educandos já foram estudantes dessas escolas, alguns evadiram, outros foram expulsos. Suas histórias são conhecidas na comunidade e pouco ou quase nada é esperado deles. Daí a importância de uma leitura mais profunda sobre as questões sociais de como essas histórias foram sendo produzidas (BRASIL, 1996, p. 45).

Trazer para os espaços escolares um programa de inclusão com a proposta de realizar um caminho inverso e de aceitar o retorno desses educandos foi o maior desafio que os educadores do curso enfrentaram.

1.1.1 Trajetória docente do pesquisador no Programa Projovem Urbano

Se para conhecer bem um objeto de pesquisa faz-se necessário conhecer o percurso de construção desse objeto, este pesquisador considerou que a sua relação com o Projovem Urbano, objeto deste estudo, teve aproximação iniciada em 2005, quando o mesmo começou a lecionar no referido programa, na área de Língua

³ Assim como outras políticas públicas existentes, o ano de em 2016 marcou o encerramento do Projovem Urbano como política nacional da juventude não sendo mais incorporado institucionalmente ao quadro da gestão municipal.

Estrangeira Moderna/Inglês. A Participação dos diferentes encontros dessa caminhada, como das reuniões com a coordenação e com todos os envolvidos no programa e atuação nas escolas, constituiu o corpus da formação.

No início do trabalho no PJU não se tinha conhecimento da parceria e implementação do programa e como o mesmo seria executado. As dimensões complexas que envolviam o curso, o currículo diferenciado e a gestão setorial já demonstravam os desafios a serem enfrentados. Aos poucos os participantes foram se apropriando e, particularmente, o encantamento e o interesse pelo PJU foi aumentando.

Desde os primeiros encaminhamentos nos cursos de formação, as inquietações e questionamentos foram sendo aguçados e, no decorrer do programa, estes foram ampliados e aprofundados. Diante disso, convida-se o leitor a embarcar na leitura deste trabalho de pesquisa, estabelecendo, uma relação de escuta com o texto, uma relação de produção de sentido,

[...] algo que compromete nossa capacidade de escuta, algo a que temos que prestar atenção. É como se os livros, assim como as pessoas, os objetos, as obras de arte, a natureza, ou os acontecimentos que sucedem ao nosso redor quisessem nos dizer alguma coisa. E a formação implica necessariamente, a nossa capacidade de escutar (ou de ler) isso que as coisas têm a nos dizer. Uma pessoa que não é capaz de se por à escuta cancelou seu potencial de formação e de transformação (LARROSA, 1996, p. 137).

O que é a formação, senão uma experiência que leva o sujeito a seu interior. Dessa forma, é preciso se pôr à escuta enquanto lê o que esse educador e pesquisador têm a dizer sobre sua relação com o PJU e ir compondo algo a mais em seu próprio interior. Essa é a pesquisa. Essa é a viagem! Esse é o desafio!

Portanto, a proposta é a de apresentar uma visão geral da trajetória docente deste pesquisador e educador do PJU, comparando-a a uma viagem de ônibus. Uma comparação extremamente interessante, quando bem interpretada, afinal, a própria vida não passa de uma viagem de ônibus, cheia de embarques e desembarques. Aceitar esse desafio teve uma data marcada e carregada de grande simbolismo.

A data da viagem marcava então, impressa no bilhete, o dia 21 de janeiro de 2006 – nessa data o Programa ProJovem Urbano foi apresentado - no começo era

tudo novidade e todos estavam literalmente um pouco incomodados com a sugerida “realidade” que os esperava, mas, o programa era diferente, remunerava bem, com uma capacitação de qualidade, profissionais competentes e engajados na proposta.

A viagem pelas oportunidades de educação nas periferias da cidade de Curitiba começava para os educadores, com “paradas” em encontros de capacitação, oficinas e reuniões pedagógicas. Os envolvidos sentiam-se valorizados e entusiasmados pelo novo desafio. O ProJovem Urbano, com toda a sua “bagagem”, impunha uma nova postura aos educadores da Rede Municipal de Ensino (RME), exigindo uma maior participação no processo de ensino e aprendizagem no sentido da orientação da aprendizagem dos educandos, a apropriação do uso de tecnologias e o trabalho interdisciplinar, através dos temas integradores dos guias de estudo. Muitos educadores revelaram crescimento e enriquecimento em suas práticas pedagógicas. Sempre questionando: afinal, que “passageiros” seriam estes que iriam estar presentes nesta viagem?

Arroyo (2017) corrobora nessa perspectiva ao indagar,

[...] quem são, afinal, esses sujeitos que se deslocam pelas cidades e campos, num trajeto trabalho-estudo diariamente? O que perseguem, pretendem e como se veem nesse processo? O que trazem na bagagem? Quais suas identidades coletivas de classe, gênero, sexo? E, principalmente, qual tomada de ação será desprendida face a essas respostas que virão quando, enfim, forem ouvidas?

Iniciou-se então, um passeio pelas periferias da cidade de Curitiba, com mutirões realizados pela coordenação em conjunto com o grupo de professores, nos finais de semana. Foram vários sábados e domingos, de manhã e à tarde, com chuva ou com sol, entrando em “favelas”, “invasões” e “becos” (alguns até mesmo sem saída), pisando em estradas de barro, subidas e descidas, à procura de jovens que tinham o perfil solicitado para estudar no programa. Com esta iniciativa, começaram então a embarcar os primeiros passageiros: eram jovens à margem da sociedade, alguns com famílias desintegradas, “viciados”, com sérios problemas de aprendizagem e grande defasagem de conteúdo, enfim, jovens com pouca ou nenhuma perspectiva de estudo.

Percebeu-se que traziam em seus rostos de rapazes e moças, traços evidentes e marcantes de sua história de vida. Eram jovens que se apresentavam esperançosos e animados porque no trajeto dessa viagem teriam a oportunidade de concluir o Ensino Fundamental, participar de ações comunitárias através de atividades de Participação Cidadã e especialmente pela oferta de Qualificação Profissional.

Infelizmente alguns foram descendo e ficando ao longo do caminho; muitos foram os motivos: surgiu um emprego, mesmo não sendo registrado, emprego este, incompatível com o horário das aulas; alguns passaram por problemas de saúde, às vezes, até mesmo internado em clínicas de reabilitação para dependentes químicos, outros cumprindo penas em penitenciárias. Algumas das moças foram submetidas ao “machismo” de seus maridos que, com ciúmes, as desencorajavam e até proibiam de frequentarem as aulas, sendo excluídas uma vez mais do direito de estudar.

Enfim, aconteceram exclusões dos mais variados tipos: econômica, social, de gênero, da informação e da cultura. Uma das principais dificuldades enfrentadas foi a quantidade de jovens matriculados que não apareciam nas aulas ocasionando um processo de ausência escolar. De novo, lá foram os educadores nos finais de semana, fazer um mutirão nas casas dos jovens para saber os motivos das faltas e convencê-los a voltar para a escola.

Muitos foram os que deixaram o programa, educandos que tomaram esse ônibus apenas a passeio. Jovens que desceram e deixaram saudades, outros passaram de uma forma que, quando desocuparam seu assento, ninguém sequer percebeu. Não importa, é assim uma viagem: cheia de atropelos, sonhos, fantasias, esperas e despedidas.

Mas isso não impediu que, durante a viagem, pessoas interessantes e que viriam a ser especiais, embarcassem e seguissem a viagem. Estas assumiram lideranças, atuaram brilhantemente nas ações sociais, com seriedade e compromisso. Revelaram ao longo do programa seus talentos: na dança, no esporte, na Feira de Ciências, na arte de criar e de protagonizar. Pelo PJU passaram pintores, cantores, poetas, que descobriram seus dons incentivados por professores. Nessas subidas e descidas ao longo da viagem, aprenderam a questionar e tomar atitudes,

afirmando com orgulho que a vida mudou com o ProJovem; se tornaram pessoas novas e aprenderam a dizer não à violência e à submissão doméstica, passando a ser mais valorizados pelas famílias.

Os educadores foram postos à prova no desafio da construção de um mundo mais digno, humano e igualitário. Fizeram essa viagem da melhor maneira possível, tentando relacionar-se bem com todos os “passageiros”, procurando, em cada um deles, o que tinham de melhor, lembrando sempre que, em algum momento do trajeto, os educandos poderiam fraquejar e que era preciso entender isso, porém, com certeza, sempre haveria alguém que os entenderia.

Durante a viagem, “asas” foram criadas, fortalecidas enquanto equipe e voos altos foram alçados. Fotografias, filmes e lembranças emocionam, principalmente quando recordam as cerimônias de formatura da primeira turma e os momentos das entregas dos diplomas. A experiência positiva atraiu outros jovens ao programa, permitindo a realização de novas entradas no município de Curitiba. Olhar para trás e enxergar o caminho percorrido durante essa viagem é importante para constatar o quando se progrediu. O ProJovem Urbano estava cada vez mais consolidado como uma política pública de relevância para a juventude curitibana.

Enfim, o grande mistério, afinal, é que jamais se saberá em qual parada descer e quando isso acontecer, com certeza, saudades serão sentidas. Separar-se de alguns amigos e amigas será, no mínimo dolorido, mas agarra-se na esperança que, em algum momento, os educadores estarão na estação principal com a grande emoção de ver os educandos chegarem com uma bagagem que não tinham quando embarcaram; e o que vai deixar todos realizados, será pensar que cada um colaborou para que os jovens tenham crescido e se tornados valiosos.

Todos acreditaram que a estada nesse ônibus pudesse ter sido de muito compromisso com a educação do município de Curitiba e que, quando chegasse a hora de desembarcar, o lugar vazio pudesse trazer saudades e boas recordações para aqueles que prosseguirem. No horizonte, surgirá, majestoso, o “ônibus” iluminado pelos holofotes, na plataforma. Lá está o futuro da educação de Curitiba. E para lá que se conduzem os educandos e os educadores do PJU.

A voz na trajetória docente deste pesquisador, considera que: “Quanto mais formos capazes de descobrir porque somos aquilo que somos, tanto mais nos será

possível compreender porque é que a realidade é o que é” (FREIRE, 1974b, p. 44).

Nessa perspectiva, o ProJovem Urbano – Programa Nacional de Inclusão de Jovens – constitui-se em um programa inovador que exigiu dos professores e coordenação, uma interação entre todos para que pudessem superar as diferenças de personalidade e unir os talentos de cada um para alcançar o mesmo objetivo: a formação educacional e profissional dos educandos.

Associar forças, somar as competências, estabelecer a real união para juntar as ideias e construir um processo de aprendizagem melhor; é o que movia os educadores a lecionar no PJU. Aliás, o programa exigiu da coordenação, dos educadores e porque não dizer dos próprios educandos; estilos, culturas e formações diversificadas, fazendo então o diferencial competitivo desta equipe vencedora que se formou ao longo destas fases. Fases estas, que muitas vezes foram marcadas pelo pessimismo e pelas dificuldades pedagógicas e administrativas que marcaram o percurso desta viagem. Vale dizer aqui: “o impossível é apenas aquilo que alguém teve coragem de realizar”.

Pode-se falar que, educadores e educandos tiveram essa coragem, impulsionados muitas vezes por um sonho, movidos por uma paixão; foram aos poucos envolvidos pelo desafio apresentado pela coordenação municipal. Unidos foram todos maiores do que somados unicamente, juntando forças contra as ameaças que os faziam, em alguns momentos, desistir. Formando, coordenação municipal, pedagógica, administrativa e professores um “escudo de proteção” diante de surpresas que surgiram no trajeto desta viagem. As dificuldades fortaleciam e cada obstáculo vencido era um aprendizado; a superação de um novo desafio.

Assim, mais do que um grupo de educadores, criou-se um coletivo de verdadeiras amizades, espírito de equipe, com percepção de saber o que fazer na hora certa, para apoiar quem viesse a cair. Com a confiança mútua, esforço coordenado e cooperação voluntária, o que parecia ser uma tarefa intransponível, tornou-se um estimulante desafio. Momentos inesquecíveis vivenciados ao longo destes anos que conferiram um significado infinito à formação profissional e pessoal de cada um. Ser educador do ProJovem Urbano foi uma experiência muito gratificante, pois o programa proporcionou formação, aprendizados constantes e desafiou a buscar novos conhecimentos para compreender a realidade dos jovens.

Depois da passagem pelo programa, este educador nunca mais foi e será o mesmo profissional que era antes, sentindo um imenso orgulho por ter contribuído e participado desta inovação pedagógica necessária, eficiente e eficaz. Para o pesquisador, talvez o melhor “produto” nesta trajetória tenha sido a experiência de aprender a trabalhar em equipe, considerar as diferenças e encarar o imprevisível, em uma dinâmica de trabalho que foi sendo construída ao longo dos anos, à medida em que interrogações foram surgindo e as ações se efetivando. Construiu-se enquanto equipe, uma experiência pedagógica inovadora contribuindo para reduzir as desigualdades.

Esse pesquisador, ao lecionar no Programa Projovem Urbano, ganhou de presente seu objeto de pesquisa, percebendo que essa temática o acompanharia em seus próximos anos, pois a motivação e a paixão foram sendo trazidas, sendo motivadores para que a pesquisa fosse tomando forma. Logo, o desafio para pesquisar essa temática estava posto.

1.2 PROBLEMA DE PESQUISA

Com subsídios do vivido já relatado anteriormente o problema de pesquisa está em ouvir na voz de educandos do Programa Projovem Urbano os significados das práticas pedagógicas na aprendizagem em atendimento ao currículo do programa.

Para tanto, decorre questionar na voz do educando: Como a gestão das práticas pedagógicas em diferentes espaços: sistema individual (ônibus itinerante) e coletivo (escola) interferiram/interferem na aprendizagem e no atendimento ao currículo do Programa Projovem Urbano?

1.2.1 Perguntas norteadoras

Qual o perfil do educando egresso do Programa Projovem Urbano que foi atendido no ônibus itinerante e/ou escola no período de 2006 a 2009?

Qual o perfil dos educandos do Programa Projovem Urbano do período de 2016?

Como o educando fez/faz a gestão da sua aprendizagem frente as práticas pedagógicas individuais (ônibus itinerante) no período de 2006 a 2009 e coletivas (escola) - 2016?

Quais as práticas pedagógicas desenvolvidas individual e coletivamente mais significativas na voz do educando do Programa Projovem Urbano?

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

Identificar, na voz do educando como a gestão em diferentes espaços (ônibus itinerante e escola) e sistemas (individual e coletivo) interferiram na aprendizagem e no atendimento ao currículo do Programa Projovem Urbano.

1.3.2 Objetivos Específicos

Identificar o perfil de um grupo de educandos egressos do Programa Projovem Urbano que foram atendidos no sistema individual (ônibus itinerante) e coletivo (escola) no período de 2006 a 2009;

Analisar como a gestão do educando egresso de práticas individuais e coletivas em atendimento ao currículo do PJU impactou sua formação frente aos eixos Qualificação Profissional e Participação Cidadã;

Traçar o perfil dos educandos de 2016 atendidos pelo Programa Projovem Urbano somente no sistema coletivo;

Situar na voz dos educandos de 2016, a gestão e significados da aprendizagem no espaço coletivo da escola frente a prática pedagógica no atendimento ao currículo do Programa Projovem Urbano.

1.4 ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

O fruto da pesquisa descrita visou detalhar a organização do percurso metodológico e investigativo. Nele relatou-se a ordenação das fases da pesquisa realizada. Na introdução foi exposta o histórico da aproximação com o tema desta

pesquisa, para em seguida justificar o problema, apresentando as hipóteses, os objetivos, a justificativa, a opção metodológica e as estratégias utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa. Para responder ao problema da pesquisa, o trabalho foi dividido em cinco capítulos.

No primeiro capítulo, após tratar de alguns elementos históricos, realizou-se uma revisão bibliográfica a fim de dialogar com as produções que versam sobre o tema e, também recorrendo a documentos que norteiam o Projovem Urbano desde 2006, apresentando de que forma se estrutura, se organiza e como se deu a implantação do programa no município de Curitiba, tendo como fontes do material de pesquisa artigos, livros, dissertações e teses sobre os temas disponíveis encontrado nos bancos de dados (SciELO, Capes dentre outros).

Esse capítulo apresentou ainda, uma breve caracterização do perfil dos educandos egressos do Projovem Urbano, buscando conhecer quem são, como vivem e o que fazem para sobreviver. Revelou-se as percepções dos jovens egressos a respeito da sua trajetória escolar, da participação nas ações comunitárias e da qualificação profissional vivenciadas no programa.

No segundo capítulo realizou-se um estudo de Análises Documentais dos Registros dos Campos Pedagógicos (ônibus e escola), em que o objetivo principal residiu em compreender os princípios teórico-metodológicos e as práticas que fundamentam o Programa Projovem Urbano.

O terceiro capítulo buscou apresentar a opção metodológica de natureza qualitativa, exploratória e descritiva, como ferramenta para estudo com dados que subsidiaram o planejamento e a ação docente tendo como instrumento aplicação de um questionário para coleta de dados junto aos educandos de ambos os sexos, jovens na faixa etária de 18 a 29 anos, matriculados no Programa Projovem Urbano.

O *corpus* da pesquisa foi composto pelas respostas dos participantes os quais responderam perguntas que permitiram falar sobre suas experiências significativas nos dois espaços de atendimento do programa (ônibus itinerante e escola), quanto à intervenção do professor no acompanhamento da aprendizagem; o material didático e a contribuição na aprendizagem; a flexibilidade de horário de atendimento nas dificuldades de aprendizagem; a conciliação do educando com o trabalho e a escola;

a avaliação de aprendizagem no dia a dia e as dificuldades de aprendizagem encontradas pelos educandos nos dois espaços.

O quarto capítulo foi destinado a analisar as vozes dos educandos que vivenciaram a prática pedagógica no espaço individual (ônibus itinerante) período de 2006 a 2009 e coletivo (escola) - 2016. Como espaço desta investigação foi escolhido uma escola, da Rede Municipal de Ensino (RME), da Secretaria Municipal de Educação (SME) da cidade de Curitiba, Paraná, na qual o Programa Projovem Urbano foi desenvolvido.

No quinto capítulo, as considerações finais, retomam-se as questões principais abordadas ao longo do trabalho de pesquisa, apresentando as conclusões acerca das repercussões do PJU na escolarização dos jovens. Foi apresentado sumariamente os principais resultados, incluindo a verificação das hipóteses, refletindo pontos sobre os quais não foi possível pesquisar e apresentar elementos conclusivos, indicando alguns destes para futuras pesquisas.

O trabalho de dissertação se concluiu com a esperança de se ter colaborado com o debate em torno das políticas públicas para com a juventude. Nesse *continuum*, se quer dizer que este processo de pesquisa não terminou aqui, as questões continuarão abertas para se constituírem no início de novas investigações.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS PERCORRIDOS NA PESQUISA

Este capítulo foi destinado a detalhar os caminhos metodológicos adotados para a realização da pesquisa. Iniciou-se investigando a gestão, os espaços e o currículo do PJU quanto à significância das práticas pedagógicas, buscando identificar as interferências na aprendizagem dos educandos, visando constatar as formas de interação, apropriação de conhecimento, reelaboração das experiências e a inserção social e profissional dos jovens.

Como procedimento metodológico de investigação, para embasamento deste trabalho, realizou-se uma revisão bibliográfica a fim de se colocar em contato e dialogar com as produções que versam sobre o tema, utilizando como fontes do material de pesquisa artigos, livros, dissertações e teses sobre os temas disponíveis nos bancos de dados (SciELO, Capes dentre outros), mapeando os documentos institucionais. Esse momento é salutar, pois,

O processo de avaliação do material bibliográfico que o pesquisador encontra lhe ensinará até onde outros investigadores têm chegado em seus esforços, os métodos empregados, as dificuldades que tiveram de enfrentar e o que pode ainda ser investigado, etc. (TRIVIÑOS, 2006, p.100).

Recorreu-se ao Plano de Implementação do programa e relatórios elaborados em nível municipal, pois os mesmos forneceram informações sobre quem são os sujeitos envolvidos no processo, quantos e quais as atribuições de cada um e como se desenvolveram as ações. Foram estudados os documentos oficiais que norteiam o PJU desde 2006, pois estes ofereceram pistas, sinais, vestígios e cabe compreender os significados que oferecem, permitindo extrair dados da realidade; além de um estudo do Projeto Pedagógico Integrado (PPI) do programa. A análise desse documento que delinea todas as ações se fez necessária uma vez que traz a concepção de formação, Qualificação Profissional e Participação Cidadã, bem como o currículo, a avaliação, a gestão, dentre outros.

Os documentos coletados em sites oficiais e no departamento do Projovem Urbano da Rede Municipal de Ensino (RME), da Secretaria Municipal de Educação (SME), serviram de embasamento para o trabalho de pesquisa.

O procedimento adotado para coleta de dados foi de natureza qualitativa, exploratória e descritiva, tendo como recurso a entrevista, mediante um roteiro estruturado, escolha esta que se dá em razão desse procedimento servir de suporte para a compreensão da fala dos sujeitos.

A entrevista, é um recurso que, por possibilitar a comunicação face a face, produz uma interação humana, de modo que são revelados sentimentos, expectativas e valores, tanto por parte dos entrevistados como do entrevistador (GIL, 2006, p. 116).

Segundo Gil (2006) pode-se definir entrevista como,

[...] a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista, portanto, é uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação (GIL, 2006, p. 117).

Logo, a entrevista é uma excelente forma de pesquisa por permitir a interação entre pesquisador e entrevistado (a) e a obtenção de descrições detalhadas sobre o que se está pesquisando. Esta é definida por Haguette (1997) como “um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado” (HAGUETTE, 1997, p. 86).

Para que se tenha êxito, isso demanda por parte do pesquisador planejamento. Segundo LAKATOS (1996) a preparação da

[...] entrevista é uma das etapas mais importantes da pesquisa que requer tempo e exige alguns cuidados, entre eles destacam-se, o planejamento da entrevista, que deve ter em vista o objetivo a ser alcançado; a escolha do entrevistado, que deve ser alguém que tenha familiaridade com o tema pesquisado; a oportunidade da entrevista, ou seja, a disponibilidade do entrevistado em fornecer a entrevista que deverá ser marcada com antecedência para que o pesquisador se assegure de que será recebido; as condições favoráveis que possam garantir ao entrevistado o segredo de suas confidências e de sua identidade e, por fim, a preparação específica que consiste em organizar o roteiro ou formulário com as questões importantes (LAKATOS, 1996, p. 111).

Os dados da pesquisa empírica foram composto pelas respostas dos participantes durante as perguntas que permitiram aos educandos falarem sobre suas experiências significativas particularmente em relação aos dois espaços de

atendimento do Programa Projovem Urbano (ônibus itinerante e escola), quanto a: intervenção do professor no acompanhamento da aprendizagem; o material didático e a contribuição na aprendizagem; a flexibilidade de horário de atendimento nas dificuldades de aprendizagem; a conciliação do educando com o trabalho e a escola; a avaliação no processo de aprendizagem no dia a dia e as dificuldades de aprendizagem encontradas pelos educandos nos dois espaços.

2.1 MÉTODO DA PESQUISA

Para nortear a investigação, essa pesquisa se apoia no referencial metodológico de abordagem qualitativa. Para Bardin (2011), a pesquisa qualitativa designa,

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) (p. 47).

Desta forma, a pesquisa qualitativa proporciona um modelo de entendimento profundo de ligações entre elementos, direcionado à compreensão da manifestação do objeto de estudo (MINAYO, 2007).

A opção metodológica de estudo é de natureza exploratória e descritiva utilizando como a técnica a aplicação de um questionário com perguntas semiestruturadas, visando adentrar no universo dos egressos do programa. Para BAGNO (1998) uma das características da pesquisa exploratória,

[...] refere-se à especificidade das perguntas, o que é feito desde o começo da pesquisa, como maneira de abordagem. Ela é aplicada de maneira que o pesquisador tenha uma maior proximidade com o universo do objeto de estudo e que ofereça informações e orienta a formulação das hipóteses da pesquisa (p.152).

O método utilizado na pesquisa exploratória envolve além do levantamento bibliográfico, entrevistas, pesquisas de campo e análise de outros exemplos que estimulem a compreensão do tema. Suas características são simplesmente satisfazer a curiosidade do investigador e desejar melhor compreensão, testar a

viabilidade de empreender um estudo mais cuidadoso e desenvolver os métodos a ser empregados em um estudo mais cuidadoso.

Já a opção metodológica de estudo descritivo, segundo Gil (1999) têm como finalidade principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis (p.77). Permite abranger, com exatidão, as características de um indivíduo uma situação.

A leitura das respostas vai usar Bardin (2011), segundo o qual,

Consiste em tratar a informação a partir de um roteiro específico, iniciando com (a) pré-análise, na qual se escolhe, se formula hipóteses e objetivos para a pesquisa, (b) na exploração do material, na qual se aplicam as técnicas específicas segundo os objetivos e (c) no tratamento dos resultados e interpretações. Cada fase do roteiro segue regras bastante específicas, podendo ser utilizado tanto em pesquisas quantitativas quanto em pesquisas qualitativas (p. 92).

Bardin (2011) conceitua como um método de investigação específico cuja estrutura pode ser classificada como diretiva ou não diretiva, ou seja, fechada e aberta. A autora considera a complexidade do processo de análise de conteúdo e destaca,

[...] que o tratamento dos resultados compreende a codificação e a inferência. Nesse sentido, o trabalho do analista com as palavras se fundamenta no estabelecimento de relações a partir da mensagem com as estruturas linguísticas ou semânticas e as estruturas do contexto social e dos enunciados (p. 96).

Assim, a leitura do pesquisador na análise dos dados, é muito mais que decodificação, é o desvelamento de um sentido que se encontra em segundo plano.

Para a investigação proposta, buscou-se, primeiramente, o departamento do Projovem Urbano na Secretaria Municipal de Educação, da cidade de Curitiba, Paraná e os seus responsáveis, pois foram eles conhecedores de todo o processo de implantação e implementação e podiam fornecer as informações necessárias, desde documentos relacionados ao programa na esfera municipal como também as fichas individuais contendo os endereços dos educandos egressos, possibilitando sua localização e a realização da pesquisa.

2.2 CRITÉRIOS DE SELEÇÃO

Para critério de seleção dos participantes foi acessado o cadastro de estudantes do Programa Projovem Urbano, disponível na Rede Municipal de Ensino (RME), Secretaria Municipal da Educação (SME), coordenação do Programa Projovem Urbano, de livre acesso. Com base nos dados do cadastro foram selecionados 12 (doze) educandos, sendo 06 (seis) educandos que frequentaram o espaço individual (ônibus itinerante) no período de 2006 a 2009 e 06 (seis) educandos que frequentaram o espaço coletivo (escola) no período de 2016, sendo que os educandos do ônibus itinerante foram identificados com a letra O seguido de um número em ordem crescente (O1, O2, etc.), e os educandos da escola identificados com a letra E seguido de um número em ordem crescente (E1, E2, etc.), de forma a garantir o anonimato dos entrevistados. Encontrar esses educandos foi uma tarefa bastante desafiadora, embora muito prazerosa. As dificuldades de se contatar os jovens egressos do programa, deveu-se ao tempo transcorrido (alguns foram localizados com mais de cinco anos do término dos estudos no Projovem Urbano); também devido a muitos desses jovens mudarem constantemente de endereço, por não morar em casa própria ou mesmo em função da necessidade de trabalhar.

Para que a entrevista ocorresse com tranquilidade algumas medidas precisaram ser tomadas. Uma delas foi a intermediação deste pesquisador junto à coordenação do PJU solicitando a anuência para localizar os contatos nas fichas de matrículas desses educandos. De posse das fichas de matrículas foram realizadas as ligações. Os telefones geralmente estavam fora de área, tinham mudado de dono ou a pessoa não morava mais na casa a qual pertencia o número informado. Depois de muita insistência, 12 (doze) educandos aceitaram participar da pesquisa.

A abordagem aconteceu de tal modo que não interferiu na autonomia da decisão do participante quanto à participação ou não nesta pesquisa;

[...] isso é fundamental para que as entrevistas possam ocorrer em clima de respeito e colaboração. Nesse jogo o entrevistador precisa estabelecer uma relação de confiança, pois está em busca não apenas de informações quaisquer, mas deseja sobretudo, obter dados significativos para a sua pesquisa (GIL, 2006, p. 117).

Nesse sentido, as perguntas respondidas durante a realização da entrevista, permitiram aos participantes falarem sobre suas experiências significativas nos dois espaços de atendimento do Programa Projovem Urbano (ônibus itinerante e escola); servindo como estratégia metodológica adotada e como ferramenta utilizada para descrição e interpretação dos dados coletados, sempre retornando às questões norteadoras, pois elas orientaram o processo de análise da pesquisa.

2.3 PARTICIPANTES

Os sujeitos foram educandos de ambos os sexos, na faixa etária de 18 a 29 anos, matriculados em uma escola da Rede Municipal de Ensino, da Secretaria Municipal de Educação, da cidade de Curitiba, que concluíram o programa, composto de 2 (dois) grupos com 06 (seis) participantes cada, com base nos seguintes critérios: o primeiro grupo composto por 03 (três) homens e 03 (três) mulheres que frequentaram o ônibus itinerante no período de 2006 a 2009 e o segundo grupo composto por 03 (três) homens e 03 mulheres, jovens egressos do programa desenvolvido no período de 2016.

Estipulou-se essa condição para a seleção dos participantes da pesquisa, de modo que se pudesse ter acesso a falas que representassem o que os educandos sentiam quando estavam em atuação no curso, também para notar se haveria marcas deixadas por essa experiência que não tivessem sido apagadas pelo tempo e pelo afastamento e, principalmente, que estivessem relacionadas com o atual modo de atuação desses educandos como cidadãos. Considera-se importante destacar a pronta disponibilidade dos educandos em contribuir com a pesquisa. Isso foi surpreendente.

2.4 CONTEXTO

Tanto o primeiro grupo como o segundo foram ouvidos em uma escola, da Rede Municipal de Ensino, da Secretaria Municipal de Educação, a qual desenvolvia o Programa Projovem Urbano. Estabeleceu-se como critério de escolha da escola a condição de estar localizada na comunidade onde os educandos ainda residem.

2.5 INSTRUMENTOS DE PESQUISA

Como instrumento de pesquisa de campo, utilizou-se um questionário com perguntas semiestruturadas para coletar os dados junto aos educandos, sendo que os educandos discorreram livremente sobre cada uma das questões.

As perguntas foram feitas pelo pesquisador na segunda quinzena do mês de novembro do ano de 2016 junto aos educandos (Apêndice B), composto por 03 (três) homens e 03 (três) mulheres que frequentaram o ônibus itinerante no período de 2006 a 2009 e 03 (três) homens e 03 mulheres, jovens egressos do programa. Contou com a participação de 12 (doze) educandos, jovens de ambos os sexos, na faixa etária de 18 a 29 anos, sendo 06 (seis) do sexo masculino e 06 (seis) do sexo feminino. A respeito dos educandos, estes foram selecionados por terem frequentado tanto o espaço individual (ônibus itinerante) quanto coletivo (escola).

O principal objetivo desse questionário foi traçar o perfil dos educandos. No indicador faixa etária, 06 (seis) estavam com idade entre 18 a 20 anos, 04 (quatro) entre 21 a 25 anos e 02 (dois) com idade entre 26 a 29 anos.

Para a análise dos dados, foram adotadas cinco categorias, anteriormente definidas pelo pesquisador, sendo elas denominadas de acordo com o campo investigativo. Assim sendo, as categorias empíricas de análise são:

1º Campo Investigativo: Perfil do educando egresso do Programa Projovem Urbano: espaço de aprendizagem individual (ônibus itinerante) no período de 2006 a 2009 e coletivo (escola) 2016.

1ª. Categoria de análise: A relação perfil e interesse pelos Eixos de Qualificação Profissional e Participação Cidadã.

2º Campo Investigativo: Avaliação do acompanhamento do professor e as dificuldades de aprendizagem nos dois espaços de aprendizagem: individual (ônibus itinerante) no período de 2006 a 2009 e (escola) 2016.

2ª. Categoria de análise: Acompanhamento e dificuldades de aprendizagem.

3º Campo Investigativo: A aprendizagem e o Guia de Estudo do Programa Projovem Urbano nos dois espaços de aprendizagem: individual (ônibus itinerante) no período de 2006 a 2009 e (escola) 2016.

3ª. Categoria de análise: Aprendizagem e o material didático.

4º Campo Investigativo: Os horários da escola e do ônibus itinerante e os espaços de conciliação entre o trabalho e escola.

4ª. Categoria de análise: Conciliação trabalho e escola.

5º Campo Investigativo: Avaliação final da Unidade Formativa e o estudo individualmente no ônibus e/ou no coletivo da escola.

5ª. Categoria de análise: Espaços de avaliação e diferentes espaços de estudos: individual (ônibus itinerante) e/ou coletivo (escola).

Foi atribuído um número ao entrevistado, mantendo-se assim a preservação da sua identidade.

2.6 PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Num primeiro contato o pesquisador fez os esclarecimentos sobre a pesquisa, solicitando adesão dos participantes, os quais, após leitura pelo pesquisador, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APENDICE A). Quanto à realização das entrevistas, estas ocorreram na segunda quinzena do mês de novembro do ano de 2016. A entrevista realizada de forma dialogada, tem como finalidade encontrar sentidos na espontaneidade das respostas, norteando o pesquisador e evitando a dispersão, ao mesmo tempo em que garante a liberdade do entrevistado de transitar pelo seu pensamento e pelas suas lembranças. A intenção era que não se tornassem experiências formais, mas que pudessem fluir como em uma conversa e para que os fatos pudessem emergir.

Para se obter uma narrativa natural muitas vezes não é interessante fazer uma pergunta direta, mas sim fazer com que o pesquisado relembre parte de sua vida. Para tanto o pesquisador pode muito bem ir suscitando a memória do pesquisado (BOURDIEU, 1999, p. 66).

Como entrevistador, a posição adotada foi a de alguém que estava conversando sobre as experiências dos educandos no Programa Projovem Urbano e não a de pesquisador inquiridor que buscava respostas a perguntas previamente formuladas. Por não estarem os participantes preocupados com respostas imediatas para perguntas previamente formuladas ou hierarquizadas em função de critérios, parâmetros ou categorias pré-estabelecidas, a conversa fluiu, sem perder de vista o objetivo e as intenções da entrevista.

Na dinâmica do falar, no efetivar das entrevistas, quando entrevistador e entrevistados se conhecem ou são coparticipes de uma vivência, não há como interromper o fluir das falas (GIL, 2006, p. 118). Após esta etapa se faz leitura dos depoimentos objetivando identificar possíveis respostas às questões norteadoras. A partir destas informações, é possível analisar os dados coletados, fazendo inferências e interpretações capazes de favorecer a concretização dos objetivos propostos na pesquisa.

Para abranger de forma mais ampla possível os aspectos determinantes da pesquisa, elaborou-se um roteiro que possibilitasse uma breve caracterização do perfil dos participantes da pesquisa, tais como: idade, estado civil, trabalhava enquanto educando do programa, qual função exercia e quais os cursos frequentados no Projovem Urbano.

Na sequência formulou-se um conjunto de questões organizadas que possibilitou aos educandos, levantar as experiências de aprendizagem mais significativas vivenciadas no PJU frente à gestão e ao currículo dos dois espaços (ônibus itinerante e escola) visando obter subsídios para planejar a intervenção pedagógica.

As entrevistas permitiram aos participantes falar sobre suas experiências significativas nos dois espaços de atendimento do Programa Projovem Urbano (ônibus itinerante e escola) quanto à: intervenção do professor no acompanhamento da aprendizagem; ao material didático e à contribuição na aprendizagem; flexibilidade de horário de atendimento nas dificuldades de aprendizagem; conciliação do educando com o trabalho e a escola; avaliação do processo de aprendizagem no dia a dia; dificuldades de aprendizagem encontradas pelos educandos nos dois espaços. São questões que visavam trabalhar categorias

empíricas como: metodologia e práticas educativas na perspectiva integrada do programa, planejamento didático, avaliação e função docente.

As respostas e o posicionamento dos participantes durante a entrevista foram registrados pelo pesquisador constituindo fonte de material de pesquisa.

Com a conclusão do trabalho investigativo na pesquisa bibliográfica e documental e de posse dos dados coletados por meio de entrevistas, é feita uma seleção e organização desses dados, analisando-os e sistematizando-os a partir do referencial teórico-metodológico, considerando sobretudo as escolhas dos conceitos feitas anteriormente para essa investigação.

Ao iniciar na pesquisa a etapa de análise e interpretação dos dados apresentados pelos educandos, este Profissional do Magistério se posiciona como um pesquisador que vai, de fora, olhar, em um sentido longitudinal, a trajetória de onze anos lecionando no Programa Projovem Urbano e tenta compreender como os educandos que vivenciaram este espaço de aprendizagem se constituem em pensamento, ações e saberes.

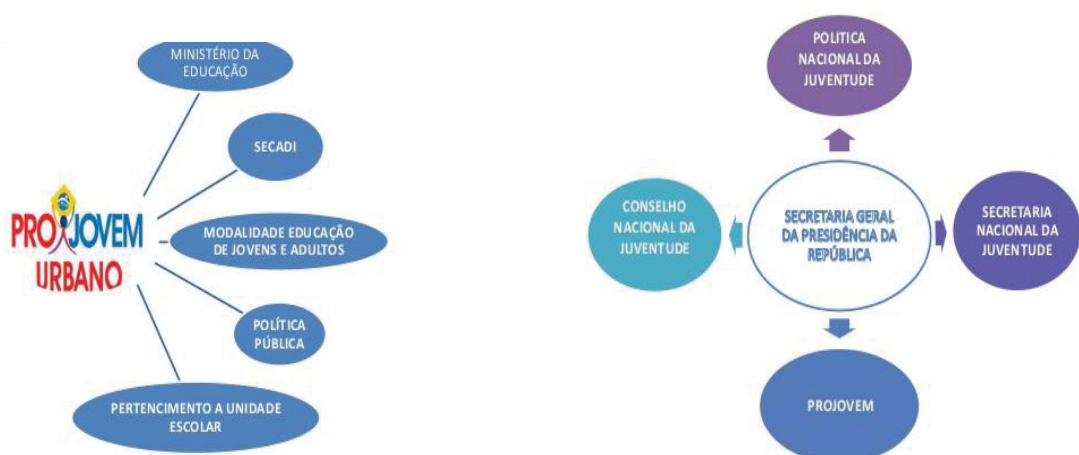
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E ANÁLISE DOCUMENTAL

3.1 HISTÓRICO DA IMPLANTAÇÃO DO PROGRAMA PROJOVEM URBANO EM NÍVEL NACIONAL E NA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE CURITIBA

Este capítulo apresenta o Programa Projovem Urbano, trazendo aspectos legais da sua estrutura e organização, objetivos, metas, público-alvo e o seu Projeto Pedagógico Integrado - PPI. Para essa finalidade, faz-se uso de documentos e estudos teórico sobre sua implantação e implementação disponíveis nos bancos de dados, como Scielo, Capes dentre outros de livre acesso.

O PJU qual trata-se de um programa do Governo Federal que se iniciou durante o ano de 2004 com o Grupo Interministerial da Juventude, o qual envolveu 19 Ministérios, Secretarias e Órgãos Técnicos Especializados, para elaborar um diagnóstico sobre a juventude brasileira e mapear as ações governamentais que seriam dirigidas especificamente aos jovens ou que contemplariam segmentos juvenis, tendo em vista a indicação de referências para uma política nacional da juventude. A Figura 1 ilustra a estrutura organizacional do referido programa.

FIGURA 1 – ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DO PROGRAMA PROJOVEM URBANO



FONTE: BRASIL, 2008 – PPI

O Grupo Interministerial da Juventude sugeriu a implantação de uma política nacional inovadora para a juventude, que compreendia:

O programa Nacional de Inclusão de Jovens: Educação, Qualificação e Participação Cidadã – Projovem Urbano - voltado especificamente para o segmento juvenil mais vulnerável e menos contemplado por políticas públicas vigentes. O programa assume, ao mesmo tempo, **caráter emergencial**, atendendo um segmento da sociedade que tem necessidade de chegar ao Ensino Médio e **caráter experimental**, no curso de formação – ao basear em novos paradigmas sua proposta curricular que trata de forma integrada a formação geral, a qualificação e o engajamento cívico (BRASIL, 2008, p. 21).

A integração entre Ensino Fundamental, Qualificação Profissional e Participação Cidadã pressupõe uma perspectiva de cooperação interdisciplinar, voltada para o desenvolvimento de saberes, conhecimentos, competências e valores de solidariedade e cooperação contemporâneos do século XXI. Contudo, a instituição do Programa Nacional de Inclusão de Jovens – Projovem Urbano - não se deu simplesmente pela vontade dos governantes ou por força da lei. Todo processo foi fruto de inúmeras discussões e negociações que culminaram, em junho de 2005, na Medida Provisória 238/2005, que instituiu o ProJovem Urbano, convertida na Lei 11.129/2005, regulamentada pelo Decreto 5.557 de 05/10/2005, o qual definiu em seu Artigo 2º, Parecer CNE/CEB nº: 18/2008, Coordenação Nacional do ProJovem Urbano, a finalidade do programa de:

[...] executar ações integradas que propiciem aos jovens brasileiros, na forma do curso previsto no artigo 81 da Lei 9.394/96, a elevação da escolaridade dos jovens, visando a conclusão do Ensino Fundamental, à Qualificação Profissional, em nível de formação inicial, voltada a estimular a inserção produtiva cidadã e ao desenvolvimento de Ações Comunitárias com práticas de solidariedade, exercício de cidadania e intervenção na realidade local (BRASIL, 2008, p. 21).

Conforme determina a lei 11.692/2008, a faixa etária de atendimento foi ampliada para 18 a 29 anos e aumentou a duração do curso para 18 meses. Desde a sua criação o Projovem Urbano teve,

[...] caráter de intervenção emergencial, destinada a atender parcela significativa dos jovens com o perfil socioeconômico tipificado como público-alvo, que tem necessidade de retornar à trajetória escolar e prosseguir nos estudos. Assumiu também caráter experimental ao basear-se em novos

paradigmas, constituindo sua proposta curricular com base em conceitos que dão suporte à articulação entre o Ensino Fundamental, a Qualificação Profissional e a Participação Cidadã, visando à formação integral do jovem, considerado como protagonista da sua formação. A Qualificação Profissional tem-se apresentado como um dos fatores principais de atração para o programa representando fator decisivo para o ingresso no curso e uma chance de aprender uma profissão. A Participação Cidadã representa oportunidade significativa de aprendizagem, resgate de cidadania e desenvolvimento social (BRASIL, 2012, p. 20).

Com intuito de ampliar o programa e de incorporá-lo efetivamente às políticas nacionais de educação, em 21 de dezembro de 2011, o Decreto 7.649 determinou que a execução e a coordenação nacional do Projovem Urbano ficassem no âmbito do Ministério da Educação e Cultura (MEC). Assim o programa passou a ser executado em âmbito nacional, no Ministério da Educação, ficando integrado à modalidade Educação de Jovens e Adultos - EJA (BRASIL, 2011). Em âmbito local,

[...] passou a ser coordenado pelas secretarias de educação dos estados e/ou município e do Distrito Federal, que a ele fizerem adesão. A condição para que os municípios parceiros iniciem suas atividades é a existência de pelo menos um núcleo com 200 estudantes. As secretarias e seus órgãos são orientados a planejar um esquema de ação próprio para informar aos jovens de sua localidade sobre a oferta do programa (BRASIL, 2012, p. 20).

As matrículas dos estudantes eram feitas diretamente nas escolas públicas escolhidas pelos entes federados parceiros para desenvolver o curso. O Programa Projovem Urbano integrava,

A Educação de Jovens e Adultos - EJA e a Educação Profissional, somando o trabalho como princípio educativo. É o resultado da integração e articulação entre ambas, concebido como alternativa de inclusão social de jovens excluídos da escola e do trabalho. Essa inclusão social se dará pela elevação dos níveis de escolaridade desses jovens, pela sua qualificação inicial para o trabalho e pela sua participação cidadã que busca incluí-los social e culturalmente, como cidadãos atuantes (BRASIL, 2012, p. 20).

Conforme Parágrafo 1º. do Artigo 3º. do Decreto 5.154/2004,

[...] a educação e a certificação para o trabalho serão planejadas de forma a compor itinerários formativos por arcos ocupacionais, em termos de consideração do conjunto das etapas que compõem a organização da educação profissional em uma determinada área, possibilitando o aproveitamento contínuo e articulado dos estudos (BRASIL, 2004).

O programa propunha um trabalho na perspectiva de contribuir especificamente para a reinserção do jovem na escola; a identificação de oportunidades de trabalho e qualificação profissional inicial; a oferta de oportunidades de desenvolvimento de vivências desses jovens em ações comunitárias e o acesso dos educandos à inclusão digital como instrumento de inserção produtiva e de comunicação (BRASIL, 2012, p. 25).

A meta inicial do ProJovem Urbano foi atender cerca de 200.000 jovens, no período de 2005 a 2008, atuando em todas as capitais brasileiras e no Distrito Federal. Em 2006 ampliou o atendimento aos municípios das regiões metropolitanas que possuíam 200.000 habitantes ou mais, tendo recebido a adesão de 29 cidades (BRASIL, 2012).

O sucesso do programa e o interesse dos parceiros em sua implantação são indicadores de compromisso na luta contra as desigualdades e a exclusão social, bem como de confiança na força e na potencialidade da juventude brasileira. A avaliação do programa em 2010 indicou que os jovens excluídos estão mais dispersos geograficamente, apontando a necessidade de ampliar o alcance do programa para cidades menores, uma vez que parte substantiva dos jovens brasileiros deixa de ser contemplada, quando se restringe o atendimento a municípios com mais de 200 mil habitantes (BRASIL, 2012, p. 13).

Democratizar as vagas disponíveis em cada município tornou-se um dos grandes desafios para garantir o sucesso do PJU, pois era preciso fazer com que todos os jovens que se enquadrassem no perfil do público-alvo, tivessem acesso às informações sobre o curso e encontrassem condições igualitárias e transparentes para se inscreverem e garantirem seu ingresso (BRASIL, 2012). A avaliação do programa em 2010,

[...] indicou o limite das atuais ofertas educacionais para esse tipo de público e deixou clara a dependência desses jovens em relação às políticas específicas. Demonstrou, ainda, que eles não tiveram, anteriormente, oportunidades educacionais adequadas nem chances de se preparar para os desafios do mundo do trabalho. Mostrou também que os jovens se preocupam em obter a certificação do ensino fundamental e aprender uma profissão por acreditarem que estas são condições básicas para sua emancipação e a de suas famílias. E têm perfeita noção de pertencimento comunitário e disponibilidade para ações coletivas e participativas. É preciso observar que é difícil a relação desses jovens com o mercado de trabalho. A própria colocação no mercado formal é geralmente precária e de curta duração (BRASIL, 2012, p. 16).

Nesse sentido o PJU é um dos eixos fundamentais da Política Nacional e representa o compromisso para com os jovens brasileiros que mais sofrem com as consequências de um processo de exclusão dos bens sociais, entre os quais a educação e o trabalho. O programa propõe estratégias com objetivo de,

[...] reconduzir os jovens para os sistemas educacionais, criando e validando múltiplas formas e múltiplos espaços de aprendizagem, de modo a ampliar o acesso aos sistemas de ensino e aumentar a probabilidade de permanência neles (BRASIL, 2008, p. 15).

A organização curricular inovadora e flexível buscava aliar teoria e prática articulando à dimensão educativa do trabalho e à Participação Cidadã. Apresenta Unidades Formativas tendo como propósito possibilitar a construção do conhecimento em um processo contínuo. Cada Unidade Formativa (UF) articulava-se em torno de um eixo estruturante, de instrumentais conceituais e de ações curriculares. Segundo Burnier e Cunha (2005), a estruturação curricular por eixos,

[...] tem como meta possibilitar a flexibilização e a agilidade dos conteúdos e das práticas curriculares, ao mesmo tempo em que busca garantir uma unidade de conhecimento centrada no foco do curso, preservando seu aspecto acadêmico. [...] um “eixo de conteúdos e atividades” consiste na descrição dos conteúdos de uma grande área de conhecimento que o currículo visa abranger, constituindo-se na soma destes na macro unidade que a instituição como sendo o currículo do curso (BURNIER; CUNHA, 2005, p. 36).

O eixo estruturante correspondia, em cada unidade, a uma situação de instrumentos conceituais que indicavam a perspectiva de abordagem da situação-problema sendo que,

As ações curriculares, relativa às áreas de Língua Portuguesa e Língua Estrangeira Moderna/Inglês, Artes, Matemática e Informática, estão presentes em todas as UF. No tratamento dos instrumentais conceituais, busca combinar a ótica das Ciências da Natureza (Física, Química e Biologia) com a ótica das Ciências Humanas (Língua Portuguesa, Geografia, História, Ciências Sociais e Língua Estrangeira Moderna/Inglês) (BRASIL, 2008, p. 80).

Os princípios da proposta pedagógica incluíam as ideias de protagonismo do jovem e democracia participativa, a gestão da sala de aula implicava relação pedagógica de mão dupla, segundo a qual,

Não é apenas o educador que ensina para o educando aprender; há uma troca de saberes: ambos ensinam e ambos aprendem. Não se pode deixar de valorizar o que cada um tem a dar: todo mundo é bom em alguma coisa! Por isso é tão interessante que o currículo seja amplo e diversificado, abrangendo diferentes dimensões do ser humano, possibilitando aos educandos várias oportunidades de contribuir para com curso, os colegas e para com a comunidade (BRASIL, 2008, p. 82).

A gestão da classe implicava levar em conta a negociação entre educandos e educadores, que resulta no currículo real. Seria necessário que as questões fossem discutidas, abrindo-se a possibilidade de acordos entre educandos e educadores, entretanto, há que se levar em conta a questão do estabelecimento de limites, pois, fazem parte do contexto dos jovens, mas eram focalizados pelos diferentes campos do conhecimento segundo as especificidades do olhar de cada um,

[...] tendo em vista a promoção da equidade e, assim, considerando as especificidades de seu público: a condição juvenil e a imperativa necessidade de superar a situação de exclusão em que se encontram esses jovens no que se refere aos direitos à educação, ao trabalho e à cidadania. Entende-se ainda que o acesso a esses direitos, assim como a outros direitos universais, só será pleno quando a sociedade reconhecê-los e, particularmente, quando os segmentos deles privados assumirem-se como cidadãos ativos, conscientes do seu direito a ter direitos e da necessidade de lutar por eles (BRASIL, 2012, p. 34).

O programa propunha estratégias que reconduziam os jovens para os sistemas educacionais, criando e validando múltiplas formas e múltiplos espaços de aprendizagem, de modo a ampliar o acesso aos sistemas de ensino e aumentar a probabilidade de permanência neles.

Para tanto, criou uma organização curricular inovadora e flexível. Assim, aliou teoria e prática em uma formação que se articula à dimensão educativa do trabalho e à participação cidadã. O material didático está organizado em Unidades Formativas tendo como propósito possibilitar a construção do conhecimento em um processo contínuo. Cada UF articulou-se em torno de um eixo estruturante, de instrumentais conceituais e de ações curriculares. O eixo estruturante correspondeu, em cada unidade, a uma situação de instrumentos conceituais que indicavam claramente a perspectiva de abordagem da situação-problema (BRASIL, 2012, p. 60).

As ações curriculares, relativa às áreas de Língua Portuguesa e Língua Estrangeira, Artes, Matemática e Informática, estavam presentes em todas as UF buscando combinar,

[...] a ótica das Ciências da Natureza (Física, Química e Biologia) com a ótica das Ciências Humanas (Língua Portuguesa, Geografia, História, Ciências Sociais e Língua Estrangeira Moderna/Inglês). As Unidades Formativas (UF) propostas no programa distribuem-se a partir das seguintes temáticas: UF I - Juventude e Cultura; UF II - Juventude e Cidade; UF III - Juventude e Trabalho; UF IV - Juventude e Comunicação; UF V - Juventude e Tecnologia e UF VI - Juventude e Cidadania (BRASIL, 2008, p. 61).

Nessa perspectiva, esperava-se que os jovens concluintes do Projovem Urbano seriam capazes de apresentar os seguintes objetivos relacionados ao programa,

[...] afirmar sua dignidade como seres humanos, trabalhadores e cidadãos; utilizar a leitura e a escrita, assim como outras formas contemporâneas de linguagem, para se informar e aprender, expressar-se, planejar e documentar, utilizar tecnologias de informática necessárias à inserção cultural e profissional; empregar competências necessárias para o desempenho de uma ocupação que gere renda; estabelecer um projeto de desenvolvimento profissional, considerando suas potencialidades, suas necessidades de aprendizagem e as características de seu contexto de trabalho; acessar os meios necessários para exercerem efetivamente seus direitos de cidadania; assumir responsabilidades em relação ao seu grupo familiar e à sua comunidade, assim como frente aos problemas que afetam o país, a sociedade global e o planeta; identificar problemas e necessidades de sua comunidade; planejar e participar ativamente de iniciativas concretas visando a sua superação; refletir e trabalhar em grupo, valorizando a diversidade de opiniões e a resolução negociada de conflitos; afirmar valores de solidariedade, posicionando-se ativamente contra qualquer forma de racismo e discriminação (BRASIL, 2008, p. 66).

A proposta do PJU para Educação Básica de jovens é,

O anúncio de uma possibilidade ineditamente viável que não ocorre ao acaso nem se constrói individualmente, mas sim como alternativa construída coletivamente a partir da vivência crítica do sonho almejado, capaz de construir a superação das situações-limites que impedem sua concretização. No entanto, entre o pensado e o vivido algumas situações-limites, mesmo que denunciadas e anunciadas, podem causar contratempos no desejado e sonhado (BRASIL, 2008, p. 67).

Apresentar uma proposta diferenciada, organizada de forma diferente da oferecida na chamada “escola regular” ou nas propostas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) pela qual eles já passaram, é um processo difícil, mas necessário. Neste contexto, este foi um primeiro passo observado e registrado como boa prática pedagógica: respeitar e partilhar o processo que será vivido por todos como algo novo preservando a individualidade de cada um.

3.2 A COMPREENSÃO SOBRE JOVENS NO PROGRAMA PROJovem URBANO

Quanto mais formos capazes de descobrir porque somos aquilo que somos, tanto mais nos será possível compreender porque é que a realidade é o que é (FREIRE, 1974b, p. 44).

O pensamento do grande mestre Paulo Freire serve de bússola na investigação do perfil idealizado dos jovens egressos do Programa Projovem Urbano que residiram ou residem nesse município, de forma a conhecer quais as suas realidades, de onde vêm, o que fazem, seu contexto socioeconômico, suas trajetórias de trabalho e educação, bem como, suas percepções sobre o programa, analisando suas trajetórias de escolarização e profissionalização e suas experiências em comum, as expectativas e projetos de realização. Para elaborar o perfil dos jovens, se toma como referência os dados disponíveis no cadastro de estudantes do PJU, disponível na Rede Municipal de Ensino (RME), Secretaria Municipal da Educação (SME), coordenação do Programa Projovem Urbano, de livre acesso. É importante ressaltar que a inclusão dos jovens que chegaram até o final do curso, mesmo os que não tenham obtido êxitos em todas as dimensões, permite ter uma visão maior de quem são esses jovens, de onde vêm, o que fazem, podendo representar uma parcela da população jovem do município.

A juventude enquanto categoria social, representa diferentes formas de ser e estar no mundo. A juventude a que se reporta aqui, são os jovens situados na faixa etária entre 18 a 29 anos, faixa de idade que compreende o PJU, modalidade da qual se está tratando.

A especificidade e pluralidade caracterizam os sujeitos jovens que buscam completar sua escolaridade básica. Na maioria são mães ou pais de família que, em função de inúmeras razões, interromperam seus estudos, não conseguindo concluir o Ensino Fundamental. Jovens que tiveram trajetórias escolares descontínuas ou que, em dado momento de suas vidas, foram excluídos da educação formal, o que determinou para a escola uma defasagem na correspondência idade/série escolar (BRASIL, 2008, p. 29).

Para a escola esse jovem passa uma parte de sua vida em branco e, num determinado momento, ele adentra na escola novamente, como se no tempo em que ficou afastado das atividades escolares tivesse parado de viver. Mas esse cidadão continua a existir e está socialmente situado, tem vida produtiva, produz saberes,

consome, enfim, vive ou sobrevive. Charlot (2005) contribui para a reflexão quando afirma que,

[...] você pode ser excluído de um lugar, mas existe em outro. Ninguém fica, simplesmente, excluído, completamente excluído. É inegável que este educando está concretamente situado na sociedade, mesmo que seja à margem dela no sentido de exclusão do acesso aos bens materiais, sociais e culturais produzidos historicamente (CHARLOT, 2005, p. 22).

Pode-se afirmar que o Projovem Urbano, abarca um perfil de jovens com características comuns, ou seja, com perfil específico para o ingresso nesta modalidade de ensino. São educandos que trazem marcas bem distintas decorrentes do fato de não terem conseguido completar o Ensino Fundamental. O que estes têm em comum é a permanente instabilidade decorrente de sua inserção precária no mundo do trabalho e de vida, que só os inclui na informalidade, ou ainda através da subcontratação, do subemprego, pelo trabalho temporário ou insalubre.

ARROYO (2007, p. 8) afirma que estar imersos nessa realidade significa, que para eles viver é ter o que comer, ter um salário, ter uns trocados. E “quando até essas bases do viver são incertas, a incerteza invade seu viver”, sendo assim:

O traço mais sério de tudo isso é a insegurança. Um trabalhador informal não tem segurança. Hoje pode estar aqui, amanhã pode estar lá. Hoje vive de um biscate, amanhã tem que sair atrás de outro. Depende do que aparecer. Se estiver na época do alho, vende alho, se estiver na época de maçãs, vende maçãs, ou qualquer outro produto da safra. Ele não tem uma configuração clara de trabalhador. Ao contrário, ele vai criando uma ideia de alguém que está atrás do que aparece. E estar atrás do que aparece é não ter horizonte, é não construir um caminho. Não projetar-se no tempo como horizonte é estar atrás do tempo, não controlar o seu tempo humano (ARROYO, 2007, p. 8).

Nesse contexto, o Programa Projovem Urbano definiu como seu público potencial, jovens de ambos os sexos, na faixa etária entre 18 a 29 anos de idade que cursaram, pelo menos até o quinto ano, mas não concluíram o nono ano do Ensino Fundamental, com ou sem vínculo empregatício formal.

O perfil de jovens atendidos no programa indica o limite das atuais ofertas educacionais para esse tipo de público e deixa clara a dependência desses jovens em relação às políticas específicas. Demonstra, ainda, que eles não tiveram, anteriormente, oportunidades educacionais adequadas nem chances de se preparar para os desafios do mundo do trabalho. Mostra

também que os jovens se preocupam em obter a certificação do ensino fundamental e aprender uma profissão por acreditarem que estas são condições básicas para sua emancipação e a de suas famílias. E têm perfeita noção de pertencimento comunitário e disponibilidade para ações coletivas e participativas. É preciso observar que é difícil a relação desses jovens com o mercado de trabalho. A própria colocação no mercado formal é geralmente precária e de curta duração (BRASIL, 2008, p. 31).

De acordo com dados levantados pelo Sistema de Monitoramento e Avaliação (SMA) (1996), o público do PJU compõe-se de jovens que estão afastados dos bancos escolares há algum tempo, por diferentes razões,

[...] por necessidade de trabalhar, por terem sido submetidos a reprovações sucessivas, por não terem se adaptado às normas da escola, por não terem conseguido aprender. É, pois, um público especial, para o qual devem ser utilizadas e/ou criadas maneiras interessantes e eficientes de despertar o interesse e promover a aprendizagem (BRASIL, 1996, p. 45).

Quando se examina a situação particular do público potencial do programa, verifica-se que constituem o grupo mais vulnerável da sociedade brasileira. São os mais atingidos pelas fragilidades do sistema educacional, pelas mudanças no mundo do trabalho e, ainda, os mais destituídos de apoio de redes de proteção social. Mas há ainda outras dimensões que devem ser consideradas para melhor caracterizar a situação de vulnerabilidade em que se encontram, tais como: o crescimento de favelas e de periferias caracterizadas pela ausência de infraestrutura e equipamentos urbanos e de segurança pública.

Os jovens a que se destina o programa apresentam alguns traços marcantes que devem ser considerados em todos os momentos da formulação e implementação do ProJovem Urbano. De acordo com dados levantados pelo Sistema de Monitoramento e Avaliação (SMA) (1996),

São jovens que moram nas periferias das grandes cidades, encontram-se excluídos da escola e do trabalho e marcados por diversos e profundos processos de discriminação: étnico-racial, de gênero, geracional, de religião, entre outros; vivenciam uma experiência de geração que os conecta a processos globais de comunicação e, ao mesmo tempo, a complexas realidades locais de exclusão; apresentam especificidades quanto a linguagens, motivações, valores, comportamentos, modos de vida e, ainda, em relação ao trabalho, à escola, saúde, religião, violência, questão sexual, etc.; revelam trajetórias pessoais bastante diferenciadas entre si, marcadas por experiências de risco e por situações de violência, mas também por novas formas de engajamento social (BRASIL, 1996, p. 45).

De modo geral, o perfil do jovem atendido no Programa Projovem Urbano, nos mostra um educando,

[...] predominantemente caracterizado por uma trajetória escolar acidentada, com baixa renda familiar ou individual, baixo poder aquisitivo e com oportunidades precárias de inserção no mercado de trabalho. A maioria das mulheres são casadas ou tem união estável e com um ou mais filhos. Muitos entraram precocemente e de forma precária no mercado do trabalho e passaram por longos períodos de desemprego. São jovens excluídos dos direitos sociais, dentre eles, o de ter uma educação e um trabalho que lhes deem condições de viverem com um mínimo de dignidade humana. Coerentemente com o propósito governamental de promoção ampla da inclusão social, o público potencial do programa abrange, também, jovens nas mesmas condições etárias e educacionais que estejam cumprindo pena privativa de liberdade em regime fechado, em penitenciárias estaduais (BRASIL, 1996, p. 47).

Segundo o Sistema de Monitoramento e Avaliação (SMA) (1996) um dos grandes problemas enfrentados pelos educadores são as limitações de aprendizagem que surgem ao longo do curso, as quais se caracterizam em função do “desnível de entrada” apresentado pelos jovens, isto é, a heterogeneidade das turmas, especialmente no que se refere ao nível de aprendizado de cada um. Kuenzer (2010), colabora com essa ideia ao afirmar que,

A especificidade está na diversidade de seus sujeitos e nas implicações pedagógicas que a descontinuidade dos processos de escolarização representa quando esses sujeitos retomam seus estudos. A situação de distorção compromete o sistema educacional brasileiro exigindo políticas públicas para correção do fluxo escolar. Para solucionar essas dificuldades os educadores precisam partir de um diagnóstico que lhes dará subsídios para o enfrentamento do problema (KUENZER, 2010, p. 502).

A problemática da desigualdade educacional vem sendo abordada desde os anos de 1960 por Bourdieu (2008); o qual evidenciou que,

[...] as desigualdades escolares são o resultado das desigualdades sociais. Desde a educação infantil até o ensino superior há uma seleção em que os mais aptos, dotados de capital cultural, serão os beneficiados pela instituição escolar e obterão sucesso, e os demais ficarão ao longo do percurso. Da década de 1960 até os dias atuais essa realidade pouco tem mudado, pois as pessoas economicamente favorecidas é quem conseguem ingressar e permanecer em uma instituição de ensino superior (BOURDIEU, 2008, p. 97).

Nesse contexto FREIRE (1996) colabora ao afirmar que,

[...] a mudança da compreensão, de importância fundamental, não significa, porém, ainda, a mudança do concreto, isto implica que além do respeito ao saber da realidade e disponibilidade da escuta também se faz necessário refletir, denunciar e anunciar possibilidades de transformação. Não se trata, pois, de uma tarefa fácil porque historicamente desvalorizamos sistematicamente o passado em benefício do futuro, como se o vivido não influenciasse a construção da minha história (FREIRE, 1996, p. 150).

De acordo com dados levantados pelo Sistema de Monitoramento e Avaliação (SMA) (1996), os jovens atendidos buscam no Programa Projovem Urbano essas possibilidades de transformação, assim também, como a recuperação do tempo perdido. Alguns buscam recuperar a aprendizagem formal que falta, conseguindo entender a importância que a conclusão do Ensino Fundamental possa vir representar na sua vida profissional e na sua transformação social (BRASIL, 1996, p. 52).

3.3 CURRÍCULO E O PROGRAMA PROJOVEM URBANO: ALGUMAS REFLEXÕES

A palavra currículo teve diferentes significados ao longo da história da Pedagogia,

Numa perspectiva mais tradicional, significa a lista dos conteúdos de um curso. Em outras visões como da Escola Nova, por exemplo, refere-se ao conjunto das experiências vividas pelo educando sob orientação da escola. No contexto do tecnicismo, reporta-se aos arranjos necessários para compatibilizar os objetivos com os conteúdos e as atividades do processo de escolarização. Esses significados não são simplesmente substituídos uns pelos outros, mas permanecem no imaginário dos educadores, até de forma inconsciente, o que leva à necessidade de refletir sobre as influências que eles exercem na prática pedagógica (BRASIL, 2012, p. 16).

As teorias do currículo procuram justificar a escolha de determinados conhecimentos e saberes em detrimento de outros, considerados menos importantes. Tomaz Tadeu da Silva, (2002) faz uma importante análise sobre as teorias do currículo, desde sua origem até as teorias pós-críticas, e a contribuição destas nos estudos sobre o currículo e suas implicações na formação da subjetividade e identidade dos sujeitos,

Para a teoria tradicional, o currículo deveria conceber uma escola que funcionasse de forma semelhante a qualquer empresa comercial ou industrial. Sua ênfase estava voltada para a eficiência, produtividade, organização e desenvolvimento. O currículo deve ser essencialmente técnico e a educação vista como um processo de moldagem (SILVA, 2002, p. 150).

Para Michael Apple (2006), o currículo representa,

[...] de forma hegemônica, as estruturas econômicas e sociais mais amplas. Assim, o currículo não é neutro, desinteressado. O conhecimento por ele corporificado é um conhecimento particular. Importa saber qual conhecimento é considerado verdadeiro. A reprodução social não se dá de forma tranquila, há sempre um processo de contestação, conflito, resistência (APPLE, 2006, p. 59).

Henry Giroux (2008) concebe o currículo,

[...] como política cultural, uma vez que o mesmo não transmite apenas fatos e conhecimentos objetivos, mas também constrói significados e valores sociais e culturais. É o currículo visto por meio dos conceitos de emancipação e libertação (GIROUX, 2008, p. 93).

Paulo Freire (1996) critica o currículo existente através do conceito de “educação bancária”. Considerando a fala do mestre,

[...] o currículo tradicional está afastado da situação existencial das pessoas que fazem parte do processo de conhecer. O currículo deve conceber a experiência dos educandos como a fonte primária para temas significativos ou geradores (FREIRE, 1996, p. 117).

Basil Bernstein (1996) analisa o currículo a partir de duas distinções fundamentais: o currículo tipo coleção e o currículo integrado.

Para o primeiro, as áreas e os campos do conhecimento são organizados de forma isolada. No segundo, há uma diminuição das distinções entre as áreas do conhecimento. A classificação determina o que é legítimo ou ilegítimo incluir no currículo. Já o currículo oculto, é aquele que, embora não faça parte do currículo escolar, encontra-se presente nas escolas através de aspectos pertencentes ao ambiente escolar e que influenciam na aprendizagem dos alunos. O currículo oculto forma atitudes, comportamentos, valores, orientações etc., que permitem o ajustamento dos sujeitos às estruturas da sociedade capitalista (BERNSTEIN, 1996, p. 92).

As ideias mais atuais veem o currículo não como algo feito, mas como algo que se faz ao longo do tempo, e é essa concepção que se adota no Programa Projovem Urbano, considerando-se o currículo como,

[...] um processo que envolve escolhas, conflitos e acordos que se dão em determinados contextos com a finalidade de propor o que se vai ensinar. O resultado desse processo é chamado **currículo formal**, que na escola e principalmente na sala de aula, transforma-se em **currículo real**, ou seja, aquilo que efetivamente é ensinado/aprendido, nas interações com os professores e colegas e nas experiências vividas no contexto escolar. O currículo real, portanto, se concretiza no cotidiano da escola, ao longo do tempo. É importante lembrar ainda as noções de **currículo oculto**, ou seja, o que ensina e se aprende, sem que seja explicitado ou planejado, ao vivenciar a cultura da escola (BRASIL, 2008a, p. 62-63, grifo do autor).

O pensamento do mestre contribui nos estudos do currículo do Programa Projovem Urbano, a proposta de educação problematizadora, as orientações para elaboração e execução do currículo, remete a concepção de um currículo integrado e interdisciplinar uma vez que,

[...] possui uma flexibilidade curricular e organizacional, o que não acontece na educação formal, fazendo com que os resultados sejam mais imediatos, colocando o “graduado” no mercado de trabalho ou nas atividades políticas, sem ter que esperar dez ou quinze anos, como é o caso da educação formal (FREIRE, 1996, p. 113).

A importância que é dada às experiências dos educandos e à realidade destes reafirma essa compreensão. Considerando, pois, as questões norteadoras e os objetivos desse estudo, uma condição primeira para o desenvolvimento desta seção foi a realização de uma revisão de literatura que abordasse o currículo.

O currículo integrado é algo central e se materializa por meio do Projeto Político-Pedagógico Integrado (PPI) e único para as ofertas de cursos ligados ao Programa ProJovem Urbano. O que se pretende é uma integração epistemológica, de conteúdos, de metodologias e de práticas educativas (BRASIL, 2007b, p. 41).

No PJU, o currículo formal está inscrito neste projeto pedagógico, nos Guias de Estudo e nos Manuais do Educador. A expectativa é que, seguindo um conjunto limitado (porém claramente estabelecido) de orientações formais, os educadores

possam pôr em campo suas capacidades de trabalhar em equipe, com autonomia, e de criar situações de ensino e aprendizagem estimulantes e desafiadoras para os educandos. O currículo formal do PJU,

[...] constitui um elemento unificador, na medida em que é internalizado pelos professores. Os elementos que favorecem essa internalização variam de um sistema de ensino para outro, de programa para programa, de escola para escola. No ProJovem Urbano, espera-se que eles residam na clara compreensão pelos educadores da proposta pedagógica do curso e das especificidades dos estudantes atendidos (BRASIL, 2008a, p. 63).

Desse modo, os educadores poderão traçar sua ação de acordo com os princípios e diretrizes do curso e, ao mesmo tempo, dar conta das necessidades e interesses dos educandos pois,

[...] os conteúdos estudados no curso foram objeto de seleção baseada nos interesses e necessidades do público potencial, bem como dos eixos estruturantes das unidades formativas. Deve ficar muito claro para todos que, com essa seleção, não se pretende “comprimir” vários anos de escolaridade regular em 18 meses. A proposta do ProJovem Urbano é no aprender a aprender. Para isso, utilizam-se conteúdos restritos a diferentes áreas do conhecimento, mas cientificamente corretos e socialmente válidos, e criam-se situações estimulantes para o educando (BRASIL, 2008a, p. 64).

Um grande diferenciador na execução do currículo formal do curso é o próprio educador, que apresenta uma história familiar, uma formação diferenciada, um conjunto de crenças e valores, de habilidades intelectuais e psicomotoras que fazem dele um ser singular,

[...] assim, cada professor interpreta e dá vida ao currículo formal de maneira pessoal, em cada turma que trabalha. Essa diferenciação do trabalho do educador de turma para turma relaciona-se também aos jovens. Estes também diferem entre si: têm histórias diferentes, famílias diferentes, culturas diferentes, personalidades diferentes e irão reagir às influências recebidas diferentemente. Assim, o educador interage diferentemente com educandos diferentes (BRASIL, 2008a, p. 65).

No caso específico do ProJovem Urbano, uma diferença significativa entre os jovens está no nível de conhecimento/desempenho escolar dos educandos. Nessa situação, o educador deverá fazer uso do que alguns autores chamam de “discriminações positivas”, desenvolvendo ações que procuram atenuar as desigualdades, criando alternativas para ajudá-los nas dificuldades e defasagens de

aprendizagem. Um currículo pode ser integrado ou não, mas hoje se acredita que a integração seja importante para a eficácia do processo de ensino e aprendizagem.

No Programa Projovem Urbano, trabalha-se com o princípio de que o sujeito aprende realmente quando organiza os conhecimentos de forma própria, relacionando o novo conhecimento com aquilo que já sabia e suas histórias de vida e expectativas. Em outras palavras, é preciso que a educação seja contextualizada e considere o educando como sujeito, protagonista de sua formação como ser humano e cidadão.

O currículo do curso organiza-se como uma rede resultante do cruzamento de eixos estruturantes com os conteúdos curriculares selecionados. Resumindo, cada Unidade Formativa constrói-se em torno de um eixo estruturante que funciona como tema transversal, ou seja, orienta a seleção final dos conteúdos e sua organização em tópicos, Eixo Estruturante Juventude e Cultura; Juventude e Cidade; Juventude e Trabalho; Juventude e Comunicação; Juventude e Tecnologia e Juventude e Cidadania (BRASIL, 2008a, p. 65).

Cada componente curricular enfoca o eixo estruturante com o olhar da disciplina ou campo de conhecimento correspondente, de modo a criar um ambiente pedagógico favorável à construção de noções fundamentais e ao desenvolvimento de habilidades básicas. Esse processo se traduz em ações curriculares ou situações de ensino e aprendizagem nas quais os educandos se apropriam das informações e incorporam aos seus repertórios de aprendizagens. O Parecer CNE/CEB nº 18/2008, no seu inciso IV, determina que,

O Projovem Urbano será um programa educativo com organização curricular que trabalha de forma integrada todos os componentes curriculares, sem a clássica separação entre teoria e prática. O mundo da cultura e do trabalho empresta o contexto para o desenvolvimento das bases científicas e tecnológicas, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina (BRASIL, 2008).

A orientação para a seleção dos conteúdos das disciplinas vem da identificação dos aspectos importantes para os jovens que vivem nas áreas urbanas e que, em algum momento de suas vidas, foram excluídos socialmente – da escola, do mundo do trabalho, do exercício da cidadania. Tanto os conteúdos curriculares quanto os eixos estruturantes foram definidos com base nas características do público do Projovem Urbano, nos objetivos e nas diretrizes definidas para o curso.

Nessa perspectiva, os eixos estruturantes do currículo podem ser entendidos como temas transversais. De acordo com o Manual do Educador,

A proposta curricular do Projovem Urbano tem como princípio fundamental a já afirmada integração entre Formação Básica, Qualificação Profissional e Participação Cidadã, tendo em vista a promoção da equidade e, assim, considerando as especificidades de seu público: a condição juvenil e a imperativa necessidade de superar a situação de exclusão em que se encontram esses jovens no que se refere aos direitos à educação, ao trabalho e à cidadania. Entende-se ainda que o acesso a esses direitos, assim como a outros direitos universais, só será pleno quando a sociedade os reconhecer e, particularmente, quando os segmentos deles privados assumirem-se como cidadãos ativos, conscientes do seu direito a ter direitos e da necessidade de lutar por eles (BRASIL, 2012, p. 34).

O currículo do Programa Nacional de Inclusão de Jovens: Educação, Qualificação e Ação Comunitária – Projovem Urbano - foi desenvolvido no início do ano de 2005, com base em um conjunto de oficinas de estudos com a participação de especialistas em educação, qualificação para o trabalho e serviço. Fundamenta-se nos princípios político-pedagógicos e diretrizes curriculares e metodológicas definidos no PPI, que recomendam a Matriz Curricular como,

[...] uma referência essencial para a elaboração dos materiais didáticos e complementares, a organização do trabalho pedagógico e a avaliação dos processos de ensino e aprendizagem. O programa dá grande importância ao protagonismo dos jovens e à cidade como espaço educativo. A organização curricular inovadora e flexível, busca aliar teoria e prática, que se articula à dimensão educativa do trabalho e à participação cidadã. Nesses termos o currículo integrado do Projovem é um currículo que abrange os diferentes aspectos do ser humano em sua interação com a cultura e a sociedade contemporânea (BRASIL, 2008, p. 63).

O currículo do curso abrange os diferentes aspectos do ser humano, sustentando-se em três dimensões que funcionam como pilares: a Formação Básica para elevação da escolaridade ao nível do nono ano do Ensino Fundamental; a Qualificação Profissional para o mundo do trabalho, incluindo qualificação inicial em um arco de ocupações e a Participação Cidadã envolvendo uma experiência de ação social cidadã. Para que o curso cumpra as finalidades a que se propôs, essas três dimensões devem ser articuladas, de modo que cada uma contribua para fortalecer as demais (BRASIL, 2008, p.63), sendo que a Figura 2 ilustra o currículo integrado do programa.

FIGURA 2 – DIMENSÕES DO CURRÍCULO DO PROGRAMA PROJovem URBANO



FONTE: BRASIL, 2008 – PPI

Os princípios da proposta pedagógica incluem as ideias de protagonismo do jovem e democracia participativa, a gestão da sala de aula implica relação pedagógica de mão dupla: não é apenas o educador que ensina para o educando aprender; há uma troca de saberes: ambos ensinam e ambos aprendem. Não se pode deixar de valorizar o que cada um tem a dar: todo mundo é bom em alguma coisa. Por isso é tão interessante que o currículo seja amplo e diversificado, abrangendo diferentes dimensões do ser humano, possibilitando aos educandos várias oportunidades de contribuir para com o curso, os colegas e para com a comunidade.

3.3.1 Projeto Pedagógico Integrado (Ppi) – Projovem Urbano

A importância do Projeto Pedagógico Integrado (PPI), encontra respaldo na reflexão do mestre Paulo Freire que define o alcance da integração para as instituições escolares,

O Projeto Integrado na sua dimensão pedagógica possibilita a efetivação da finalidade da educação escolar que é a formação do cidadão crítico, responsável, criativo e participativo, através da apropriação do saber científico, sistematizado, historicamente, acumulado pela humanidade. Pedagógico, no sentido de definir as ações educativas para que a escola cumpra seus propósitos e intencionalidade (FREIRE, 1997, p. 119).

Conforme evidenciado na fala de Paulo Freire (1997), um projeto pedagógico tem sua razão de ser respaldada na necessidade dos seres humanos, em especial, daqueles em processo de formação nas escolas. Deve, portanto, ser compreendido como um planejamento nunca acabado, feito no coletivo, num caminhar de atores envolvidos. Nesse sentido, o PPI do Projovem Urbano, representa um desafio para educadores e gestores locais, pois requer novas práticas pedagógicas e institucionais. O documento é construído/desconstruído/reconstruído coletivamente, por isso é um processo democrático de decisões, de opções explícitas voltadas à superação de problemas específicos de uma realidade específica.

Os fundamentos legais para a elaboração das diretrizes e estratégias curriculares estão assentados nos preceitos constitucionais, conforme apresentação feita pela Coordenação Nacional do Projovem Urbano ao Conselho Nacional de Educação para apreciação do PPI e autorização de funcionamento do programa, o qual, conforme a Constituição da República Federativa do Brasil, define como fundamentos do Estado Democrático de Direito, dentre outros,

[...] a cidadania (Artigo 1º, inciso II), a dignidade da pessoa humana (Artigo 1º, inciso III) e os valores sociais do trabalho (Artigo 1º, inciso IV – *in fine*). Para tanto, ela proclama, no Artigo 3º, como objetivos fundamentais a serem garantidos: I – construir uma sociedade livre, justa e solidária; II – garantir o desenvolvimento nacional; III – erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais; e IV – promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação (BRASIL, 2008b, p. 13).

Nesse sentido, de acordo com o proposto no seu PPI, o Projovem Urbano tem por finalidade,

[...] a promoção da formação integral dos jovens associando a educação básica, a qualificação profissional e a ação cidadã, de modo que os possibilitem a elevação da escolaridade, a qualificação com certificação de formação inicial, o desenvolvimento de experiências de participação social e cidadã e a inclusão digital. Numa visão geral, o programa busca atender os preceitos legais, tratando da inclusão social no contexto do desenvolvimento humano e dos direitos de cidadania; afirmando os jovens como sujeitos de direitos, valorizando suas expressões culturais, seus saberes, emoções, sociabilidades, ações éticas e estéticas; compreendendo a juventude na perspectiva de geração (BRASIL, 2008b, p. 13).

O programa propõe uma articulação interdisciplinar e, para além disto, uma interação entre o saber do professor e os diversos e diferentes saberes dos educandos, compreendendo, a aprendizagem como construção ativa na interação do educando com o educador e os demais integrantes da turma.

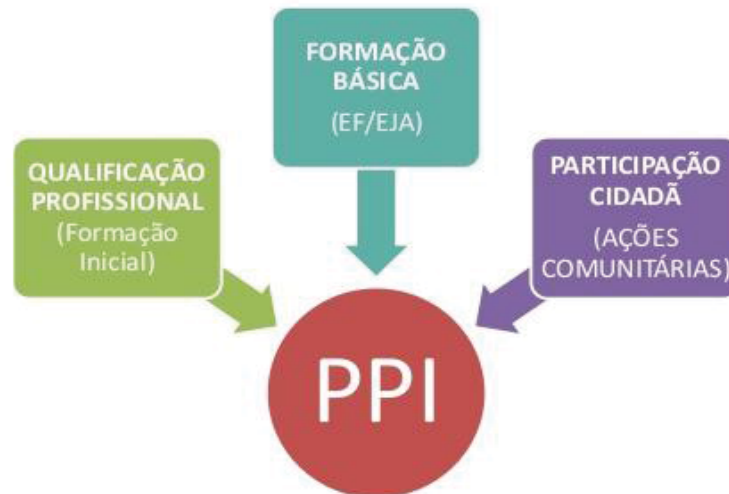
A execução desse projeto pedagógico de forma integrada exige, por certo, uma dinâmica específica de envolvimento e competência de gestores, assistentes pedagógicos, assistentes administrativos, formadores e educadores que devem garantir o alcance dos objetivos propostos, sem que sua operacionalização se descole de suas diretrizes, princípios e propósitos. Com este formato de execução é necessário domínio sobre a concepção do programa, sobre a proposta pedagógica e curricular na qual está pautado, sobre a organização de seus tempos e espaços pedagógicos como também, sobre as especificidades do público para o qual está destinado. Nessa perspectiva, reafirma-se o cerne das propostas pedagógicas do programa, as quais mantêm como finalidades específicas,

[...] a reinserção dos jovens no processo de escolarização; identificação de oportunidades potenciais de trabalho e a capacitação dos jovens para o mundo do trabalho; participação dos jovens em ações coletivas de interesse público; inclusão digital como instrumento de inserção produtiva e de comunicação; ampliação do acesso aos jovens à cultura (BRASIL, 2012, p. 11).

Para garantir situações que favoreçam esse tipo de aprendizagem, é necessário articular a ação criadora dos educandos envolvidos com os princípios e diretrizes do PPI. Os referenciais pedagógicos do Programa Projovem Urbano que fundamentam sua proposta curricular e orientam a organização dos tempos e espaços pedagógicos do curso dizem respeito principalmente à visão do educando como agente ativo do seu próprio conhecimento, isto é, sujeito que constrói significados e define o seu próprio sentido e representação da realidade, de acordo com suas experiências e vivências, mas sempre em um contexto sociocultural definido. Logo, a proposta curricular do PJU tem como princípio fundamental a já anteriormente citada neste trabalho de pesquisa integração entre Formação Básica, Qualificação Profissional e Participação Cidadã, apresentados na Figura 3, que ilustra a proposta curricular:

FIGURA 3 – PROPOSTA CURRICULAR DO PROGRAMA PROJovem URBANO

PROJETO PEDAGÓGICO INTEGRADO – PPI



FO

FONTE: BRASIL, 2008 - PPI

O programa propõe aliar teoria e prática, formação e ação, explorando a dimensão educativa tanto do trabalho como da participação cidadã. Todas as referências do PPI, apontam para um currículo integrado que, conscientemente, considere as dimensões humanas do conhecimento, da ação e do compromisso consigo mesmo e com os outros. O currículo do curso foi concebido nessa perspectiva e pretende ultrapassar o campo das intenções para promover situações pedagógicas que efetivamente favoreçam a construção do protagonismo juvenil.

Isso implica criar estruturas, tempos e espaços de aprendizagem vinculados aos objetivos do programa e planejar ações nas quais se concretizem as experiências julgadas fundamentais para o processo de inclusão pretendido. Com isso, espera-se que os jovens concluintes sejam capazes de,

[...] estabelecer um projeto de desenvolvimento profissional, considerando suas potencialidades, suas necessidades de aprendizagem e as características de seu contexto de trabalho; exercer direitos e deveres de cidadania, participar de processos e instituições que caracterizam a vida pública numa sociedade democrática; continuar aprendendo ao longo da vida, tanto pela inserção no sistema de ensino formal quanto pela

identificação e o aproveitamento de outras oportunidades educativas (BRASIL, 2008, p. 66).

O PJU é um programa com objetivo de que o jovem adquira as competências próprias do Ensino Fundamental previstas nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) e amplie seus saberes e suas práticas nas demais dimensões do currículo, sendo que,

O programa opera positivamente para a promoção da equidade, proporcionando aos educandos ganhos de proficiência em nível individual e ampliando o contingente de jovens com melhora de rendimento escolar. Nessa perspectiva, a conclusão do Ensino Fundamental com a construção efetiva de conhecimentos pelo estudante, não deve ser encarada como um fim em si mesma, mas como etapa da desejável elevação ao patamar seguinte do seu percurso escolar (BRASIL, 2008, p. 69)

Os educandos têm a perspectiva de Ensino Médio através da parceria com a Secretaria de Estado de Educação (SEED-PR) a qual viabiliza, através do Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos – CEEBJA - a abertura de turmas exclusivas para os estudantes do Projovem Urbano, permitindo que os jovens ingressem imediatamente no Ensino Médio, evitando assim a dispersão. Os educandos têm ainda oportunidade de realizar o Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM), o qual oferece a opção de certificação automática no Ensino Médio àquele jovem que tem mais de 18 anos, se tiver 40% da nota nas disciplinas e 50% na redação. Com isso o programa possibilita concluir tanto o Ensino Fundamental como o Ensino Médio, pelo bom aproveitamento acadêmico, propiciando aos educandos elevação aos níveis seguintes da sua formação educacional.

3.3.1.1 Eixo Estruturante: Formação Básica

O fato, porém, de ensinar o ensinante a ensinar um certo conteúdo não deve significar, de modo algum, que o ensinante se aventure a ensinar sem competência para fazê-lo. Não o autoriza a ensinar o que não sabe. A responsabilidade ética, política e profissional do ensinante lhe coloca o dever de se preparar, de se capacitar, de se formar antes mesmo de iniciar sua atividade docente. Esta atividade exige que sua preparação, sua capacitação, sua formação se tornem processos permanentes. Sua experiência docente, se bem percebida e bem vivida, vai deixando claro que ela requer uma formação permanente do ensinante. Formação, que se funda na análise crítica de sua prática (FREIRE, 2001, p. 260).

O pensamento do grande mestre Paulo Freire, orienta a investigação do ato de ensinar o ensinante na dimensão primeira do Projeto Pedagógico Integrado que é destinado a Educação Básica. Nesse sentido, a concepção da Educação Básica do Programa Projovem Urbano, de acordo com o seu PPI, deverá garantir as aprendizagens que correspondem às Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para o Ensino Fundamental e certificação correspondente, ao mesmo tempo em que fundamenta a formação profissional e a ação comunitária (BRASIL, 2012). A elaboração dos materiais, a organização do trabalho pedagógico e a avaliação dos processos de ensino e aprendizagem foram orientados pelas diretrizes gerais relativas às dimensões curriculares, para as quais,

A Formação Básica deverá garantir as aprendizagens que correspondem às Diretrizes Curriculares Nacionais para (i) o Ensino Fundamental e (ii) a Educação de Jovens e Adultos e, ao mesmo tempo, fundamentar a Qualificação Profissional e a Participação Cidadã (BRASIL, 2012, p. 38).

A Formação Básica responde pelo direito subjetivo de todos os cidadãos à Educação e pelo dever do Estado de oferecê-la com qualidade. Nesta dimensão, abordam-se em nível de Ensino Fundamental, as áreas de conhecimento indicadas no Parágrafo 1º, do Artigo 26 da Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional, que, “os currículos a que se refere o *caput* devem abranger obrigatoriamente, o estudo da língua portuguesa e da matemática, o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política, especialmente do Brasil” (BRASIL, 2008, p. 38). No PJU a Formação Básica lembra o compromisso com o nível de educação obrigatório para todos os cidadãos brasileiros e representa uma nova estratégia para promover a elevação de escolaridade do público do programa até a conclusão do Ensino Fundamental, sendo que:

O componente Formação Básica, que constitui uma das três dimensões do currículo, desdobra-se em áreas ou disciplinas que, [...] devem promover o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e competências indispensáveis para a vida na sociedade atual. Além disso, inclui a elaboração de sínteses interdisciplinares, relacionando os conhecimentos das três dimensões do currículo com questões que perpassam o cotidiano do jovem (BRASIL, 2012, p. 38).

A Figura 4 ilustra os eixos estruturantes do PJU:

FIGURA 4 – EIXOS ESTRUTURANTES DO PROGRAMA PROJovem URBANO



FONTE: BRASIL, 2008 – PPI

No PJU os conteúdos não eram trabalhados em um tempo menor, mas sim no desenvolvimento das habilidades básicas necessárias para tratar informações e construir conhecimento. Logo,

[...] os conteúdos são selecionados em função dos educandos, segundo sua importância para a formação de cidadãos conscientes e capazes de mudar sua postura diante dos fatos e dos problemas da vida contemporânea. Neste caso, os conteúdos tornam-se instrumentos de inclusão social e compreendem, além dos cognitivos, os conteúdos procedimentais e atitudinais. A orientação para seleção dos mesmos vem da identificação de aspectos importantes para os jovens que vivem nas áreas urbanas e que, em algum momento de suas vidas, foram excluídos socialmente – da escola, do mundo do trabalho, do exercício da cidadania (BRASIL, 2012, p. 39).

No Projovem Urbano, cada educador – quer na dimensão da Formação Básica, da Qualificação Profissional e da Participação Cidadã – exerce dupla função no programa, atuando em certos momentos, como um especialista de determinada área do conhecimento e a de orientador de aprendizagem. Isso não significa, por exemplo, que o professor de Matemática tenha de dar aulas de Ciências Humanas ou que o educador de Participação Cidadã tenha de ensinar Ciências da Natureza. O professor especialista conduz o processo específico de aprendizagem de sua

disciplina ou campo de conhecimento e deve garantir que os conceitos e suas relações sejam construídos pelos educandos de forma correta e segundo o olhar científico de cada área. São professores especialistas quando desenvolvem uma mesma área da Formação Básica com cada turma. São professores orientadores, quando desenvolvem as atividades de integração com uma só turma.

Na função de professor orientador, o educador de Formação Básica orienta mais de perto cada estudante da turma que lhe cabe e se torna sua referência na articulação do conjunto de conhecimentos do curso. Assim, independente, de sua área de formação, devem ser capazes de,

[...] compreender a realidade social, a comunidade, o mundo do trabalho, a ciência e tecnologia do mundo atual – o que a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) define como objetivos gerais do Ensino Fundamental. Para que isso aconteça, torna-se importante que todos os educadores do Projovem Urbano (de Formação Básica, de Qualificação Profissional e de Participação Cidadã) planejem coletivamente, de modo a viabilizar a participação de todos (BRASIL, 2012, p. 138).

Para responder aos desafios que se apresentam durante o desenvolvimento do curso, o educador deve ter competência para planejar e agir cooperativamente, além de desenvolver a capacidade de considerar as diferentes facetas do educando como ser humano; criando contextos desafiadores para a aprendizagem, estimulando a atitude crítica e planejando situações que favoreçam a síntese dos estudos desenvolvidos nos vários componentes curriculares da Formação Básica.

3.3.1.2 Eixo Estruturante: Participação Cidadã

A Participação Cidadã é um princípio pedagógico, mas é, também, um direito humano. A educação para a cidadania é uma educação em direitos humanos e vice-versa (FREIRE, 2001, p. 38).

Em seu livro “Política e Educação”, Freire (1993) define cidadão como, “Indivíduo no gozo dos direitos civis e políticos de um Estado e cidadania aquilo que tem que ver com a condição de cidadão, quer dizer, com o uso dos direitos e o direito de ter deveres de cidadão. É assim que ele entende "a alfabetização como formação da cidadania" e como "formadora da cidadania" (p. 112). A Participação Cidadã, segunda dimensão do Projeto Pedagógico Integrado (PPI), revelava-se uma

dimensão marcante do currículo integrado do Programa Projovem Urbano, permitindo o desenvolvimento de trabalhos coletivos e associados a outros componentes curriculares. De acordo com o Manual do Educador: Orientações Gerais (2012), a Participação Cidadã deverá,

[...] garantir aprendizagens sobre direitos sociais, promover o desenvolvimento de uma ação comunitária e a formação de valores solidários. Visa a contribuir para o reconhecimento pelos jovens de seus direitos e deveres como cidadãos e para o desenvolvimento de potencialidades que resultem no exercício de uma cidadania ativa, criadora de novos direitos, de novos espaços participativos e comprometida com a democracia (BRASIL, 2012, p. 37).

A Participação Cidadã é uma dimensão essencial do currículo integrado do programa, permitindo a realização de trabalhos coletivos. Os jovens aprendem avaliar o alcance de suas ações e as formas de encaminhamento das demandas dos cidadãos, visando a participação social e o exercício da cidadania. Por sua vez, o componente Participação Cidadã,

[...] compreende dois conjuntos de atividades: reflexões sobre conceitos básicos para a participação cidadã, articulando-se esse componente com os demais, especialmente, Ciências Humanas, Língua Portuguesa e qualificação para o trabalho e um plano de ação comunitária, que se refere ao planejamento, realização, avaliação e sistematização de uma ação social escolhida pelos educandos, fundamentada no conhecimento de sua realidade próxima. Além disso, implica uma experiência de trabalho cooperativo e responsabilidade solidária com o grupo, essenciais para a formação de um jovem que se importa em participar de alguma mudança na sociedade em que vive. (BRASIL, 2008, p. 68).

Segundo o PPI (2008) do Projovem Urbano, essa dimensão deve,

[...] promover a experiência de atuação na comunidade, através da execução de ações coletivas de interesse público. Neste sentido o protagonismo do jovem favorece ao exercício da cidadania e contribui para o envolvimento dos educandos na vida e desenvolvimento de sua comunidade. Nas aulas teóricas e oficinas, discutem-se questões como direitos humanos, direitos do consumidor, ética e cidadania, assim como questões de saneamento, saúde pública, qualidade e acessibilidade dos serviços públicos, preservação do meio ambiente, violência, drogas, sexualidade, participação social, direito à cultura e ao lazer, dentre outros (BRASIL, 2008, p. 42).

A avaliação da realidade e a sistematização dos trabalhos nos planos de ação comunitária proporcionam aos educandos a oportunidade de vivenciar situações de conflito e negociações para sua superação, de dimensionar conquistas, avanços e recuos, refletindo sobre as práticas sociais e consolidando suas experiências.

Os jovens aprendem a avaliar o alcance de suas ações, as formas de encaminhamento das demandas e os meios de realização, sendo levados a compreender a importância e a eficácia do trabalho coletivo e solidário e tudo que isso pode representar em termos de aprendizado e desenvolvimento de competências e habilidades, visando à participação social e ao exercício da cidadania, eixo apresentado na Figura 5.

FIGURA 5 – DIMENSÃO PARTICIPAÇÃO CIDADÃ PROGRAMA PROJOVEM URBANO



FONTE: BRASIL, 2008 – PPI

Nessa perspectiva espera-se ao final dessas etapas que os educandos do programa fossem capazes de,

[...] assumir responsabilidades em relação ao seu grupo familiar e à sua comunidade; identificar problemas e necessidades de sua comunidade, planejar iniciativas concretas visando a sua superação e participar da respectiva implementação e avaliação; conviver e trabalhar em grupo, valorizando a diversidade de opiniões e a resolução negociada de conflitos; exercitar valores de solidariedade e cooperação, posicionando-se ativamente contra qualquer forma de racismo e discriminação; exercer direitos e deveres da cidadania, participar de processos e instituições que caracterizam a vida pública numa sociedade democrática (BRASIL, 2008, p. 66).

3.3.1.3 Eixo Estruturante: Qualificação Profissional

Em primeiro lugar, qualquer que seja a prática de que participemos, a de médico, a de engenheiro, a de torneiro, a de professor, não importa de quê, a de alfaiate, a de eletricista, ela exige de nós que a exerçamos com responsabilidade. Ser responsável no desenvolvimento de uma prática qualquer implica, de um lado, o cumprimento de deveres; de outro, o exercício de direitos (FREIRE, 2001, p. 44).

Esta seção se inicia com um pensamento do mestre Paulo Freire (2001), objetivando investigar a concepção de integração da educação básica com a educação profissional, terceira dimensão do Projeto Pedagógico Integrado (PPI) proposta pelo Programa Projovem Urbano. Entende-se o trabalho como princípio educativo e categoria articuladora da integração curricular proposta.

O trabalho é uma questão central na vida do ser humano e do jovem e não poderia deixar de ser diferente. A história da origem da formação para o trabalho no Brasil teve em seu início, uma formação dispensada aos jovens considerados “desfavorecidos da fortuna”, aos quais se dava uma educação voltada à aprendizagem da prática de ofícios (BRASIL, 1909). Como vem salientado no Manual do Educador de Orientações Gerais (MEOG), (BRASIL, 2008),

Perante as transformações no mundo do trabalho no que se alude à tensão estrutural do emprego, já não se pensa em aperfeiçoar para o posto de trabalho, mas para a empregabilidade. Nesse contexto, escolaridade e (des)emprego dos jovens tendem a tornar-se focos cada vez maiores das políticas sociais, na busca de construir alternativas de emprego do tempo de não-trabalho, de inserção profissional e de integração social da juventude (BRASIL, 2008, p. 22)

Como salienta o Manual do Educador de Orientações Gerais (MEOG), (BRASIL, 2008), o Projovem Urbano se configura como oportunidade de os educandos experimentarem a Qualificação Profissional inicial. De acordo com as Diretrizes Curriculares,

A Qualificação Profissional inicial deverá possibilitar novas formas de inserção produtiva, correspondendo, na medida do possível, tanto às necessidades e potencialidades econômicas, locais e regionais, quanto às vocações dos jovens. Preparar os jovens para atuar no mundo do trabalho, através da Formação Técnica Geral e dos Arcos Ocupacionais, desenvolvendo habilidades e capacidades. Trabalhar a sociabilidade e a afetividade dos educandos, buscando reforçar valores de solidariedade e cidadania. Ampliar as opções dos jovens em relação a trabalho e geração de renda, incentivando sua autonomia, iniciativa e realização social (BRASIL, 2012, p. 37).

A concepção de Qualificação Profissional do Programa Nacional de Inclusão de Jovens - ProJovem Urbano - representa uma proposta singular que,

[...] sem chegar a profissionalização completa, oferece ao jovem uma formação inicial capaz de desenvolver suas aptidões profissionais proporcionando-lhe novas oportunidades e escolhas no mundo do trabalho. Organiza-se em arcos compostos por ocupações que abrangem o planejamento, a produção e a comercialização de bens e serviços, de modo que o jovem se prepare para ser empregado, mas também pequeno empresário ou sócio de cooperativa (BRASIL, 2008, p. 22).

Aborda três esferas de forma complementar, articulada e integrada: o desenvolvimento da Formação Técnica Geral (FTG), os Arcos Ocupacionais que são escolhidos de acordo com a realidade local de cada núcleo e por fim o Projeto de Orientação Profissional (POP), sendo que na Figura 6 o eixo está apresentado.

FIGURA 6 – DIMENSÃO QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL PROGRAMA PROJOVEM URBANO



FONTE: BRASIL, 2008 – PPI

Antes de iniciar os estudos nos Arcos Ocupacionais, os educandos passavam por um estudo de Formação Técnica Geral (FTG), com assuntos relacionados ao tema trabalho, leis trabalhistas, conquistas dos trabalhadores, dentre outros e,

[...] fazendo-se necessário que os conteúdos abordem aspectos teórico-práticos importantes para qualquer tipo de curso profissionalizante e que os mesmos sejam vistos de forma interdisciplinar. Na Formação Técnica Geral (FTG) os jovens tem oportunidade de estudar conceitos, conteúdos e técnicas relacionadas aos Arcos Ocupacionais, bem como, tomar conhecimento e debater aspectos do trabalho que estão presentes em todas as ocupações; além de estudar conceitos e técnicas relacionadas aos temas: Mobilidade e Trabalho; Atividades Econômicas na cidade; Organização do Trabalho; Comunicação; Tecnologia e Trabalho; Gestão e Planejamento; Organização da Produção, dentre outras possibilidades de trabalho (BRASIL, 2012, p. 37).

O Arco Ocupacional possibilitava ao educando acrescentar conhecimentos que fortalecerão sua formação para o mundo do trabalho, sendo definido que,

Cada Arco Ocupacional é composto por quatro ocupações e foi construído com conteúdos que possibilitem ao educando diversificada iniciação profissional, abrindo espaço de atuação nessas ocupações. Os arcos ocupacionais são desenvolvidos em todas as unidades formativas para que o educando possa amadurecer sua escolha referente ao arco escolhido (BRASIL, 2012, p. 38).

Esta formação não tinha como objetivo tornar o jovem um especialista em cada uma delas, mas o de levar a conhecer muito mais amplamente o trabalho desenvolvido no conjunto das ocupações. Já o Projeto de Orientação Profissional (POP) tinha como finalidade,

[...] promover o crescimento pessoal do jovem, desenvolver sua visão crítica da realidade em que vive e avaliar a formação profissional que lhe foi oferecida no curso permitindo ao educando um conjunto sistematizado de informações atuais sobre sua trajetória escolar e profissional, dando suporte para que o mesmo possa estruturar futuramente um plano de continuidade de estudo e formação profissional (BRASIL, 2012, p. 38).

De acordo com dados levantados pelo Sistema de Monitoramento e Avaliação (SMA) (1996), a oportunidade de Qualificação Profissional era um dos fatores primordiais de atração para o programa e, na opinião da maioria dos educandos, representava fator decisivo para o ingresso no curso. Um dos objetivos do programa de inclusão era “desenvolver competências necessárias para o desempenho de uma ocupação que gere renda” (SALGADO, 2008, p. 42).

Uma preocupação constante do ProJovem Urbano era articular conhecimentos gerais e específicos, possibilitando ao educando uma visão abrangente sobre o mundo do trabalho. Era, portanto, tarefa de todos que faziam parte do programa,

[...] possibilitar novas formas de inserção produtiva, com a devida certificação, correspondendo tanto às necessidades e potencialidades econômicas, locais e regionais, quanto às vocações dos jovens; bem como, identificar as demandas da juventude para se inserir no mundo do trabalho, perceber o direito ao trabalho e a inserção profissional como aspectos importantes na constituição de um jovem cidadão pleno e refletir sobre a autonomia no trabalho (BRASIL, 2012, p. 39).

Em síntese, de acordo com o PPI, a qualificação inicial promovida pelo Programa Projovem Urbano não tem, de fato, a pretensão de uma qualificação aprofundada, antes, busca desenvolver competências mínimas para a inserção dos jovens tidos em “situação de exclusão” no mercado de trabalho.

3.4 A SALA DE ACOLHIMENTO: DIFERENCIAL NO APOIO AOS ESTUDOS

A chegada dos filhos transforma toda a realidade feminina e, para muitas mulheres, a maternidade, às vezes, se sobrepõe à necessidade de se manter no mercado de trabalho e/ou dar continuidade aos estudos. Percebendo esta realidade, a Coordenação Nacional do Programa ProJovem Urbano, de acordo com dados levantados pelo Sistema de Monitoramento e Avaliação (SMA) (1996), identificou que o maior motivo de evasão das mulheres que estudavam no programa se dava pela dificuldade de não ter com quem deixar os filhos. Pensando nisso, o PJU ampliou sua abrangência de atendimento.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPI) do programa, a sala de acolhimento caracteriza-se,

[...] como um serviço de apoio às famílias de jovens matriculados no curso que necessitam deixar seus filhos em condições adequadas de proteção, bem-estar e desenvolvimento, no período em que estão frequentando as aulas. Seu objetivo é favorecer a continuidade do percurso escolar dos estudantes que têm filhos ou são responsáveis legais por crianças de 0 a 8 anos e onze meses de idade. Os educadores das salas de acolhimento possuem padrão na Rede Municipal de Ensino (RME) de Curitiba e disponibilidade de tempo (CURITIBA, 2012, p. 45).

Cada escola participante do Projovem Urbano disponibiliza um espaço próximo à sala de aula dos pais. Neste espaço são desenvolvidas atividades lúdicas, recreativas e artísticas com as crianças enquanto os pais assistem às aulas. As crianças têm ainda acesso à merenda escolar.

A sala de acolhimento difere de qualquer serviço equivalente à creche, a pré-escola e à escola de Ensino Fundamental, não sendo a frequência obrigatória, diária e nem sistemática. Nesse sentido, ressalta-se que,

[...] essas crianças acolhidas no período de estudo de seus pais, normalmente noturno, mantêm seu direito de acesso à educação

infantil ou creche no período diurno, devendo os gestores educacionais e de assistência social possibilitar as condições de garantia dessa oferta (CURITIBA, 2012, p. 45).

Estudo da diretoria de políticas de educação para a juventude, ligada à Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI) do Ministério da Educação e Cultura (MEC), mostra que as salas de acolhimento são fundamentais para a permanência dos jovens até a conclusão do curso. Sem as salas de acolhimento do Programa Nacional de Inclusão de Jovens - Projovem Urbano - praticamente metade dos educandos matriculados estariam fora do curso que visa à conclusão do Ensino Fundamental.

3.5 ESPAÇOS E TEMPOS VIVIDOS NO PROGRAMA PROJovem URBANO

A proposta aqui apresentada é de análise dos espaços e tempos vividos no Programa Projovem Urbano, anúncio de uma possibilidade viável e construída coletivamente. A discussão sobre a noção de juventude e suas implicações para a prática pedagógica e a organização dos espaços e dos tempos do programa aparece em diversos documentos oficiais e discursos dos diversos atores que o compõem, desde gestores e formadores de educadores a colaboradores.

As experiências vivenciadas no PJU apresentam uma gestão integrada e em rede, compartilhada entre os diversos atores e inter-setorial, na medida em que propõe a articulação de diferentes setores e organizações, visando alcançar objetivos e metas estabelecidas e melhorar a atuação e condução do trabalho a ser realizado pelas pessoas envolvidas (CURITIBA, 2012, p. 78).

No PJU há uma ideia de gestão compartilhada que se encontra presente,

[...] nos aspectos pedagógicos e administrativos de forma integrada; na intersetorialidade, no SMA - Sistema de Monitoramento e Avaliação - que acompanha todas as ações do curso desde sua implantação; na integração de conteúdos que o programa chama de três dimensões: Educação Básica, Qualificação Profissional e Participação Cidadã; na criação de Fóruns envolvendo gestores, educadores e educandos e na conclusão do Ensino Fundamental em 18 meses (BRASIL, 2012, p. 78).

A gestão compartilhada proposta no programa desafia a todos para o exercício democrático de participação e cidadania. Educadores e gestores são vistos como sujeitos de seu trabalho, que é perpassado por suas características,

experiências e projetos pessoais. As diretrizes descritas nos manuais de orientações que pretendem difundir um determinado modelo de gestão compartilhada dos espaços, encontram nos momentos e locais de efetivação da execução, a transformação dessas diretrizes em ações práticas capazes de proporcionar,

[...] a inclusão e a cidadania de jovens oferecendo de fato, “conhecimento e oportunidade para todos” como diz o slogan do Programa Projovem Urbano. Nele, a gestão dos espaços demanda a criação de estratégias flexíveis e adaptáveis a situações mutantes, de modo a coordenar participações heterogêneas, conseguindo que cada parte dê o melhor de si, tendo em vista um projeto coletivo e solidariamente construído (CURITIBA, 2012, p. 79).

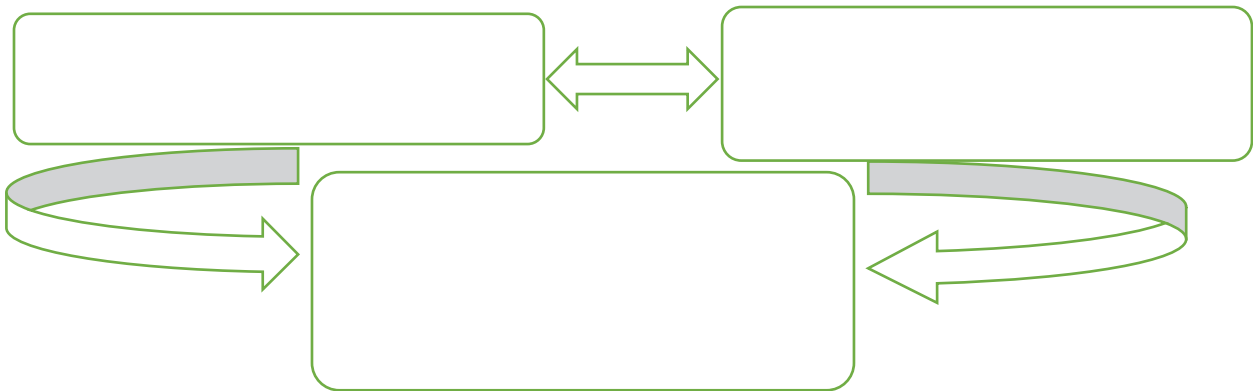
Em Curitiba, essa proposta de gestão dos espaços do Programa Nacional de Inclusão de Jovens – Projovem Urbano - está vinculado à coordenação da Educação de Jovens e Adultos (EJA), fase I e II, do Departamento de Ensino Fundamental, da Secretaria Municipal de Educação (SME), composta por uma equipe constituída por uma coordenadora geral, equipe administrativa e pedagógica, juntamente com os Centros Regionais de Educação de Jovens e Adultos (CEREJA), sendo que:

A coordenação municipal, juntamente com a equipe de formadores e educadores tem como objetivo buscar soluções pedagógicas e administrativas desenvolvendo ações integradas entre os núcleos, de modo a proporcionar uma dinâmica capaz de articular a prática administrativa e pedagógica do programa (BRASIL, 2008, p. 99).

Além da equipe gestora, são alocados na coordenação local os educadores de Formação Básica, com licenciatura plena (um de cada área do Ensino Fundamental), educadores de Qualificação Profissional, com qualificação adequada e com experiência comprovada na área de educação profissional ou técnica, educadores de Participação Cidadã, com graduação em Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas ou em educação e educador responsável pelo acolhimento de crianças de zero a oito anos e onze meses, filhos dos jovens atendidos pelo programa, com formação mínima de nível médio na modalidade normal. É importante lembrar também que as contratações efetuadas têm caráter temporário, dado o período de duração do curso e que não caracterizam qualquer vínculo com o serviço público federal, estadual ou municipal, assim,

Todos os educadores do Programa Projovem Urbano serão contratados em regime de 30 horas semanais que serão distribuídas entre (a) atividades docente e de orientação pedagógica; (b) integração curricular; (c) atividades de avaliação, revisão e recuperação de aprendizagens; (d) planejamento de atividades de ensino e aprendizagem e de funcionamento do núcleo; (e) formação inicial e continuada (BRASIL, 2008, p. 99).

FIGURA 7: ESPAÇOS PEDAGÓGICOS DO MUNICÍPIO DE CURITIBA



FONTE: BRASIL, 2008

A gestão integrada do Projovem Urbano propõe colocar em movimento não só os conteúdos diretamente ligados ao desenvolvimento da prática de educadores, mas as relações existentes na estrutura do grupo que faz o programa, considerando as diversidades existentes, desde coordenadores municipais, apoios administrativos, formadores, educadores e educandos. Nessa perspectiva,

A importância da gestão não se limita à coordenação local e aos núcleos. Também na sala de aula é preciso repensá-la, esta diz respeito à ação do professor para criar na turma, um clima que favoreça o ensino e a aprendizagem. Esse clima traduz-se em sensibilização dos educandos; mobilização dos seus conhecimentos prévios; estímulo à participação e à cooperação; respeito pelo outro; colocação de desafios à criatividade (CURITIBA, 2012, p. 79).

Nesse sentido, a gestão direcionada para a sala de aula deve oportunizar ao educando aprender a trabalhar cooperativamente, planejando e executando coordenadamente as atividades de ensino e aprendizagem, de modo a favorecer, juntamente com as apropriações dos conteúdos básicos a concretização da interdisciplinaridade, a formação das identidades dos jovens, o desenvolvimento de seus valores éticos e de cidadania, na certeza de que,

Os objetivos propostos nos planejamentos de aprendizagem devem ter relação com os programas escolares e com as disciplinas que exigem noções e conhecimentos. Uma parte das competências que desenvolve-se com os objetivos propostos apela para saberes escolares básicos e para as habilidades fundamentais de ler, escrever e contar (FREIRE, 2001, p. 34).

No entanto, entre o pensado na proposta original e o vivido algumas situações-limites, mesmo que denunciadas e anunciadas, podem causar contratemplos. Uma proposta diferenciada para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) deve ser pensada nos processos de ensino e aprendizagem a partir do educando, considerando que,

Ensinar a pensar certo não é uma experiência em que ele - o pensar certo - é tomado em si mesmo e dele se fala ou uma prática que puramente se descreve, mas algo que se faz e que se vive enquanto dele se fala com a força do testemunho (FREIRE, 1996, p. 41).

Considerando a fala do mestre, a gestão dos espaços e do tempo aliado à boa prática pedagógica deve,

[...] respeitar e partilhar o processo que será vivido por gestores, educadores e educandos como algo novo, preservando a individualidade de cada um. Logo, outra competência indispensável tanto aos gestores quanto aos educadores do programa é a de favorecer a construção da dimensão identitária do educando e o sentimento de pertencer a um grupo que “vale a pena”. Nessa gestão dos espaços, o trabalho de planejar coletivamente as atividades do curso, de analisar conjuntamente as dificuldades que se apresentarem no processo de ensino e aprendizagem contribui para criar o contexto necessário para que esse processo aconteça, em relação aos gestores e educadores. Em relação aos jovens, é preciso investir na escuta de seus projetos, problemas e dificuldades de aprendizagem (BRASIL, 2012, p. 79).

O trabalho coletivo é sempre uma via profícua para isso, desde que desafie a pensar junto e fuja do formato de dividir tarefas e juntá-las no fim, formando uma “colcha de retalhos” sem sentido. O grande desafio que se apresenta para a gestão de uma proposta como a do ProJovem Urbano é a competência dos gestores de todos os níveis para coordenar o heterogêneo, reconhecendo e valorizando especificidades, estimulando a participação dos componentes e, ao mesmo tempo, mantendo os princípios estruturantes do programa, criando significados e identidades comuns e conseguindo que cada um dê o melhor de si, na concretização do que foi cooperativamente planejado.

3.5.1 Espaço escola

Esta seção reporta-se à escola, denominando-a, de acordo com o Manual do Educador: Orientações Gerais (2012), do Programa Projovem Urbano, como Núcleo, ou seja, o espaço onde as aulas acontecem, logo:

[...] enquanto gestão de espaços, organiza-se em núcleos, cuja referência é a Secretaria de Educação Municipal (SME), onde se localiza também a coordenação local. O Núcleo constitui a unidade de organização pedagógica básica do programa e nele se realiza a maior parte das atividades de ensino e aprendizagem, cujos aspectos mais importantes na organização de um Núcleo dizem respeito a: (i) o número de estudantes atendidos e suas turmas; (ii) os espaços de ensino e aprendizagem e (iii) os demais espaços de atendimento (BRASIL, 2012, p. 65).

Os Núcleos são espaços pedagógicos organizados de forma a atender as especificidades de seu projeto pedagógico que, por ser único e inovador, exige para seu desenvolvimento uma organização de tempos e espaços pedagógicos diferenciados; devendo dispor de espaços adequados e localizar-se, de preferência, próximo ao domicílio ou ao local de trabalho dos estudantes. A organização dos tempos pedagógicos compreende a distribuição da carga horária do curso pelos componentes curriculares e a caracterização das especificidades dos tempos dos educandos e dos educadores. Nos Núcleos, as aulas acontecem de segunda a sexta-feira no período noturno das 18h às 22h, e

[...] deve ter cinco turmas, sendo cada uma composta, preferencialmente, por 40 educandos, admitindo-se, excepcionalmente, variar até 20 educandos, devendo atender no mínimo a 150 e no máximo a 200 estudantes. Preferencialmente as cinco turmas devem funcionar na mesma escola e, excepcionalmente, poderão funcionar em até duas unidades escolares próximas. As escolas do sistema público são o *locus* obrigatório de funcionamento (BRASIL, 2012, p. 66).

Assim, mesmo que indiretamente, os diretores das escolas participantes fazem parte da gestão enquanto executores do programa.

3.5.2 Espaço ônibus

*Em vez de esperar em casa pelo seu público, vá em busca do seu público onde ele estiver.
(Mário de Andrade).*

Com estas palavras, há mais de 70 anos, o escritor e primeiro diretor do Departamento de Cultura da cidade de São Paulo, Mário de Andrade, justificou ao então prefeito Fábio Prado a necessidade de viabilizar o projeto de implantação de uma unidade móvel para levar conhecimento à população (BRASIL, 2008).

Esta seção tem como objetivo situar a relação educador/educando do Programa Projovem Urbano, a partir da análise das observações, da interação e do comportamento dos estudantes no ambiente de um ônibus itinerante escolar,

Projeto piloto ocorrido no município de Curitiba, no ano de 2008, para evitar que os jovens perdessem o ano letivo pelo motivo de trabalhar no horário escolar. Nesse sentido o ônibus itinerante assegurava a continuidade dos conteúdos escolares aos educandos, possibilitando um retorno destes sem prejuízo à escola (CURITIBA, 2012, p. 79).

A transformação do ônibus num espaço de sala de aula itinerante era uma proposta que vinha sendo discutida no ano de 2006, logo, a equipe de gestores municipais do Programa Projovem Urbano resolveu fazer com que a ideia saísse do papel para que se concretizasse. O ônibus itinerante se transformou em verdadeira sala de aula sobre rodas, circulando por algumas periferias da cidade de Curitiba, com intuito de atender uma parcela significativa de jovens matriculados no programa que, por necessidade de estarem trabalhando, não conseguiam frequentar a escola no horário “normal” de aulas do Projovem Urbano (18h às 22h).

Muitos desses educandos que frequentavam esse espaço individual de aprendizagem (ônibus itinerante), encontravam-se no mercado informal de trabalho, realizando “bicos” na construção civil, outros como autônomos, a maioria das jovens trabalhando como domésticas ou em outros ramos de atividades. Os jovens que estavam alocados no mercado formal, na sua maioria, exerciam a função de porteiros, zeladores, repositores de mercadorias em supermercados, frentista de posto de gasolina, etc.; muitos com turnos diferenciados do horário da escola, o que dificultava frequentarem os bancos escolares, assim sendo,

Com o intuito de evitar a interrupção (mesmo que parcial) da escolaridade, o Projovem Urbano criou esse projeto piloto, um espaço de classe itinerante, que visa manter os vínculos escolares do educando, assegurando sua reintegração ao currículo no momento do retorno à escola regular (CURITIBA, 2012, p. 79).

O “busão” como era chamado pelos educandos transformou-se em algo viável e de muito proveito para chegar mais perto de quem tinha necessidade de aprender. Nele eram realizadas programações de horário de aulas destinadas a atender às necessidades imediatas e específicas dos educandos. Nesse sentido,

[...] em um dia da semana e horário específico, previamente agendado pela equipe pedagógica do programa, no contra turno escolar das aulas do Projovem Urbano, o ônibus itinerante irá parar em um lugar específico próximo à escola onde o educando está matriculado (BRASIL, 2008, p. 80).

Dentro do ônibus os jovens eram convidados a frequentar as aulas de Educação Básica com orientações dos próprios educadores do programa que proporcionavam um acompanhamento individual, conforme a necessidade de cada um. Dessa forma, quando retornassem ao chão da escola, eles poderiam continuar a acompanhar os colegas da turma. Embora as tarefas realizadas fossem individualizadas, o professor interagia, explicando tarefas e fazendo perguntas, comportando-se como se estivesse no espaço da escola tradicional.

Como a rotatividade dos alunos era grande, os educadores acabavam dando aulas para educandos diferentes. Por isso, uma das características necessárias para lecionar no ônibus era ser um profissional flexível, pois, para esse espaço não dava para programar aulas, como se fosse uma escola regular, o educador tinha que estar preparado para todos os públicos. Era uma tarefa árdua. Era necessário se desdobrar, gostar demais e fazer tudo com muita dedicação.

O professor orientador que atuava no ônibus itinerante era o mesmo educador que atuava no horário de aula do Projovem Urbano na escola, ou seja, “um profissional que por meio de diversas atividades pedagógicas, fazia um elo entre a necessidade de trabalho do educando com a vida escolar, avaliando, acompanhando, intervindo e oferecendo subsídios para a sua aprendizagem” (BRASIL, 2008, p. 80).

O planejamento das aulas era feito de acordo com o currículo escolar do programa; sendo pensadas estratégias, procedimentos e materiais necessários para atingir os objetivos de ensino e aprendizagem. O professor promovia condições de ensino de acordo com o ritmo dos educandos, ou seja, reorganizado pela situação

especial e individual de cada um. Para Paulo Freire (1996), o processo de ensinar e aprender, nesta perspectiva, corresponde respectivamente,

[...] ao que faz um professor e à consequência que este fazer produz no comportamento do aluno. Requer professores “com destreza e discernimento para atuar com planos e programas abertos, móveis, mutantes, constantemente reorientados pela situação especial e individual de cada educando. Para realizar esse planejamento individualizado, levando em conta a concepção comportamental do aprender, em que cada aluno possa caminhar de acordo com seu próprio ritmo para que as consequências reforçadoras sejam efetivas, a investigação do processo de ensino e aprendizagem do educando se coloca como prioridade para o educador. São estas características que orientarão a natureza de suas decisões na organização de um programa de ensino (FREIRE, 1996, p. 90).

Produzir conhecimento relevante sobre a função do profissional nesses locais ou mesmo sobre as características físicas destas salas de aulas itinerantes podem constituir bons problemas para futuras pesquisas.

3.6 AS PRÁTICAS DO PROGRAMA PROJovem URBANO

Em consonância com a concepção construída para o Programa Projovem Urbano, os princípios teórico-metodológicos que orientam o trabalho na estrutura curricular direcionam para a valorização dos saberes construídos pelos educandos; ao trabalho coletivo e ao respeito às especificidades da vida dos jovens. Assim, o currículo é organizado de forma a possibilitar práticas dialógicas. Desse modo, são princípios que devem orientar a prática pedagógica do PJU, pois os mesmos retratam a preocupação com a inclusão social no contexto do desenvolvimento humano e dos direitos de cidadania, no desenvolvimento de um currículo integrado, interdisciplinar e interdimensional, em que o jovem atue como sujeito, construtor de um todo que faça sentido para ele. Para atingir esses objetivos e necessário,

[...] propor novas formas de organização do trabalho escolar, envolvendo diferentes instâncias da administração pública e da sociedade, de modo a viabilizar o desenvolvimento do currículo integrado, o que implica novas formas de gestão compartilhada, de organização dos tempos e dos espaços pedagógicos (BRASIL, 2008).

Propõe-se definir estratégias de atuação na sala de aula com vista a integrar as três dimensões do currículo, de acordo com os fundamentos e diretrizes do programa, o que exige,

Considerar o múltiplo e o plural implicados nas experiências e conhecimentos dos jovens, bem como em seu percurso escolar anterior, formando educadores para, responder aos desafios que se apresentem durante a execução do ProJovem Urbano, o que lhes demanda a competência para planejar e agir cooperativamente e a capacidade de considerar as diferentes facetas do aluno como ser humano (BRASIL, 2008).

São também princípios que devem orientar a prática pedagógica do PJU os processos pedagógicos que acompanhem a formação humana na especificidade do processo de aprendizagem dos educandos (BRASIL, 2008). Para que isso aconteça, torna-se necessário um material didático adequado a este tempo de educação, respeitando o processo de aprendizagem, socialização e formação dos educandos.

O material didático do Projovem Urbano é produzido pelo próprio Programa a partir do trabalho coletivo de especialistas de todos os campos do conhecimento, sendo organizado de acordo com eixos estruturantes para nortear o ensino aprendizagem do conteúdo. Cada componente curricular enfoca o eixo estruturante com o olhar da disciplina ou campo de conhecimento correspondente, de modo a criar um ambiente pedagógico favorável à construção de noções fundamentais e ao desenvolvimento de habilidades básicas.

4 PROGRAMA PROJovem URBANO: ANÁLISE DO VIVENCIADO NAS VOZES DOS EDUCANDOS

Para analisar o vivenciado nas vozes dos educandos egressos do Programa Projovem Urbano do período 2006 a 2009, que frequentaram os dois espaços de atendimento: individual (ônibus itinerante) e coletivo (escola), foi construído um Instrumento de Coleta de Dados com cinco campos investigativos, no que concerne ao conteúdo das perguntas, pelas quais foram definidas cinco categorias visando analisar/discutir e articular as informações obtidas com os aspectos teóricos adotados na pesquisa. Para Bagno (1998), o questionário com perguntas semiestruturadas é o método de coleta de informações mais adequado numa pesquisa (p.34).

Dessa forma, o primeiro campo investigativo teve como intuito de conhecer o **perfil do educando** do Programa Projovem Urbano, visando atender a relação perfil e interesse pelos Eixos de Qualificação Profissional e Participação Cidadã.

O segundo campo investigativo buscou compreender, na voz do educando, como ele avaliava o **acompanhamento do professor frente às suas dificuldades de aprendizagem** no atendimento: individual (ônibus itinerante) e coletivo (escola), visando compreender a relação acompanhamento e dificuldades de aprendizagem.

O terceiro campo investigativo procurou considerar, na voz do educando, a **aprendizagem com o Guia de Estudo do Programa Projovem Urbano** nos dois espaços de atendimento: individual (ônibus itinerante) e coletivo (escola), visando compreender a aprendizagem e o material didático.

O quarto campo investigativo questionou, na voz do educando, as razões da escolha frente aos **horários da escola e do ônibus itinerante** que possibilitavam uma melhor **conciliação trabalho e escola**, sendo essa definida conciliação trabalho e escola.

No quinto campo investigativo o educando relatou em qual dos espaços de estudo e aprendizagem ele obtinha melhores resultados: por ter **estudado individualmente no ônibus e/ou no coletivo da escola**, constituindo assim a 5ª. categoria: Espaços de estudos e aprendizagem: individual (ônibus itinerante) e/ou coletivo (escola).

A análise dos dados dessa pesquisa parte da leitura das vozes dos educandos expressas nas respostas ao questionário, possibilitando a compreensão das experiências vividas por eles, que contribuíram relatando seus posicionamentos que serão descritos e analisados ao longo desse capítulo. Este foi um dos exercícios mais trabalhosos desta pesquisa, em virtude do pesquisador e educador do programa ter vivido nos dois espaços, no referido período, junto aos educandos, o que exigiu deste um afastamento de tempo e espaço como pesquisador para que não houvesse indução da resposta. Nessa perspectiva o observador - que, para Bakhtin (1997) “não se situa em parte alguma fora do mundo observado, e sua observação, é parte integrante do objeto observado - é partícipe dos eventos que observa (Bakhtin, 1997a, p.355). Estar disponível para escutar, observar e partilhar as experiências de aprendizagem deste grupo de educandos, sem manifestar as experiências e expectativas deste pesquisador não foi fácil, mas significativo, pois o mesmo participou deste processo sendo hoje testemunha das transformações.

Seguindo os passos de Bardin (1977), a coleta de dados foi organizada em três etapas. Sendo a primeira etapa uma *pré-análise, ou fase de organização* propriamente dita, através da leitura dos questionários. O autor afirma “ser necessário que haja descartes ou ajustes a partir da escolha dos textos susceptíveis fornecendo informações sobre o problema levantado” (BARDIN, 1977, p.103). Nessa etapa foram levantadas as hipóteses iniciais, que posteriormente serão confrontadas.

Na segunda etapa **fase de codificação**, a qual segundo Bardin (1977),

[...] corresponde a uma transformação – efetuada segundo regras. Por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão, susceptível de esclarecer o analista acerca das características do que se está pesquisando (BARDIN, 1977, p. 103).

Terceira etapa, o **tratamento dos resultados**, que, segundo Bardin (1977), “deixam de ser “brutos” para ser significativos e válidos para realizar as inferências e interpretações a propósito dos objetivos previstos.

Essas etapas permitiram as reflexões e tiveram como objetivo compreender as experiências de aprendizagem significativas vividas nos dois espaços de atendimento do Programa Projovem Urbano: individual (ônibus itinerante) e coletivo (escola).

4.1 PERFIL DO EDUCANDO DO PROGRAMA PROJovem URBANO ATENDIDO NO SISTEMA INDIVIDUAL (ÔNIBUS ITINERANTE) NO PERÍODO DE 2006 a 2009 E COLETIVO (ESCOLA) – 2016

Conhecer o educando e requer uma observação do perfil social destes jovens, sua história, cultura, costumes e experiências de vida significativas e favorece a implementação de estratégias para aprendizagem. Freire (1996) destaca que o educando tem um perfil singular,

[...] pois, compreender, o perfil do educando requer conhecer a sua história, cultura e costumes, entendendo-o como um sujeito com diferentes experiências de vida. O perfil do público ao qual o programa se dirige é um elemento muito importante para a tomada de decisão sobre qual a metodologia mais apropriada (p.87).

Perceber a importância da análise do perfil do educando, torna-se fundamental no planejamento das ações de ensino, além disso, reflete no processo de mediação da aprendizagem dos alunos. Para tanto, é necessário compreender a relação do processo de mediação da aprendizagem com a análise do perfil de educandos. Por intermédio da análise do perfil, o professor poderá traçar estratégias para melhor dinamizar as interações, propiciando ao aluno a identificação e a vivência na prática dos conteúdos estudados.

GIL (2011), colabora com essa ideia ao afirmar que,

Ter a capacidade de compreender que a análise do perfil do aluno é elemento crucial para refletir sobre as práticas de mediação e replanejar estas práticas, são comportamentos fundamentais que irão garantir uma maior proximidade entre o curso e o aluno (p.89).

O primeiro campo investigativo teve como intuito de conhecer o perfil do educando do Programa Projovem Urbano no espaço de aprendizagem individual (ônibus itinerante) no período de 2006 a 2009 e coletivo (escola) 2006 a 2016, visando atender a relação perfil e interesse pelos Eixos de Qualificação Profissional e Participação Cidadã.

4.1.1 Perfil dos educandos egressos do Programa Projovem Urbano que foram atendidos no sistema individual (ônibus itinerante) no período de 2006 a 2009

A 1ª. categoria de análise visava situar a relação perfil e interesse pelos Eixo de Qualificação Profissional e Participação Cidadã. O quadro I permite, pela leitura, conhecer o perfil do educando egresso do programa no espaço de atendimento: individual (ônibus itinerante)

QUADRO I – CAMPO INVESTIGATIVO: PERFIL DOS EDUCANDOS EGRESSOS DO PROGRAMA PROJOVEM URBANO DO PERÍODO DE 2006 A 2009

QUADRO I – CAMPO INVESTIGATIVO: PERFIL DOS EDUCANDOS EGRESSOS DO PROGRAMA PROJOVEM URBANO DO PERÍODO DE 2006 A 2009			
Entrevistados/as	Cursos de Qualificação Profissional frequentados no PJU	Contribuição dos cursos de Qualificação Profissional do Programa PJU na vida	Contribuição do Eixo de Participação Cidadã do Programa PJU na vida comunitária
O1 - Idade: ontem: 26 – hoje: 32 Sexo: masculino Estado civil: ontem: solteiro Hoje: união estável Profissão quando aluno: Cuidador de carro	Marcenaria Informática	“Eu aprendi a trabalhar de marceneiro, o certificado me ajudou a conseguir um emprego registrado em uma fábrica de móveis”.	“Eu aprendi a respeitar e cuidar do bosque que tem no bairro, aprendi meus direitos e deveres como pessoa e a fazer a reciclagem de materiais”.
O2 - Idade ontem: 20 – hoje: 30 Sexo: masculino Estado civil: ontem e hoje: solteiro Profissão quando aluno: Auxiliar mecânico	Marcenaria Informática	“Os cursos me ensinaram a mexer com o computador, técnicas de vendas e melhor relacionamento com pessoas”.	“A vida melhorou, pois, ensinou a olhar com outros olhos, preservar e contribuir com ações comunitárias realizadas”.
O3 - Idade ontem: 20 – Hoje: 26 Sexo: masculino Estado civil: ontem e hoje: solteiro Profissão quando aluno: Autônomo	Informática Gestão Pública e Terceiro Setor	“Os cursos me ajudaram a elaborar curriculum melhor e aumentar o conhecimento em informática para o mercado de trabalho”.	“As aulas de Participação Cidadã me ajudaram no desenvolvimento pessoal e na comunicação com outras pessoas”.
O4 - Idade ontem: 20 – hoje: 26 Sexo: feminino Estado civil: ontem e hoje: solteira Profissão quando aluna: Estudante	Informática Gestão Pública e Terceiro Setor	“Os cursos de Qualificação Profissional me ajudaram a encontrar uma profissão. As aulas de Informática me ajudaram em pesquisa avançada”.	“As aulas de Participação Cidadã ajudou a perceber os problemas no bairro e com isso ajudou a resolvê-los junto com a comunidade”.
O5 - Idade ontem: 25 – hoje: 31 Sexo: feminino Estado civil: ontem e hoje: casada Profissão quando aluna: costureira	Informática Gestão Pública e Terceiro Setor	“Na Internet aprendi a fazer curriculum vitae, pesquisas, criar um login. Em Gestão Pública e Terceiro Setor aprendi dinâmicas de grupo e preenchimento de documentos fiscais”.	“Aprendi conscientização ambiental na minha comunidade, integração da família na escola e desempenhar o meu papel e como cidadã de direitos e deveres”.
O6 - Idade ontem: 21 – hoje: 30 Sexo: feminino Estado civil: ontem: solteira Hoje: união estável Profissão quando aluna: Repositora de loja	Informática Gestão Pública e Terceiro Setor	“Com o certificado de Qualificação Profissional eu consegui arrumar um emprego de carteira assinada e me qualifiquei para o mercado de trabalho”.	“Nas aulas eu aprendi a desempenhar meu papel de cidadã e refletir sobre os problemas da minha comunidade, buscando ideias de como resolver com os colegas da sala”.

FONTE: Fragozo; Haracemiv (2016)

Nos questionários respondidos pelos jovens, foi possível traçar o perfil dos mesmos. Quando ingressaram no Programa Projovem Urbano eles possuíam idade entre 20 e 26 anos e mostravam uma defasagem idade-série e baixa escolaridade.

Indagados sobre suas perspectivas em relação à escolha dos cursos de Qualificação Profissional frequentados no programa, os educandos estabeleceram uma relação direta entre os cursos e uma ampliação da oportunidade de desenvolver competência mínima para a inserção no mercado de trabalho.

A participação dos adolescentes e jovens no mercado de trabalho tem sido analisada, muitas vezes, em associação com a discussão da sua situação educacional, em consequência de um cenário de crescentes exigências em termos de escolaridade para o exercício das atividades laborais (DEMO, 1993).

Também foi abordado a contribuição do eixo de Participação Cidadã na vida comunitária do educando a qual BENTES (2011) compreende como:

[...] uma experiência de trabalho cooperativo e de responsabilidade solidária com o grupo, essenciais para a formação de um jovem que se importa em participar de alguma mudança na sociedade em que vive. (p. 78).

Da análise desse campo investigativo emerge a contribuição do programa na ampliação das competências, bem como da visão social dos educandos. Ficou evidente no discurso dos jovens entrevistados a importância da certificação para a inserção no mercado de trabalho e a construção do pensamento reflexivo em relação a si mesmo e também em relação ao contexto social.

4.1.2 Perfil dos educandos que hoje frequentam o Programa Projovem Urbano no sistema coletivo (escola) – 2016

O Quadro II apresenta o perfil dos educandos que em 2016, frequentavam o Programa Projovem Urbano, fato que demonstra a proposta integradora do Projeto Político Pedagógico (acesso à escolarização, valorização pessoal e inserção social, sujeito de direitos e vínculo com o mundo do trabalho). É importante salientar o educando podia fazer diferentes cursos de Qualificação Profissional, sendo que,

pode-se observar no Quadro II que E1, E2 e E3 faziam os cursos de Operador de Computador e Informática; e E4, E5 e E6 Massagista e Informática.

QUADRO II - CAMPO INVESTIGATIVO: PERFIL DOS EDUCANDOS QUE FREQUENTAVAM O PROGRAMA PROJovem URBANO - PERÍODO DE 2016

QUADRO II - CAMPO INVESTIGATIVO: PERFIL DOS EDUCANDOS QUE FREQUENTAVAM O PROGRAMA PROJovem URBANO - PERÍODO DE 2016			
Entrevistados/as	Cursos de Qualificação Profissional frequentados no PJU	Contribuição dos cursos de Qualificação Profissional do Programa PJU na vida	Contribuição do Eixo de Participação Cidadã do Programa PJU na vida comunitária
E1 - Idade: ontem: 25 - hoje: 27 Sexo: masculino Estado civil: ontem e hoje: solteiro Profissão quando aluno: Frentista	Operador Computador Informática	"Eu aprendi como montar e desmontar um computador. Gostei muito de fazer isso e vou seguir a indicação que o professor me deu, de me especializar nessa área".	"As aulas eram aulas diferentes, a gente fez várias ações na comunidade, como grafitar o muro da escola. Também fomos visitar o Pequeno Cotelengo".
E2 - Idade: ontem: 23 - hoje: 25 Sexo: masculino Estado civil: ontem e hoje: solteiro Profissão quando aluno: Ajudante de Pedreiro	Operador Computador Informática	"Os cursos que eu fiz no Projovem me ajudaram a me preparar para uma profissão melhor. Gostei da área de informática. Um dia quero trabalhar com computadores".	"Nas aulas eu aprendi que sou um jovem que tem direitos e deveres. Aprendi a pensar sobre os problemas da minha comunidade e dar ideias de como ajudar".
E3 - Idade: ontem: 27 - hoje: 29 Sexo: masculino Estado civil: ontem: União Estável Hoje: separado Profissão quando aluno: Vendedor	Operador Computador Informática	"Nossa, eu gostei muito do curso que escolhi em Q.P.: fotógrafo. Aprendi muito sobre como tirar foto, pena que o material é caro. Mas valeu, vou ter um certificado que vai me ajudar muito".	"Eu aprendi a cuidar mais das coisas aqui do bairro. Aprendi também que posso dar opinião para resolver os problemas da comunidade. Que sou um cidadão que tem direitos e deveres".
E4 - Idade: ontem: 28 - hoje: 29 Sexo: feminino Estado civil: ontem e hoje: casada Profissão quando aluna: Diarista	Massagista Informática	"Foi muito legal, aprendi muita coisa. Sei algumas técnicas que aprendi no curso. Meu sonho é ser uma Massagista e cuidar de pessoas idosas".	"A Participação Cidadã me ajudou a fazer algumas ações na comunidade e na escola, como o dia que grafitamos o muro. Aprendi a diferença entre pichação e grafiteagem".
E5 - Idade: ontem: 24 - hoje: 26 Sexo: feminino Estado civil: ontem e hoje: casada Profissão quando aluna: Manicure	Massagista Informática	"Eu amei o curso de massagista. Agora aprendi a fazer massagem e tenho um certificado de massagista".	"Aprendi a desempenhar meu papel de cidadã na comunidade em que vivo. Também que cada um de nós é responsável pelo lugar onde mora".
E6 - Idade: ontem: 29 - hoje: 31 Sexo: feminino Estado civil: ontem e hoje: união estável Profissão quando aluna: Caixa de supermercado	Massagista Informática	"Eu aprendi que posso conhecer outra profissão como massagista, por exemplo. Aprendi também como fazer currículo na internet, pesquisar em sites, etc".	"Nas aulas eu discutia os problemas que tem o nosso bairro e cada um dava ideias de como resolver. Hoje vejo minha comunidade de uma forma diferente, me interessei mais por ela".

FONTE: Fragoso; Haracemiv (2016)

Percebe-se a partir dos relatos dos educandos que hoje frequentam o PJU e a relação perfil e interesse pelos Eixos de Qualificação Profissional e Participação Cidadã que um dos principais interesses está em aprender uma profissão através dos cursos frequentados. A partir disso, perguntamos como foi para estes jovens a Qualificação Profissional: "Os cursos que eu fiz no Projovem me ajudaram a me preparar para uma profissão melhor. Gostei da área de informática. Um dia quero

trabalhar com computadores” (E2, 2016); Nossa, eu gostei muito do curso que escolhi em Q.P.: fotógrafo. Aprendi muito sobre como tirar foto, pena que o material é caro. Mas valeu, vou ter um certificado que vai me ajudar muito” (E3, 2016).

Os jovens relatam também algumas mudanças que ocorreram após suas ações nas contribuições de Participação Cidadã, que elegem como positivas para a vida comunitária e também para sua vida pessoal. *“Nas aulas eu aprendi que sou um jovem que tem direitos e deveres. Aprendi a pensar sobre os problemas da minha comunidade e dar ideias de como ajudar” (E2, 2016).* De acordo com Freire (2006), a escola se constitui como uma das principais instituições para a integração social de qualquer sociedade, tanto para a socialização quanto para a construção da subjetivação – desenvolvimento cognitivo, proporcionando assim o status de cidadão.

4.2 – ACOMPANHAMENTO DO PROFESSOR FRENTE ÀS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DO EDUCANDO NO ATENDIMENTO: INDIVIDUAL (ÔNIBUS ITINERANTE) E COLETIVO (ESCOLA)

Num contexto escolar heterogêneo, é comum haver educandos que aprendem com facilidade e outros que apresentam dificuldades em algumas áreas. Esse é um dos maiores desafios de um professor: criar condições para que os alunos aprendam, considerando,

[...] as especificidades de cada um, propondo, portanto, uma interação entre o saber do professor e os diversos e diferentes saberes dos educandos, compreendendo a aprendizagem como a construção ativa na interação do educando com o educador (Projeto Político Pedagógico (PPI) do Programa, 2008, p. 132)

A aprendizagem envolve não somente o sujeito que aprende, mas diversos elementos externos a ele. Arroyo (2008) enfatiza a concepção da importância do acompanhamento do educador frente às dificuldades de aprendizagem do educando ao se referir “em um acompanhamento que deve ser nuclear, a partir da qual o educador deve construir sua prática, é se indagar acerca de quem é esse educando, como este jovem é visto, reconhecido e respeitado nas suas especificidades” (p. 28).

De acordo com o Projeto Político Integrado (PPI) (2008) do programa,

[...] é importante que o educador desenvolva uma série de habilidades e de atitudes em relação à aprendizagem do educando e que se crie, seja no acompanhamento individual ou no coletivo da escola, um clima favorável à expressão e à interação dos alunos (p. 116).

Nessa perspectiva, o segundo campo investigativo teve como intuito o acompanhamento pedagógico do professor junto as dificuldades de aprendizagem nos dois espaços: individual (ônibus itinerante) e coletivo (escola)

Para responder às dificuldades de aprendizagem dos educandos e aos desafios que se apresentam durante o desenvolvimento do programa, o educador deve ter competência para planejar e agir cooperativamente, além de desenvolver a capacidade de considerar as diferentes facetas do educando como ser humano; criando contextos desafiadores para a aprendizagem.

4.2.1 Acompanhamento do professor frente às dificuldades de aprendizagem do educando no espaço individual (ônibus itinerante)

O Quadro III apresenta a 2ª. categoria de análise, na voz do educando, quando avalia o acompanhamento do professor frente às dificuldades de aprendizagem no atendimento individual (ônibus itinerante). Procurou-se investigar a garantia da oferta de vagas para o aluno em situação de itinerância, uma vez que este, na maioria dos casos, não conseguia frequentar a escola no horário “normal” de aulas do Projovem Urbano (18h às 22h).

QUADRO III – ACOMPANHAMENTO DO PROFESSOR FRENTE AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DO EDUCANDO NO ATENDIMENTO: INDIVIDUAL (ÔNIBUS ITINERANTE) – PERÍODO DE 2006 A 2009

QUADRO III – ACOMPANHAMENTO DO PROFESSOR FRENTE AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DO EDUCANDO NO ATENDIMENTO: INDIVIDUAL (ÔNIBUS ITINERANTE) – PERÍODO DE 2006 A 2009	
Entrevistados/as	Espaço individual (Ônibus Itinerante)
O1 - Idade: ontem: 26 - hoje: 32 Sexo: masculino Estado civil: ontem e hoje: solteiro Profissão quando aluno: Cuidador de carro	<i>“No ônibus itinerante, as dificuldades de aprendizagem era melhor esclarecidas. Eu tinha que “correr atrás” das matérias ensinadas e do material de estudo”.</i>
O2 - Idade; ontem: 20 - hoje: 30 Sexo: masculino Estado civil: ontem: solteiro e hoje: solteiro Profissão quando aluno: Auxiliar mecânico	<i>“No geral todos os professores ajudavam a tirar as dúvidas, a aprendizado individual colaborava mais”.</i>
O3 - Idade: ontem: 20 - hoje: 26 Sexo: masculino Estado civil: ontem e hoje: solteiro Profissão quando aluno: Autônomo	<i>“Como eu trabalhava no mercado, não conseguia estar no horário da escola. Eu tinha que pegar os materiais e conteúdos com o professor, estudar sozinha e tirar dúvidas depois”.</i>

O4 - Idade: ontem: 20 - hoje: 26 anos Sexo: feminino Estado civil: ontem e hoje: solteira Profissão quando aluna: Estudante	<i>“O atendimento no ônibus itinerante era diferenciado pois eu conseguia sanar dúvidas individualmente fazendo a aula ser mais interessante”.</i>
O5 - Idade: ontem: 25 - hoje: 31 Sexo: feminino Estado civil: ontem e hoje: casada Profissão quando aluna: costureira	<i>“No ônibus itinerante as minhas dificuldades sempre foram esclarecidas com precisão e flexibilidade de horário, sempre buscando um empenho maior do aluno”.</i>
O6 - Idade: ontem: 21 - hoje: 30 Sexo: feminino Estado civil: ontem: solteira – hoje: casada Profissão: Repositora em supermercado	<i>“Nossa! No ônibus era muito bom porque o professor ajudava nas minhas dificuldades. Eu pegava o material, os conteúdos e tinha que me virar sozinho para estudar e depois tirar as dúvidas no busão”.</i>

FONTE: Fragoso; Haracemiv (2016)

Na fala dos alunos e das alunas, nota-se a percepção das necessidades de o educador propor mecanismos para seguir uma linha de aprendizagem, buscando resultados e procurando assim, que o conhecimento passe a ser aproveitado e continuado independente das dificuldades enfrentadas pelo educando: *“No ônibus itinerante as minhas dificuldades sempre foram esclarecidas com precisão e flexibilidade de horário, sempre buscando um empenho maior do aluno”* (O5, 2006 a 2009). A análise do discurso dos sujeitos entrevistados revela a relação positiva estabelecida entre educador e educando.

4.2.2. Acompanhamento do professor frente às dificuldades de aprendizagem do educando no espaço coletivo (escola) – 2016

O Projeto Político Integrado (PPI) (2008) do Programa Projovem Urbano relata que “os alunos com dificuldades de aprendizagem exigem dos professores um manejo e um desenvolvimento de estratégias pedagógicas que se voltem às dificuldades de aprendizagem fornecendo assim, um olhar diferente no espaço coletivo” (BRASIL, 2008).

Este campo investigativo apresenta o Quadro IV buscando avaliar o acompanhamento do professor frente às dificuldades de aprendizagem no atendimento coletivo (escola).

QUADRO IV – ACOMPANHAMENTO DO PROFESSOR FRENTE AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DO EDUCANDO NO ATENDIMENTO COLETIVO (ESCOLA) – 2016

Entrevistados/as	Espaço coletivo (Escola)
E1 - Idade: ontem: 25 - hoje: 27 Sexo: masculino Estado civil: ontem e hoje: solteiro Profissão quando aluno: Frentista	<i>“Os professores sempre buscavam explicar os conteúdos e ajudavam nas dificuldades de aprendizagem. Todos sempre me atendiam com atenção e explicavam os conteúdos também nas carteiras. As minhas dificuldades eram muitas porque eu parei de estudar na 5ª. série. Eu gostava muito das aulas e dos professores.</i>
E2 - Idade: ontem: 23 - hoje: 25 Sexo: masculino Estado civil: ontem e hoje: solteiro Profissão quando aluno: Pedreiro	<i>“Na sala de aula eu me esforçava para aprender. Muitas vezes eu chegava cansada do trabalho na construção e tinha que prestar atenção nas explicações dos professores. Várias vezes eu dormi na sala de aula. Sempre tive muitas dificuldades em tudo, mas o legal é que os professores me incentivavam”.</i>
E3 - Idade: ontem: 27 - hoje: 29 Sexo: masculino Estado civil: separado - hoje: separado Profissão quando aluno: Vendedor	<i>“Os professores sempre ajudavam quando eu tinha dificuldades, principalmente na escrita das sínteses. Muitas vezes eu não conseguia escrever um texto por falta de ideias, os professores sentavam do meu lado e iam dando ideias do que escrever e ajudavam a corrigir”.</i>
E4 - Idade: ontem: 28 - hoje: 30 Sexo: feminino Estado civil: ontem e hoje: casada Profissão quando aluna: Diarista	<i>“Como eu trabalhava de diarista então eu não conseguia chegar no começo das aulas. Chegava na escola às 20h já cansada de tanto limpar as casas. O legal é que todos os professores incentivavam a gente a não desistir. Ajudavam muito principalmente na semana de revisão tirando muitas dúvidas que eu tinha. Sobre as dificuldades de aprendizagem, sempre os professores me ajudavam”.</i>
E5 - Idade: ontem: 24 - hoje: 26 Sexo: feminino Estado civil: ontem e hoje: casada Profissão quando aluna: Manicure	<i>“Então, eu entrei no Projovem só pra terminar o Ensino Fundamental mesmo, porque eu parei na 8ª. série porque engravidei, então as matérias eram até que fácil para mim. Eu não tinha muitas dificuldades assim, minhas notas sempre foram acima da média. Também os professores sempre me ajudavam, cada um na sua matéria”.</i>
E6 - Idade: ontem: 29 - hoje: 31 Sexo: feminino Estado civil: ontem: união estável Hoje: união estável Profissão: Caixa de supermercado	<i>“Nossa, eu lembro que eu tinha muitas dificuldades, porque eu faltava muito nas aulas, por causa do horário do supermercado. Às vezes não dava para ir na escola porque eu trabalhava até 22h. Só não desisti porque uma professora falou que acreditava muito em mim e que queria ver eu formada”.</i>

FONTE: Fragoso; Haracemiv (2016)

No que se refere à 2ª. categoria de análise: Acompanhamento e dificuldades de aprendizagem, quando solicitados a falar sobre suas dificuldades de aprendizagem, as narrativas dos jovens oscilaram entre o desinteresse em aprender um conteúdo, as dificuldades de aprendizagem e o desafio de conciliar estudo e trabalho: *“Nossa, eu lembro que eu tinha muitas dificuldades, porque eu faltava muito nas aulas, por causa do horário do supermercado. Às vezes não dava para ir na escola porque eu trabalhava até 22h. Só não desisti porque uma professora falou que acreditava muito em mim e que queria ver eu formada”* (E6, 2016).

A força da mediação docente emerge dos discursos desse campo investigativo. Além disso, fica evidenciado nos discursos, a importância do cuidado

nas relações de ensino aprendizagem traduzido na escuta sensível do educador que ao dar atenção acolhia: *“Como eu trabalhava de diarista então eu não conseguia chegar no começo das aulas. Chegava na escola às 20h já cansada de tanto limpar as casas. O legal é que todos os professores incentivavam a gente a não desistir. Ajudavam muito principalmente na semana de revisão tirando muitas dúvidas que eu tinha. Sobre as dificuldades de aprendizagem, sempre os professores me ajudavam”* (E4, 2016).

Nessa perspectiva, a mediação docente se afigura como aspecto fundamental na apropriação do conhecimento e destaca a atitude responsiva da linguagem expressa na afirmação: *“Nossa, eu lembro que eu tinha muitas dificuldades, porque eu faltava muito nas aulas, por causa do horário do supermercado. Às vezes não dava para ir na escola porque eu trabalhava até 22h. Só não desisti porque uma professora falou que acreditava muito em mim e que queria ver eu formada”* (E6, 2016).

As respostas, nos remetem a Araújo (2009), quando enfatiza a ideia de que,

[...] o trabalho parece ter invadido todos os poros da vida, ocupando parte do tempo e das preocupações do educando, pois, mesmo tentando conciliar trabalho e estudo, enfrentando o tempo e o cansaço do dia a dia, os estudantes trabalhadores não conseguem alcançar a dedicação ao estudo necessário ao percurso acadêmico (p. 49).

Pode-se perceber que os jovens buscavam, seja no atendimento individual ou coletivo, corresponder às expectativas de aprendizagem.

4.3 APRENDIZAGEM COM O GUIA DE ESTUDO DO PROGRAMA PROJovem URBANO NOS ESPAÇOS: INDIVIDUAL (ÔNIBUS ITINERANTE) E COLETIVO (ESCOLA)

O uso do material didático é um auxílio de grande utilidade na vida do professor, independente da modalidade de ensino que leciona pois ajudam na organização do cronograma de conteúdos teóricos e práticos. Segundo o Projeto Político Pedagógico (PPI) (2008), no Programa Projovem Urbano não é diferente pois funcionam como recursos pedagógicos sendo,

[...] organizados guias disciplinares para traduzir o currículo em situações de ensino e de aprendizagem, norteando o percurso dos alunos, orientando trabalhos individuais ou em grupo e dando apoio às atividades. Eles contêm textos com aspectos básicos de todos os conteúdos tratados nas três dimensões do curso, que devem ser articulados com os conhecimentos prévios e as experiências dos alunos (p. 53).

O terceiro campo investigativo: A aprendizagem e o Guia de Estudo do Programa Projovem Urbano nos dois espaços: individual (ônibus itinerante) e coletivo (escola), destaca-se a interdisciplinaridade vista como uma ferramenta de integração e articulação das diferentes dimensões do currículo. De acordo com o Manual de Orientações Gerais (2008), o processo de integração do material didático tem como objetivo buscar relacionar o estudo atual com as aprendizagens escolares e as experiências do cotidiano dos jovens estudantes.

4.3.1 Aprendizagem com o Guia de Estudo no espaço de atendimento individual (ônibus itinerante) – período de 2006 a 2009

Esta categoria de análise apresentando o Quadro V permite explorar a aprendizagem e o material didático no espaço individual (ônibus itinerante). Sua leitura analítica nos convida a refletir como se construía o processo de ensino-aprendizagem. Pode-se perceber em vários momentos da fala dos entrevistados que o foco das explicações ocorria de maneira individual. Era neste atendimento que o aluno criava a coragem necessária para fazer perguntas que ele não faria em público, por medo da reação dos colegas e o professor conseguia descobrir qual o melhor método de ensino que atendia aquela necessidade.

QUADRO V – APRENDIZAGEM E O GUIA DE ESTUDO DO PROGRAMA PROJovem URBANO NO ESPAÇO DE ATENDIMENTO INDIVIDUAL(ÔNIBUS ITINERANTE) PERÍODO DE 2006 A 2009.

QUADRO V – APRENDIZAGEM E O GUIA DE ESTUDO DO PROGRAMA PROJovem URBANO NO ESPAÇO DE ATENDIMENTO INDIVIDUAL (ÔNIBUS ITINERANTE) PERÍODO DE 2006 A 2009	
Entrevistados/as	Espaço individual (Ônibus Itinerante)
O1 - Idade: ontem: 26 - hoje: 32 Sexo: masculino Estado civil: ontem: solteiro - hoje: casado Profissão quando aluno: Cuidador de carro	<i>“No ônibus itinerante o ensino das matérias era maior por sua explicação ser somente para mim e o professor podia se aprofundar no conteúdo ensinado”.</i>
O2 - Idade: ontem: 20 - hoje: 30	<i>“O uso do material no ônibus itinerante facilitava aprender os</i>

Sexo: masculino Estado civil: ontem: solteiro - hoje: solteiro Profissão quando aluno: Auxiliar mecânico	<i>conteúdos pois a explicação individual do professor tirava as dúvidas”.</i>
O3 - Idade: ontem: 20 - hoje: 26 Sexo: masculino Estado civil: ontem: solteiro - hoje: solteiro Profissão quando aluno: Autônomo	<i>“O meu aprendizado com o livro era melhor no ônibus porque eu estudava em casa e o que não conseguia fazer eu fazia no ônibus com o prof. e aprendia bem mais”.</i>
O4 - Idade: ontem: 20 - hoje: 26 Sexo: feminino Estado civil: ontem: solteira - hoje: solteira Profissão quando aluno: Estudante	<i>“O atendimento no ônibus itinerante era diferenciado pois eu conseguia sanar dúvidas individualmente fazendo a aula ser mais interessante”.</i>
O5 - Idade: ontem: 25 - hoje: 30 Sexo: feminino Estado civil: ontem: casada - hoje: casada Profissão quando aluno: costureira	<i>“No ônibus itinerante o professor proporcionava um esclarecimento voltado a maior dificuldade do aluno individualmente”.</i>
O6 - Idade: ontem: 21 - hoje: 30 Sexo: feminino Estado civil: ontem: solteiro Hoje: união estável Profissão quando aluno: Repositora em supermercado	<i>“Era melhor no ônibus porque o professor corrigia meus exercícios e tirava todas as minhas dúvidas. Muitos exercícios eu fazia lá com ajuda do professor”.</i>

FONTE: Fragoso; Haracemiv (2016)

O discurso revela as diferentes situações na relação com a aprendizagem na perspectiva da mobilização para o ato de aprender. Mais uma vez este, fundado em um lugar social, retrata as condições específicas de um grupo e, dessa forma, evidencia a dificuldade em conciliar o mundo do trabalho com a escolarização.

Desse modo, o atendimento individual permitia uma maior aproximação entre educando e educador e também uma identificação mais precisa das fragilidades na compreensão dos conceitos das diferentes áreas do conhecimento: *“No ônibus itinerante o ensino das matérias era maior por sua explicação ser somente para mim e o professor podia se aprofundar no conteúdo ensinado”* (O1, 2006 a 2009).

A ênfase dada à questão das dúvidas que eram sanadas no atendimento individualizado reforça a tese da necessidade de compreender o que está sendo estudado e também de ser ouvido e compreendido. Também emerge dos discursos a referência ao tempo da aula que não permite o atendimento a todas as dificuldades, assim como também se evidencia a percepção do educando em relação aos diferentes níveis de aprendizagem.

4.3.2 Aprendizagem com Guia de Estudo no espaço coletivo (escola) 2016

Segundo Projeto Político Pedagógico (PPI) (2008), o material didático do Programa Projovem Urbano “é produzido a partir do trabalho coletivo de especialistas de todos os campos do conhecimento, sendo organizado de acordo com eixos estruturantes para nortear o ensino aprendizagem do conteúdo” (p. 72).

O Quadro VI apresenta a categoria de análise aprendizagem e o material didático no espaço coletivo (escola) levando em consideração as falas dos educandos quando estes expressaram a impossibilidade de o professor sanar as dúvidas individualmente, dado a hora aula de cada disciplina, apesar do interesse dos professores em ensinar aos alunos e o reconhecimento destes para com aqueles.

QUADRO VI – APRENDIZAGEM E O GUIA DE ESTUDO DO PROGRAMA PROJOVEM URBANO NO ESPAÇO COLETIVO (ESCOLA) - PERÍODO DE 2016	
Entrevistados/as	Espaço coletivo (Escola)
E1 - Idade: ontem: 25 - hoje: 27 Sexo: masculino Estado civil: ontem: solteiro - hoje: solteiro Profissão quando aluno: Frentista	<i>“Minhas dificuldades eram com Matemática e Ciências da Natureza. Muitos exercícios eu não conseguia resolver sozinho. Às vezes não entendia as explicações e sempre tinha que ter ajuda do professor para resolver os exercícios do livro. Eu gostava das aulas de Inglês porque estava aprendendo outra língua e as aulas eram legais”.</i>
E2 - Idade: ontem: 23 - hoje: 25 Sexo: masculino Estado civil: ontem: solteiro - hoje: solteiro Profissão quando aluno: Pedreiro	<i>“Todos os professores me ajudavam nas atividades do Guia de Estudo. Muitos exercícios não entravam na minha cabeça, só entendia depois que o professor pegava meu livro e explicava na carteira. As vezes tinha que fazer as atividades em casa e quem me ajudava era minha mulher. Eu achava os exercícios muito difícil de fazer, só aprendia quando o professor explicava mais de uma vez”.</i>
E3 - Idade: ontem: 27 - hoje: 29 Sexo: masculino Estado civil: ontem: União Estável Hoje: separado Profissão quando aluno: Vendedor	<i>“Até que eu ia bem nos estudos, porque, como parei quase no fim da 8ª. série, então pra mim, alguns conteúdos eram moleza. As vezes quando tinha alguma coisa que eu não entendia do Guia de Estudo, os professores ajudavam dando explicação para todos. Eu penava mesmo em Matemática mesmo com ajuda da professora”.</i>
E4 - Idade: ontem: 28 - hoje: 30 Sexo: feminino Estado civil: ontem: casada - hoje: casada Profissão quando aluna: Diarista	<i>“Muitas vezes por causa do meu trabalho como diarista eu perdia a primeira aula. Os professores me explicavam os conteúdos e eu fazia uma revisão com eles. Com relação ao Guia de Estudo eu gostava muito das matérias, porque aprendi muitas coisas legais. Muitos conteúdos eu aprendia nas aulas de revisão, ai sim eu me esforçava mais porque depois teria uma prova”.</i>
E5 - Idade: ontem: 24 - hoje: 26 Sexo: feminino Estado civil: ontem: casada - hoje: casada Profissão quando aluna: Manicure	<i>Como eu falei eu não tinha muitas dificuldades assim, minhas notas sempre foram acima da média. Como eu parei na 8ª. série, muitos conteúdos que estavam no Guia de Estudo eu já tinha visto antes, daí eu ajudava meus colegas, principalmente em Matemática”.</i>
E6 - Idade: ontem: 29 - hoje: 31 Sexo: feminino Estado civil: ontem: união estável Hoje: união estável Profissão: Caixa de supermercado	<i>“Eu tinha muitas dificuldades com aqueles Guias de Estudo porque muitas vezes eu não conseguia fazer os exercícios. Tinha que esperar o professor atender quase todos da sala de aula para depois me explicar mais de uma vez. Quando tinha que escrever uma síntese com os temas do Guia de Estudo então, eu muitas vezes não conseguia. Eu achava difícil escrever um texto, só conseguia com ajuda do professor”.</i>

FONTE: Fragoso; Haracemiv (2016)

Na categoria de análise aprendizagem e o material didático no espaço coletivo (escola), fica evidente a dificuldade enfrentada pelos educandos na resolução das atividades propostas no guia de estudo no espaço coletivo. Mais uma vez é ressaltada a importância do atendimento individualizado para a compreensão dos enunciados e dos passos para a realização das atividades.

Considerando as diferentes trajetórias de aprendizagem, os intervalos no processo de escolarização e a assunção de uma suposta deficiência: *“Todos os professores me ajudavam nas atividades do Guia de Estudo. Muitos exercícios não entravam na minha cabeça, só entendia depois que o professor pegava meu livro e explicava na carteira. As vezes tinha que fazer as atividades em casa e quem me ajudava era minha mulher. Eu achava os exercícios muito difícil de fazer, só aprendia quando o professor explicava mais de uma vez”*. (E2, 2016), é possível perceber o reconhecimento da necessidade de mediação docente.

Os discursos também revelam o trabalho de uma equipe compromissada com a aprendizagem discente: *“Minhas dificuldades eram com Matemática e Ciências da Natureza. Muitos exercícios eu não conseguia resolver sozinho. Às vezes não entendia as explicações e sempre tinha que ter ajuda do professor para resolver os exercícios do livro. Eu gostava das aulas de Inglês porque estava aprendendo outra língua e as aulas eram legais”* (E1, 2016) o que mais uma vez enfatiza o papel da mediação na escolarização de jovens e adultos. Uma mediação que se pauta na acolhida, na escuta ativa e no reconhecimento do educando como sujeito.

Na comparação entre os dois espaços de aprendizagem o que se depreende dos discursos é a relevância de um atendimento individualizado para o educando, considerando que este, via de regra, não tem a experiência do estudo devido ao meio social no qual a leitura e a escrita não possuem significância, também, que teve uma escolarização precária e, além disso, vivenciou as dificuldades no retorno à escolarização. Assim, se por um lado, o coletivo permitia a interação e a troca de experiência entre os pares, o individual, permitia ao docente a localização das fragilidades e orientava a sua intervenção como também possibilitava ao educando mais segurança na exposição de suas dúvidas. Mais uma vez o discurso fundado em um lugar social retrata as condições específicas de um grupo e, dessa forma, evidencia a dificuldade em conciliar o mundo do trabalho com a escolarização.

4.4 HORÁRIOS DA ESCOLA E DO ÔNIBUS ITINERANTE E CONCILIAÇÃO TRABALHO E ESCOLA

A juventude é um momento crucial da vida, em que os jovens começam a perceber as suas aspirações, assumindo sua independência econômica e buscando seu lugar na sociedade. A inserção no trabalho e a conclusão da escola são considerados elementos fundamentais da inserção social no mundo adulto para uma parcela significativa da população jovem em nosso país, especialmente para aqueles que necessitam trabalhar a fim de ajudar no sustento da família.

O quarto campo investigativo aborda os horários da escola e do ônibus itinerante e os espaços de conciliação entre trabalho e escola.

Partindo do pressuposto de que o trabalho oferece ao homem oportunidades de suprir suas necessidades, e ao mesmo tempo engajá-lo no mundo social, e de que o estudo oferece garantia de um futuro melhor, RUMMERT (2000) afirma que,

[...]a dimensão trabalho, juntamente à escola e à família, vem sendo apontada como um dos condicionantes da inserção no mundo adulto para uma significativa parcela da população jovem em nosso país, especialmente para aqueles que necessitam trabalhar para ajudar no sustento da família. (p. 382).

4.4.1 – Horários e conciliação trabalho e escola no espaço de atendimento individual (ônibus itinerante) – período de 2006 a 2009

O Quadro VII explora a quarta categoria de análise: conciliação trabalho e escola no espaço individual (ônibus itinerante). De acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPI) (2008) do Programa Projovem Urbano “com intuito de evitar a interrupção (mesmo que parcial) da escolaridade, o Projovem Urbano criou esse projeto piloto, um espaço de classe itinerante, que visa manter os vínculos escolares do educando, assegurando sua reintegração ao currículo no momento do retorno à escola regular (p. 79).

QUADRO VII – OS HORÁRIOS DA ESCOLA E DO ÔNIBUS ITINERANTE E OS ESPAÇOS DE CONCILIAÇÃO TRABALHO E ESCOLA – PERÍODO DE 2006 A 2009

QUADRO VII – OS HORÁRIOS DA ESCOLA E DO ÔNIBUS ITINERANTE E OS ESPAÇOS DE CONCILIAÇÃO TRABALHO E ESCOLA - PERÍODO DE 2006 A 2009	
Entrevistados/as	Espaço individual (Ônibus Itinerante)
O1 - Idade: ontem: 26 - hoje: 34 Sexo: masculino Estado civil: ontem: solteiro - hoje: casado Profissão quando aluno: Cuidador de carro	<i>“No ônibus itinerante eu poderia esclarecer minhas dúvidas a qualquer horário, pois o professor estava sempre disponível. Eu frequentava o ônibus fora do meu horário de trabalho, assim dava para acompanhar os conteúdos da escola”.</i>
O2 - Idade: ontem: 20 - hoje: 32 Sexo: masculino Estado civil: ontem: solteiro - hoje: solteiro Profissão quando aluno: Auxiliar mecânico	<i>“No ônibus itinerante havia possibilidade de trabalhar e estudar, pois dava para mim conciliar o horário do trabalho com o horário do ônibus que era flexível”.</i>
O3 - Idade: ontem: 20 - hoje: 28 Sexo: masculino Estado civil: ontem: solteiro - hoje: solteiro Profissão quando aluno: Autônomo	<i>“No ônibus eu conciliava melhor meu horário de estudo porque o horário era diferente da escola e geralmente batia com o horário que eu não trabalhava”.</i>
O4 - Idade: ontem: 20 - hoje: 28 Sexo: feminino Estado civil: ontem: solteira - hoje: solteira Profissão quando aluno: Estudante	<i>“Com a conciliação com o ônibus itinerante era melhor pois se encaixava melhor os horários fazendo-os mais flexíveis”.</i>
O5 - Idade: ontem: 25 - hoje: 33 Sexo: feminino Estado civil: ontem: casada - hoje: casada Profissão quando aluno: costureira	<i>“Em razão do meu horário de trabalho o ônibus itinerante flexibilizava o aprendizado tornando mais completo”.</i>
O6 - Idade: ontem: 21 - hoje: 32 Sexo: feminino Estado civil: ontem: solteira - Hoje: casada Profissão quando aluno: Repositora de supermercado	<i>“Quando eu ia no ônibus eu conseguia cuidar dos carro e estudar fazendo os exercícios e estudando no ônibus com o professor”.</i>

FONTE: Fragoso; Haracemiv (2016)

Cada educando ao ingressar no programa trazia consigo um tempo social que dizia respeito às suas necessidades e um tempo escolar vivido. Ambos são diversos em suas trajetórias de aprendizagem e estilos de vida. No entanto, todos precisam ser auxiliados a encontrar o meio mais adequado de conciliar seus tempos com a escolarização.

Por meio dos relatos, um dos fatores que poderiam influenciar negativamente a permanência dos jovens no programa, residia na conciliação de horário trabalho/escola, ou seja, incompatibilidade de horário para os estudos: *“No ônibus*

itinerante havia possibilidade de trabalhar e estudar, pois dava para mim conciliar o horário do trabalho com o horário do ônibus que era flexível” (O2, 2006 a 2009).

Para tanto implicou uma necessidade do programa em pensar estratégia que articulasse o trabalho e a educação formal, estabelecido então, atendimento individual (ônibus itinerante), voltado àqueles que se encontravam na condição de estudantes trabalhadores em razão da necessidade de ter um trabalho remunerado (ainda que informal) para a própria sobrevivência e da sua família,

Com a dificuldade de conciliar horário de trabalho e escola, os jovens acabam tendo um nível baixo de escolaridade, o que, somado à grande concorrência por empregos melhores, prende-os a subempregos e não possibilita uma melhora em suas condições de vida (ABRAMOVAY, 2002, p. 57).

Pode-se perceber na fala dos entrevistados, citação à flexibilidade de horários e o tratamento recebido pelos professores, os quais relataram que estes eram compreensivos em relação aos horários e a condição dos jovens trabalhadores: *“No ônibus itinerante eu poderia esclarecer minhas dúvidas a qualquer horário, pois o professor estava sempre disponível. Eu frequentava o ônibus fora do meu horário de trabalho, assim dava para acompanhar os conteúdos da escola” (O1, 2006 a 2009).*

“Com a conciliação com o ônibus itinerante era melhor pois se encaixava melhor os horários fazendo-os mais flexíveis” (O4, 2006 a 2009). No relato da entrevistada está o grande desafio da escola “fazer do espaço escolar um meio que favoreça a condição de horário de trabalho e estudo desse jovem, incluindo padrões de vida digna para se constituírem cidadãos participantes de uma sociedade em permanente mutação” (LIBÂNEO, 2005, p. 64).

Cabe ainda lembrar que educação e trabalho são processos de socialização, nos quais perpassam outros espaços socioculturais “mediados por relações de historicidade entre sujeitos, contextos e tempos” (LIBÂNEO, 2005, p.72). Essas interações devem ser consideradas quando se pensa na relação que se estabelece entre educando, escola, trabalho, entre outras.

4.4.2 – Horários e conciliação trabalho e escola no espaço coletivo (escola) – período de 2016

A problemática relação escola e trabalho têm sido objeto de reflexão de vários setores da sociedade. Os motivos para isso são basicamente: a necessidade de ter renda para ajudar a família e ganhar experiência para ter mais facilidade de entrar no mercado de trabalho. Segundo constatou o Projeto Político Pedagógico (PPI) (2008) do Programa Projovem Urbano “quando o trabalho exige mais tempo e dedicação do aluno, a dificuldade em conciliar o trabalho com os estudos torna-se evidente (p.88). A problemática que cerca a articulação entre educação e trabalho permanece como um desafio para os intelectuais e para os educadores.

O Quadro VIII explora a quarta categoria de análise: conciliação trabalho e escola no espaço coletivo (escola).

QUADRO VIII – OS HORÁRIOS DE CONCILIAÇÃO TRABALHO E ESCOLA - 2016

QUADRO VIII – OS HORÁRIOS DE CONCILIAÇÃO TRABALHO E ESCOLA – 2016	
Entrevistados/as	Espaço coletivo (Escola)
E1 - Idade: ontem: 25 - hoje: 27 anos Sexo: masculino Estado civil: ontem e hoje: solteiro Profissão quando aluno: Frentista de posto de gasolina	<i>“Como eu trabalhava de frentista num posto de gasolina aqui do bairro, era difícil cumprir o horário das aulas que começava as 18:30, porque eu saía do posto as 19h. Muitas vezes eu entregava uma declaração do trabalho e minhas faltas eram justificadas.. Perdia muitos conteúdos mais fazer o que, a gente precisa trabalhar”.</i>
E2 - Idade: ontem: 23 - hoje: 25 Sexo: masculino Estado civil: ontem e hoje: solteiro Profissão quando aluno: Ajudante de Pedreiro	<i>“Eu sentava lá no fundão da sala de aula e tirava o maior cochilo. Chegava cansadaço de tanto erguer tijolo e fazer massa lá na construção. As vezes tinha que fazer bico, daí ficava difícil ir pra escola. Na escola eu tinha que estar as 18:30, as vezes no meu trabalho ia até de noite, não tinha horário que nem na escola”.</i>
E3 - Idade: 27 - hoje: 29 Sexo: masculino Estado civil: Ontem: União Estável Hoje: separado Profissão quando aluno: Vendedor	<i>“Era muito difícil pra mim cumprir o horário das aulas porque eu trabalhava e trabalho até hoje como vendedor autônomo. Daí já viu né, não tem horário fixo igual na escola. Eu sempre chegava no horário nos dias de prova, porque os professores falavam que não podia faltar nem chegar atrasado. Nesse dia eu largava tudo e ia pra escola. Pra mim sempre foi muito difícil estudar e trabalhar”.</i>
E4 - Idade: ontem: 28 - hoje: 30 Sexo: feminino Estado civil: ontem e hoje: casada Profissão quando aluna: Diarista	<i>“Como eu falei antes, muitas vezes por causa do meu trabalho como diarista eu perdia a primeira aula. Não consegui nunca chegar no horário porque eu não tinha horário pra trabalhar. Ficava trabalhando como diarista as vezes até de noite. Só continuei a estudar porque os professores me davam uma forcinha”.</i>
E5 - Idade: ontem: 24 - hoje: 26 Sexo: feminino Estado civil: ontem e hoje: casada Profissão quando aluna: Manicure	<i>“Até que eu não tive tantas dificuldades assim, porque eu trabalhava no salão das 8h às 17h. Dava tempo de passar em casa e ir pra escola. Quando tinha muitos clientes e eu precisava ficar no salão, eu pedia uma declaração pra dona do salão e os professores justificavam minhas faltas. Era difícil mesmo quando tinha prova e o salão tava cheio, daí eu tinha que sair correndo pra ir pra escola”.</i>
E6 - Idade: ontem: 29 - hoje: 31 Sexo: feminino Estado civil: ontem e hoje: casada	<i>“Quantas vezes eu fiquei no supermercado trabalhando até as 22h e não dava para ir na escola. Fora os dias em que me trocavam de turno. Quando eu estava no turno da manhã daí sim eu conseguia chegar no</i>

Profissão quando aluna: Caixa de supermercado	<i>horário das aulas bem tranquila e descansada. Pior quando me colocavam no turno da tarde porque daí eu só saía quando o mercado fechava e não dava para frequentar as aulas”.</i>
---	--

FONTE: Fragoso; Haracemiv (2016)

Salienta-se, que os horários educacionais estavam articulados com a proposta pedagógica presente no Projeto Político Pedagógico (PPI) (2008) do programa sendo, a carga horária do ProJovem Urbano de 2.000 horas (1.560 presenciais e 440 não-presenciais), a serem cumpridas ao longo de 18 meses letivos (78 semanas) (p. 79).

Fica evidenciado nas falas dos educandos, a importância dos horários e conciliação trabalho e escola no espaço coletivo (escola) traduzido no entendimento do educador que ao dar atenção entendia a situação: *“Como eu trabalhava de frentista num posto de gasolina aqui do bairro, era difícil cumprir o horário das aulas que começava as 18:30, porque eu saía do posto as 19h. Muitas vezes eu entregava uma declaração do trabalho e minhas faltas eram justificadas. Perdia muitos conteúdos mais fazer o que, a gente precisa trabalhar”* (E1, 2006 a 2016). *“Como eu falei antes, muitas vezes por causa do meu trabalho como diarista eu perdia a primeira aula. Não consegui nunca chegar no horário porque eu não tinha horário pra trabalhar. Ficava trabalhando como diarista as vezes até de noite. Só continuei a estudar porque os professores me davam uma forcinha”.* (E4, 2006 a 2016).

Para essa tarefa, os educadores identificavam, elaboravam e organizavam recursos pedagógicos para a participação dos alunos, considerando as suas necessidades específicas e as razões frente os horários de conciliação trabalho e escola.

Da análise da comparação estabelecida entre os dois espaços pode-se depreender a força exercida pela organização do tempo do educando enquanto trabalhador e responsável por sua subsistência, na relação com a organização do tempo na instituição escolar. Ambos são diversos em suas trajetórias de aprendizagem e estilos de vida. No entanto, todos precisam ser auxiliados a encontrar o meio mais adequado de conciliar seus tempos com a escolarização. Nos discursos apresentados fica evidente a importância da flexibilização de horários, o que implica compreender que o ônibus itinerante atendia melhor a essa necessidade

e também nos desafia a pensar uma reorganização curricular dos tempos e espaços que de fato promovam a educação emancipadora.

4.5 AVALIAÇÃO FINAL DA UNIDADE FORMATIVA E O ESTUDO INDIVIDUAL NOS DOIS ESPAÇOS

A avaliação antecede, acompanha e sucede o trabalho pedagógico e cada um desses momentos requer modalidades específicas de avaliação: diagnóstica, formativa ou somativa. Essas modalidades possuem funções diferentes, mas complementares. Abordar as diferentes modalidades de avaliação significa compreender o significado de cada uma para melhor perceber sua inter-relação. De acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPI) (2008) do programa “na concepção do Projovem Urbano, a avaliação do ensino e aprendizagem constitui um processo de natureza qualitativa e quantitativa sobre o ensino e a aprendizagem (p.119).

Ao término de cada unidade formativa do Programa Projovem Urbano, havia uma avaliação de caráter externo elaborada pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC): “Avaliação Diagnóstica, Exames entre Ciclos e Exame Final Nacional Externo. Para essas avaliações foram elaborados testes com a finalidade de coletar informações sobre o nível de desempenho acadêmico dos alunos (Projeto Político Pedagógico (PPI) (2008) (p. 122).

Essa avaliação possuía uma fragilidade no que concerne ao seu conteúdo, uma vez que: 1º.) eram constituídas por um conjunto de descritores agrupados em tópicos; 2º.) não era elaborada pelos educadores que estavam junto à realidade dos educandos e 3º.) deixava de fora conhecimentos e habilidades adquiridas e desenvolvidas pelo educando. Tanto o professor do espaço individual (ônibus itinerante), como o do coletivo (escola) perdiam muitos espaços e tempos de avaliação processual, pois o que validava o conhecimento da avaliação final vinha do Ministério da Educação e Cultura (MEC), fora do processo.

Segundo ESTEBAN (2009), “a avaliação como prática de investigação se configura pelo reconhecimento dos múltiplos saberes, lógicas e valores que permeiam a tessitura do conhecimento” (p. 111).

Nesse sentido, a avaliação vai sendo constituída como um processo que indaga os trajetos percorridos, os percursos previstos, as relações estabelecidas entre educador e educando, os saberes, informações e contextos dos jovens.

O quinto campo investigativo teve como intuito a avaliação final da Unidade Formativa e o estudo individualmente no ônibus itinerante e/ou no coletivo da escola.

4.5.1 Avaliação final da Unidade Formativa e o estudo individual (ônibus itinerante) – período de 2006 a 2009

O Quadro IX apresenta a avaliação final da Unidade Formativa do espaço individual (ônibus itinerante). De acordo com o Manual do Educador (2008), “no ProJovem, a progressão continuada do aluno deve ser efetivada num trabalho conjunto entre professores e alunos, utilizando todos os momentos do curso para promover o desenvolvimento das habilidades básicas previstas no Programa” (p.72).

QUADRO IX – AVALIAÇÃO FINAL DA UNIDADE FORMATIVA E O ESTUDO INDIVIDUAL NO ÔNIBUS ITINERANTE - PERÍODO DE 2006 A 2009	
Entrevistados/as	Espaço individual (Ônibus Itinerante)
O1 - Idade: ontem: 26 - hoje: 32 Sexo: masculino Estado civil: ontem: solteiro Hoje: União estável Profissão quando aluno: Cuidador de carro	<i>“No individual era mais esclarecedor. Eu tinha todas as minhas dúvidas esclarecidas pois o professor tinha um tempo maior para se aprofundar na matéria sendo mais esclarecedor no que eu tinha mais dificuldade”.</i>
O2 - Idade: ontem: 20 - hoje: 31 Sexo: masculino Estado civil: ontem e hoje: solteiro Profissão quando aluno: Auxiliar mecânico	<i>“Individualmente no ônibus itinerante eu tirava minhas dúvidas para a prova e me interessava em estudar mais. Eu aproveitava todos os momentos para recuperar os conteúdos”.</i>
O3 - Idade: ontem: 20 - hoje: 26 Sexo: masculino Estado civil: ontem e hoje: solteiro Profissão quando aluno: Autônomo	<i>“Eu tirava nota melhor estudando para prova no ônibus porque o professor explicava só pra mim”.</i>
O4 - Idade: ontem: 20 - hoje: 26 Sexo: feminino Estado civil: ontem e hoje: solteira Profissão quando aluna: Estudante	<i>“Eu tinha mais resultados quando estudava no ônibus e pegava os materiais de estudo com os professores e sanava minhas dúvidas do que em uma revisão do coletivo da escola. O meu resultado era melhor individualmente no ônibus”.</i>
O5 - Idade: ontem: 25 - hoje: 31 Sexo: feminino Estado civil: ontem e hoje: casada Profissão quando aluna: costureira	<i>“Ah! Eu acho que no ônibus o estudo era mais individual, dava mais tempo de tirar as dúvidas. Parece que eu tinha que me esforçar um pouco mais”.</i>
O6 - Idade: ontem: 21 - hoje: 30 Sexo: feminino Estado civil: ontem: solteira hoje: casada Profissão quando aluna: Repositora em supermercado	<i>“Eu ia bem na prova quando o professor estudava comigo no ônibus, aí sim eu tirava nota boa, porque eu tinha tempo de recuperar os conteúdos que o professor ensinava na escola”.</i>

FONTE: Fragoso; Haracemiv (2016)

A análise do discurso dos sujeitos entrevistados revela que o atendimento individual (ônibus itinerante) oportunizava um momento de “estudos complementares” para o jovem trabalhador e uma forma de recuperação de estudos e fortalecimento da aprendizagem: *“Individualmente no ônibus itinerante eu tirava*

minhas dúvidas para a prova e me interessava em estudar mais. Eu aproveitava todos os momentos para recuperar os conteúdos”. (O2, 2016). “Eu tinha mais resultados quando estudava no ônibus e pegava os materiais de estudo com os professores e sanava minhas dúvidas do que em uma revisão do coletivo da escola. O meu resultado era melhor individualmente no ônibus” (O4, 2016).

Os discursos nesse campo investigativo apontam para a importância de um atendimento diferenciado e individualizado assim como também evidenciam a percepção que o educando tem de seu próprio aprendizado, logo,

[...] é preciso reconhecer que os alunos são diferentes, que nem todas as pessoas têm os mesmos interesses e habilidades, que nem todos aprendem da mesma maneira, pois cada um tem o seu ritmo para aprender. Sendo assim, o educador um grande desafio: como trabalhar o conteúdo de forma a estimular os diferentes níveis e tipos de inteligências existentes nos educandos (LIBÂNEO, 2005, p. 64).

Outro momento importante do processo na interação professor-aluno fica evidente nessa fala: *“Eu ia bem na prova quando o professor estudava comigo no ônibus, aí sim eu tirava nota boa, porque eu tinha tempo de recuperar os conteúdos que o professor ensinava na escola” (O6, 2016).*

Vygotsky (1994), ao falar sobre a importância das interações sociais, deixa clara a ideia da mediação e da internalização como aspectos fundamentais para a aprendizagem, defendendo que a construção do conhecimento ocorre a partir de um intenso processo de interação entre as pessoas.

A aprendizagem normal dá-se de forma integrada no aluno (aprendente), no seu pensar, sentir, falar e agir. Quando começam a aparecer “dissociações de campo” e sabe-se que o sujeito não tem danos orgânicos, pode-se pensar que estão se instalando dificuldades na aprendizagem: algo vai mal no pensar, na sua expressão, no agir sobre o mundo (p.23).

Dessa forma, a ajuda que o professor proporciona o cada aluno durante o processo, contará muito para o seu desenvolvimento, uma vez que este não aprende sozinho, a aprendizagem depende da interação com o professor e o meio. Sendo assim, a ajuda do professor precisa ser ajustada ao nível que o aluno apresenta em cada fase de aprendizagem (Projeto Político Pedagógico – PPI do Programa, 2008, p. 138).

4.5.2 Avaliação final da Unidade Formativa e o estudo no coletivo (escola) – período de 2016

O Quadro X apresenta a avaliação final da Unidade Formativa no espaço coletivo (escola). De acordo com o Manual do Educador (2008), preocupando-se com a ocorrência da evasão e do abandono da oportunidade de escolarização, “a avaliação do ensino e aprendizagem constitui um processo de obtenção e julgamento de informações de natureza qualitativa e quantitativa” (p.66).

QUADRO X – AVALIAÇÃO DA UNIDADE FORMATIVA E O ESTUDO NO COLETIVO DA ESCOLA – PERÍODO DE 2016

QUADRO X – AVALIAÇÃO FINAL DA UNIDADE FORMATIVA E O ESTUDO NO COLETIVO DA ESCOLA - PERÍODO DE 2016	
Entrevistados/as	Espaço coletivo (Escola)
E1- Idade: ontem: 25 - hoje: 27 Sexo: masculino Estado civil: ontem e hoje: solteiro Profissão quando aluno: Frentista de posto de gasolina	<i>“Na avaliação eu tinha muitas dificuldades porque eu parei de estudar na 5ª. série. Prestava atenção nas aulas e não faltava nas aulas de revisão que a gente tinha antes da prova. Mesmo assim minhas notas eram sempre muito baixas. As vezes tinha dificuldades de me concentrar na aula porque todos os meus colegas falavam e não dava para entender o que o professor explicava”.</i>
E2 - Idade: ontem: 23 - hoje: 25 Sexo: masculino Estado civil: ontem e hoje: solteiro Profissão quando aluno: Ajudante de Pedreiro	<i>“Como minha esposa já tinha a 8ª. série e estudou até o 2º. grau ela me ajudava muito a estudar para os dias de prova. As avaliações eram complicadas para mim. Matemática então, não entrava de jeito nenhum no dia da prova. Muitas coisas eu aprendia nos dias de revisão. Por causa do meu serviço de pedreiro eu não tinha tempo de estudar. Só mesmo na escola, daí que a avaliação final eu sempre ficava pra recuperar a média”.</i>
E3 - Idade: ontem: 27 - hoje: 29 Sexo: masculino Estado civil: ontem: casado - hoje: separado Profissão quando aluno: Vendedor	<i>“Até que eu ia bem nos estudos, parei de estudar no fim da 8ª. série, então pra mim, a prova não era tão difícil assim como muitos colegas diziam. Matemática, que era um pouco difícil, mesmo assim eu conseguia estudar sozinho e tirava notas boas na prova. Teve uma prova até que eu fui a melhor nota da sala de aula. Foi massa”.</i>
E4 - Idade: ontem: 28 - hoje: 30 Sexo: feminino Estado civil: ontem e hoje: casada Profissão quando aluna: Diarista	<i>“Eu só conseguia fazer as provas porque os professores me explicavam os conteúdos e faziam uma revisão comigo. Mesmo assim, na avaliação eu sempre ia muito mal. Errava questões que os professores já tinham explicado na sala de aula. Por causa de ser diarista, faltei muito na escola. Eu tinha muitas dificuldades”.</i>
E5 - Idade: ontem: 24 - hoje: 26 Sexo: feminino Estado civil: ontem e hoje: casada Profissão quando aluna: Manicure	<i>“Não sei se o professor lembra, mas minhas notas sempre foram altas. Eu parei na 8ª. série, muitos conteúdos que caíam na avaliação final eu já tinha visto antes. Fazia a prova rápido porque eu sabia todos os exercícios. Nunca fiquei para segunda chamada. Os colegas sempre pediam que eu ajudasse a explicar os exercícios para eles, principalmente de Matemática e Ciências da Natureza”.</i>
E6 - Idade: ontem: 29 - hoje: 31 Sexo: feminino Estado civil: ontem: união estável Hoje: união estável Profissão quando aluna: Caixa de supermercado	<i>Eu tinha muitas dificuldades com aqueles Guias de Estudo porque muitas vezes eu não conseguia fazer os exercícios. No dia da prova então, parecia que dava um branco. Eu odiava ter que fazer prova, mas fazer o que! Acho que de todos da sala de aula eu era a que mais tinha dificuldades porque eu faltava, porque trabalhava no supermercado em turnos diferentes cada mês.</i>

FONTE: Fragoso; Haracemiv (2016)

A categoria de análise: Espaços de avaliação e diferentes espaços de estudos: individual (ônibus itinerante) e/ou coletivo (escola), parece descrever as dificuldades no processo de avaliação final ao término de cada Unidade Formativa no espaço coletivo (escola). Neste depoimento é interessante destacar o seguinte trecho da entrevista: *“Na avaliação eu tinha muitas dificuldades porque eu parei de estudar na 5ª. série. Prestava atenção nas aulas e não faltava nas aulas de revisão que a gente tinha antes da prova. Mesmo assim minhas notas eram sempre muito baixas. As vezes tinha dificuldades de me concentrar na aula porque todos os meus colegas falavam ao mesmo tempo e não dava para entender o que o professor explicava”* (E1, 2016).

O discurso ressalta a competência do olhar auto avaliativo com o qual a educanda se analisa: *Eu só conseguia fazer as provas porque os professores me explicavam os conteúdos e faziam uma revisão comigo. Mesmo assim, na avaliação eu sempre ia muito mal. Errava questões que os professores já tinham explicado na sala de aula. Por causa de ser diarista, faltei muito na escola. Eu tinha muitas dificuldades”* (E4, 2016).

Da análise desses discursos pode-se depreender a presença de um pensamento crítico e reflexivo sobre as suas próprias condições de aprendizagem e de avaliação das duas modalidades. Essas constatações à luz de uma proposta de educação emancipadora contribuem uma possível tomada de posição em relação a uma metodologia mais significativa e à necessidade de criação de espaços e currículos mais flexíveis para o programa. Mais uma vez os discursos revelam as trajetórias de aprendizagem interrompidas e retomadas com todas as dificuldades advindas da difícil conciliação com o mundo do trabalho, assim como a identificação das fragilidades de compreensão dos conteúdos.

Essas constatações à luz de uma proposta de educação emancipadora contribuem uma possível tomada de posição em relação a uma metodologia mais significativa e à necessidade de criação de espaços e currículos mais flexíveis para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e ressalta-se o atendimento paralelo no contra turno como ocorria no ônibus itinerante.

5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES: O PERCURSO DO PROGRAMA PROJovem URBANO POR UMA DÉCADA: 2006 - 2016

Ao finalizar esta investigação que se concretiza através da Dissertação aqui apresentada, cabe retomar a pergunta que norteou o processo até então desenvolvido, qual seja: Como a gestão das práticas pedagógicas em diferentes espaços: sistema individual (ônibus itinerante) e coletivo (escola) interferiram/interferem na aprendizagem e no atendimento ao currículo do Programa Projovem Urbano?

Sabe-se que não bastaria apenas uma resposta para atender a tão complexa demanda que o problema desta pesquisa encerra. Entretanto, as reflexões, os desafios, as contradições e os dilemas vividos ao longo desta trajetória, bem como as conclusões (ainda que, sabe-se, provisórias) a que chegamos podem representar algumas pistas para responder ao problema da investigação.

Desde o início da pesquisa, os objetivos específicos voltaram-se para: identificar o perfil de um grupo de educandos egressos do Programa Projovem Urbano que foram atendidos no sistema individual (ônibus itinerante) no período de 2006 a 2009 e coletivo (escola) - 2016; mensurar como a gestão do educando egresso de práticas individuais e coletivas em atendimento ao currículo do PJU impactou sua formação frente aos eixos Qualificação Profissional e Participação Cidadã; traçar o perfil dos educandos de 2016 atendidos pelo Programa Projovem Urbano somente no sistema coletivo e investigar na voz dos educandos de 2016 a gestão e significados da aprendizagem no espaço coletivo da escola frente a prática pedagógica no atendimento ao currículo do Programa Projovem Urbano.

Perguntas nortearam esse trabalho de pesquisa, sendo elas: Qual o perfil do educando egresso do Programa Projovem Urbano que foi atendido no ônibus itinerante e/ou escola no período de 2006 a 2009? Qual o perfil dos educandos do Programa Projovem Urbano do período de 2016? Como o educando fez/faz a gestão da sua aprendizagem frente as práticas pedagógicas individuais (ônibus itinerante) no período de 2006 a 2009 e coletivas (escola) - 2016?

Quais as práticas pedagógicas desenvolvidas individual e coletivamente mais significativas na voz do educando do Programa Projovem Urbano?

Após compreender a proposta do programa tomando como norte da pesquisa alguns antecedentes históricos, realizou-se uma revisão bibliográfica recorrendo aos documentos oficiais que norteiam o PJU, mapeando o que já foi e está sendo estudado acerca das Políticas Públicas de Juventude, bem como, através de livros, pesquisas, dissertações teses e dados nos institutos de pesquisas competentes.

A pesquisa mostrou que o PJU é um programa que faz parte de uma política pública e foi implantado com a adesão municipal contando com agentes políticos como Governo Federal e Municipal. Deu-se o devido destaque ao desenvolvimento dos jovens, buscando instrumentos de coleta, traçar uma breve caracterização do perfil desses educandos enquanto sujeitos comprometidos com a inclusão social e com a elevação de escolaridade. Trabalhamos com as perspectivas dos jovens egressos que frequentaram o programa no sistema individual (ônibus itinerante) no período de 2006 a 2009 e coletivo (escola) – 2016.

Ressaltou-se a importância de políticas como a do PJU, que vinculou três dimensões essenciais (Ensino Fundamental, Qualificação Profissional e Participação Cidadã), para a formação humana. Destacamos ainda, ações de solidariedade, voluntariado e cidadania conforme evidenciado nas leis que regulamentam a referida proposta de ensino, nos manuais e nas orientações gerais que norteiam as práticas pedagógicas. As questões que se referiam ao currículo se mostraram importantes para o debate sobre constituições identitárias, já que o programa possuía um currículo específico, que proporcionou aos professores práticas condizentes aos educandos, fazendo com que os docentes se apropriassem de alguns conceitos importantes, principalmente no que se refere às questões de interdisciplinaridade, protagonismo social, participação cidadã, trabalho e as questões relacionadas à juventude.

Evidenciou-se a importância em face da tentativa de esclarecer em que base teórica se pautou a pesquisa, a etapa de análise e interpretação dos dados apresentados pelos partícipes, a elaboração e a proposta de intervenção. Assim, após exemplificar os elementos presentes nas respostas dos educandos envolvidos, procurou-se analisar o que foi apreendido nos questionários confrontados com o referencial teórico trabalhado. Particularmente no que concerne ao Projovem Urbano, foco desta pesquisa, podemos asseverar que este apresenta interferências

na aprendizagem dos educandos frente às diferentes práticas pedagógicas individuais (ônibus itinerante) e coletivas (escola).

Entendeu-se que ser cidadão, em primeiro lugar, está diretamente ligado ao princípio do “direito a ter o direito” (ARENDR, 2007). Podemos perceber que a reinserção escolar assume um lugar fundamental no cenário das políticas públicas voltadas para o contexto educacional brasileiro. Esta oportunidade de mudança foi oferecida pelo PJU aos jovens que tiveram a chance de elevação do grau de escolaridade e da busca da qualificação profissional.

Averiguou-se de diferente nas vozes dos educandos egressos do Programa Projovem Urbano o prosseguimento na educação formal, através da possibilidade de matrícula no ensino médio, o alcance da consciência demonstrada sobre a sua situação profissional e o engajamento em ações comunitárias. Identificou-se a contribuição do programa em relação à visão de futuro dos jovens participantes onde grande parte classificou-o como proveitoso, enxergando uma melhora na qualidade de suas vidas, na busca de uma inclusão social melhor, mais digna e na busca de melhores condições para suas famílias. Estes apontaram em suas falas que o mesmo interferiu de forma positiva no que diz respeito a ter projetos, a querer continuar os estudos, no incentivo a buscarem mudança de suas realidades.

Ficou perceptível na voz dos educandos a intervenção em diferentes espaços de aprendizagem ao falarem sobre suas experiências significativas nos dois espaços de atendimento do Programa Projovem Urbano: individual (ônibus itinerante e coletivo (escola)). No espaço individual os educandos relataram que eram realizadas programações de horário de aulas destinadas a atender as necessidades imediatas e específicas dos educandos trabalhadores. Ao frequentarem o ônibus itinerante eram convidados a acompanhar os conteúdos das aulas com orientações dos próprios educadores do programa que proporcionavam um acompanhamento individual, conforme a necessidade de cada um. A análise do discurso revela que o professor promovia condições de ensino de acordo com o ritmo dos educandos.

Percebeu-se no discurso dos educandos que, se por um lado o coletivo permitia a interação e a troca de experiência entre os pares, o individual permitia ao docente a localização das fragilidades, orientando a intervenção da aprendizagem e permitia aos estudantes-trabalhadores conciliar o mundo do trabalho com a

escolarização. A análise da comparação estabelecida entre os dois espaços nos desafiou a pensar uma reorganização curricular dos tempos e espaços que de fato promovam uma educação.

Destaca-se também a Sala de Acolhimento⁴ prevista no Programa Projovem Urbano, a qual fazia-se necessário para minimizar um dos fatores que impedem os estudantes de frequentar a escola. Aquela jovem, ou mesmo um pai que cria seus filhos, estando distante da escola pelo fato de não ter onde deixá-los, encontravam na proposta da sala de acolhimento, um momento único de retorno aos estudos e tranquilidade ao saber onde seus filhos estavam.

A Sala de Acolhimento colaborou para o resgate do direito à educação dos jovens do Projovem Urbano que não tinham com quem deixar seus filhos quando frequentavam as aulas. Evidenciou-se que essa situação era predominante entre as mulheres, que nutriam vontade e garra para estudar, para ter mais autonomia e não mais se submeterem a papéis tradicionais, pautados pela subordinação à casa e ao cônjuge e colaborou para desestabilizar a reclusão das mulheres ao plano do doméstico, orientando-se para os cuidados das crianças e permitindo que as mães voltassem a estudar e se sentissem seguras pela proximidade da sua sala de aula com o espaço das crianças.

Ao finalizar as reflexões, cientes das limitações do estudo desenvolvido e diante do que nos foi possível conhecer a respeito do Programa ProJovem Urbano, enquanto uma política pública de inclusão de jovens, reforça-se a necessidade de que novos estudos voltados para o desenvolvimento e impacto de programas deste porte continuem a ser desenvolvidos.

Percebe-se como visível a importância da implantação urgente das políticas públicas, logo, não é possível aceitar que um programa de tal magnitude, com uma proposta ímpar, não desperte o interesse de mudanças. Muitas são as explicações para o ocorrido, a mais relevante delas ligada à própria conjuntura interna de um início de governo e sucessivas trocas no comando da secretaria, fatores que geralmente não contribuem para uma política de continuidades.

⁴ Atendem crianças de zero a oito anos, filhos de jovens estudantes do Projovem Urbano, facilitando sua participação no programa. Vale destacar que a iniciativa não substituiu a creche, a educação infantil ou o ensino fundamental e também não tinha frequência obrigatória e funcionava nas escolas onde os pais frequentavam os estudos.

Observa-se uma falta de comprometimento e responsabilidade dos setores governamentais, independente das esferas federal, estadual ou municipal. Se a perspectiva é, de fato a reinserção desses jovens no processo educacional mais amplo, faz-se necessário um diálogo mais preciso entre setores de um mesmo governo.

Ao findar desta análise deixa-se perguntas em aberto: Para onde irão os jovens que concluíram o Programa ProJovem Urbano? Quem os encaminhará para o ensino médio? São perguntas que se deixa para os desdobramentos de futuras pesquisas, já que se trata de uma análise em construção.

Deixa-se registrado por pesquisador a sugestão de existir um programa que atenda também o ensino médio, tornando mais dinâmica e atrativa a reinserção dos jovens no sistema de ensino.

Espera-se que este trabalho possa ter contribuído significativamente na elaboração de novas pesquisas a serem desenvolvidas.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas**. Brasília: Autêntica, 2002.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **A pesquisa no cotidiano escolar: metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1991.

APPLE, Michael W. **Ideologia e currículo**. 3 ed. Tradução de Vinícius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2006.

ARROYO, Miguel Gonzáles. **Formação de professores para a educação básica: dez anos da LDB**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007a.

BAGNO, Marcos. **Pesquisa na escola**. Loyola: São Paulo, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997-a.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BENTES, Anna Christina. **Oralidade, política e direitos humanos**. In: ELIAS, Vanda Maria (org.). São Paulo: Contexto, 2011.

BERNSTEIN, Basil. **A estruturação do discurso pedagógico: classe, códigos e controle**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

BONI, Valdete; QUARESMA, Silvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. In: Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, vol. 2, nº 1, janeiro-julho/2005.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Tradução de Mateus S. Soares. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

BRASIL. **Cadastro Nacional de Estudantes do Projovem Urbano**. Secretaria Geral da Presidência da República. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI). Brasília – DF, 2008.

_____. **Plano Nacional de Formação para Gestores, Formadores e Educadores – Projovem Urbano**. Brasília – DF, 2008.

_____. **Projeto Pedagógico Integrado do Projovem Urbano**. Secretaria Geral da Presidência da República. Secretaria Nacional da Juventude. Brasília – DF, 2008.

_____. **Projovem Urbano: gestão e desafios**. Brasília: Coordenação Nacional do Programa de Inclusão de Jovens - Projovem Urbano, 2008.

BURNIER, Suzana; CUNHA, Flávio Macedo. **Estrutura curricular por eixos de conteúdos e atividades**. Brasília: Associação Brasileira de Educação, v. 24, n. 2, 2005.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação de professores e globalização**: questão para a educação hoje. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CURITIBA. **Resolução e Diretrizes Curriculares para Educação de Jovens e Adultos**. Prefeitura Municipal de Curitiba, Secretaria Municipal da Educação, Gerência de Educação de Jovens e Adultos. Curitiba, 2012.

ESTEBAN, Maria Tereza. **Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2009.

FARACO, Carlos Alberto (org.) **Estrangeirismos: uma guerra em torno da língua**. São Paulo: Parábola, 2001.

FÉRES, Maria José. **Textos complementares para Formação de Gestores**. Brasília: Coordenação Nacional do Programa de Inclusão de Jovens - Projovem Urbano, 2008.

FREIRE, Paulo. **Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta**. 8 ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2006.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 22 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Política e educação**. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1993.

FREITAS, Maria Tereza de Assunção. **Bakhtin e a Psicologia**. In: FARACO, Carlos Alberto (et al.). 3 ed. Curitiba: Editora da UFPR, 2001.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. **Manual do Educador: Orientações Gerais**. Brasília: Programa Nacional de Inclusão de Jovens - Projovem Urbano, 2008.

GIL, Antonio Carlos. Entrevista. In: **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GIROUX, Henry; SIMON, Roger. **Cultura popular e pedagogia crítica**. In: MOREIRA, Antonio Flávio; SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). Currículo, cultura e sociedade. São Paulo: Cortez, 2008.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

KUENZER, Acácia Zeneida. **Formação de professores para a educação profissional e tecnológica**. In: Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente. Coleção didática e prática de ensino. Vol. 3. Textos selecionados do XV ENDIPE. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa**. 3 ed. São Paulo: Editora Atlas, 1996.

LARROSA, Jorge. **Literatura, experiência e Formação**. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). Porto Alegre: Mediação, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. **Educação escolar: políticas estrutura e organização**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MINAYO, M.C.S. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa**. 10 ed. São Paulo : Hucitec, 2007.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; SILVA, Tomaz Tadeu da. **Sociologia e teoria crítica do currículo: uma introdução**. In: MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). 10 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

OLIVEIRA, Sara. **Texto visual e leitura crítica**. Pelotas: Linguagem e Ensino, 2006.

PERRENOUD, Phelippe. **Prática Pedagógica, Formação Docente e Profissão: Perspectivas Sociológicas**. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

PROENÇA, Adriano. **Gestão: Introdução Conceitual**. In: Gestão Pública e reforma Administrativa. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

SALGADO, Maria Umbelina Caiafa. **O ProJovem e a Gestão em Redes Sociais**. In: Textos Complementares Para Formação de Gestores. (Maria José Vieira Feres. et al.) – Brasília, Programa nacional de Inclusão de Jovens – ProJovem Urbano, 2008.

SACRISTÁN, José Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3 ed. Tradução de Ernani F. da Rosa. Porto Alegre: Artmed. 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Currículo e identidade social: territórios contestados**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2006.

VYGOTSKY, Lev. **Aprendizado e Desenvolvimento: um processo sócio histórico**. São Paulo, Editora Scipione, 2000.

APENDICE A



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
 SETOR DE EDUCAÇÃO
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: TEORIA E PRÁTICA DE ENSINO
 MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário (a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Desde logo fica garantido o sigilo das informações. Em caso de recusa você não será penalizado (a) de forma alguma.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do projeto: **Educando como Dono da Voz na Gestão das Práticas Pedagógicas nos Diferentes Espaços do Programa Projovem Urbano.**

Pesquisador responsável: Rogério Soares Fragoso

Telefones para contato: residencial (41) 3618-4702

celular (41) 9 9966-8866

Objetivo da pesquisa: Identificar na voz do educando como a gestão da aprendizagem em diferentes espaços (ônibus itinerante e escola) e sistema individual e coletivo interferem na aprendizagem e no atendimento ao currículo do Programa Projovem Urbano.

Resumo da proposta de pesquisa: Levantar as experiências de aprendizagem mais significativas dos educandos, vivenciadas no Programa Projovem Urbano, frente a gestão e o currículo dos dois espaços (ônibus itinerante e escola) visando obter subsídios para planejar a intervenção pedagógica.

Nome e Assinatura do pesquisador: _____

Rogério Soares Fragoso

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu _____ R.G. _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo. **Educando como Dono da Voz na Gestão das Práticas Pedagógicas nos Diferentes Espaços do Programa Projovem Urbano**, como sujeito. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo pesquisador **Rogério Soares Fragoso** sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido o sigilo das informações e que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade ou interrupção de meu acompanhamento/assistência/tratamento.
 Curitiba, de _____ de 2016.

Nome: _____

Assinatura do sujeito ou responsável: _____

APENDICE B



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
 SETOR DE EDUCAÇÃO
Programa de Pós-Graduação em Educação: Teoria e Prática de Ensino
 MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

Essa pesquisa objetiva ouvir na voz dos educandos do Projovem Urbano, egressos do período de 2006 a 2009 as experiências de aprendizagem vivenciadas nos dois espaços: individual (ônibus itinerante) e coletivo (escola).

1º Campo Investigativo: Perfil do educando Egresso do Programa Projovem Urbano do período 2006 a 2009.

1) Idade enquanto aluno do Projovem: _____ Idade hoje: _____

2) Sexo: () Feminino () Masculino

3) Estado civil:

3.1 Ontem: () solteiro () casado () viúvo () divorciado () união estável

3.2 Hoje: () solteiro () casado () viúvo () divorciado () união estável

4) Trabalhava enquanto aluno do Programa Projovem Urbano? () sim () não

5) Qual função exercia? _____

6) Cursos de Qualificação Profissional frequentados no Programa Projovem Urbano:

7) Qual a contribuição dos cursos de Qualificação Profissional na sua vida após cursar o Programa Projovem Urbano?

8) Qual a contribuição do Eixo de Participação Cidadã do Programa Projovem Urbano na sua vida comunitária?

2º Campo Investigativo: Avaliação do acompanhamento do professor e as dificuldades de aprendizagem nos dois espaços.

2) Como você avalia o **acompanhamento do professor frente as suas dificuldades de aprendizagem** no (a):

4.2 Ônibus itinerante:

4.3 Escola:

3º Campo Investigativo: A aprendizagem e o Guia de Estudo do Programa Projovem Urbano nos dois espaços.

5 Você considera que sua **aprendizagem com o Guia de Estudo do Programa Projovem Urbano** era melhor no (a):

5.1 Ônibus itinerante (individualmente com o professor):

5.2 Escola (coletivo):

4º Campo Investigativo: Os horários da escola e do ônibus itinerante e os espaços de conciliação entre o trabalho e escola.

4.1 Quais as razões frente os **horários** da escola e do ônibus itinerante possibilitava uma melhor **conciliação trabalho e escola**?

5º Campo Investigativo: Avaliação final da Unidade Formativa e o estudo individualmente no ônibus e/ou no coletivo da escola.

5.1. Aponte as razões pelas quais você na **avaliação final da Unidade Formativa**, de cada disciplina, realizada na última sexta-feira na escola, obteve melhor resultado por ter **estudado individualmente no ônibus e/ou no coletivo da escola**.
